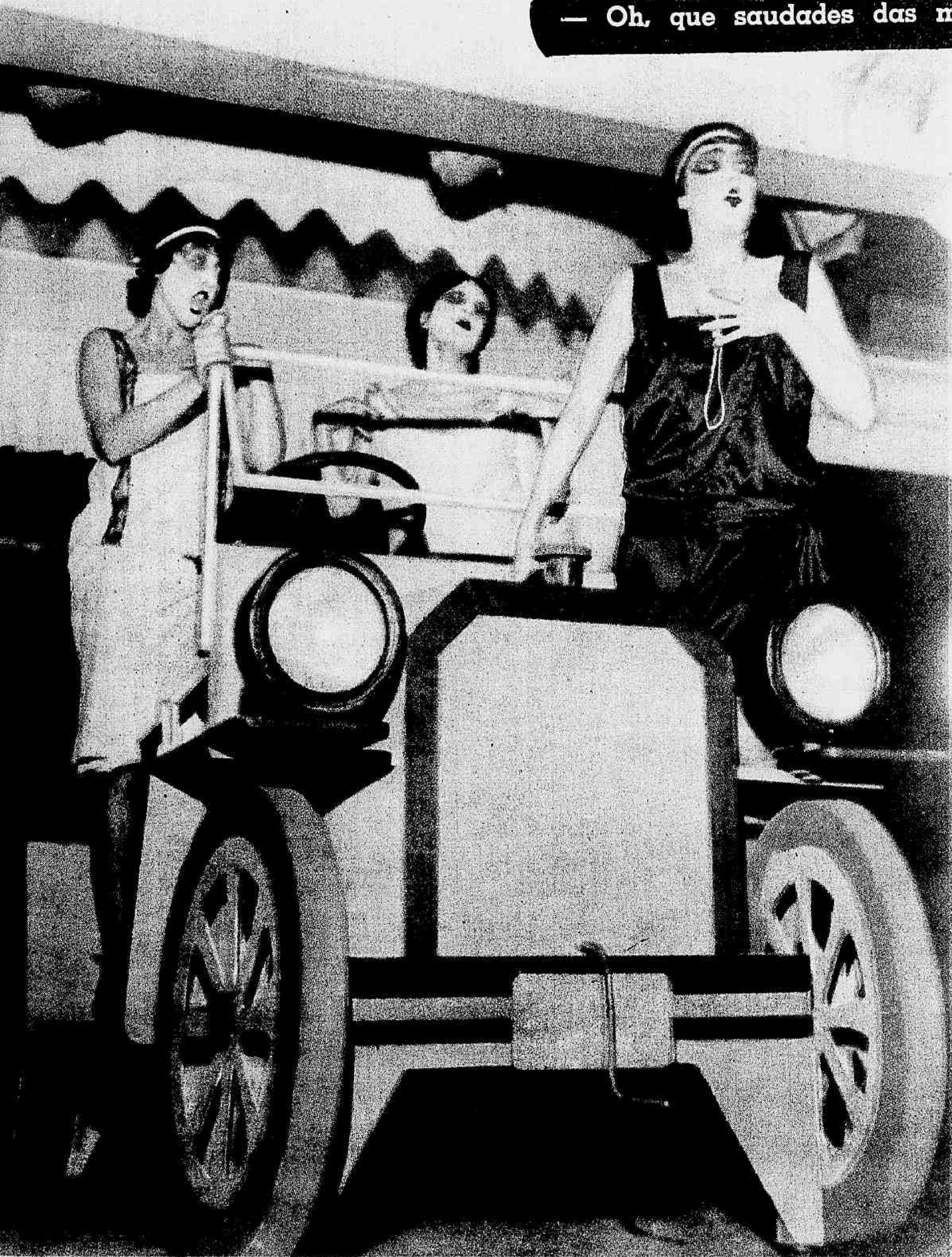
REVISTA
DA SEMANA
N. 4 22-1-55 Cr$ 5,00 em todo

FÁTIMA, REVELAÇÃO DOS TRÊS PASTÔRES (No texto)

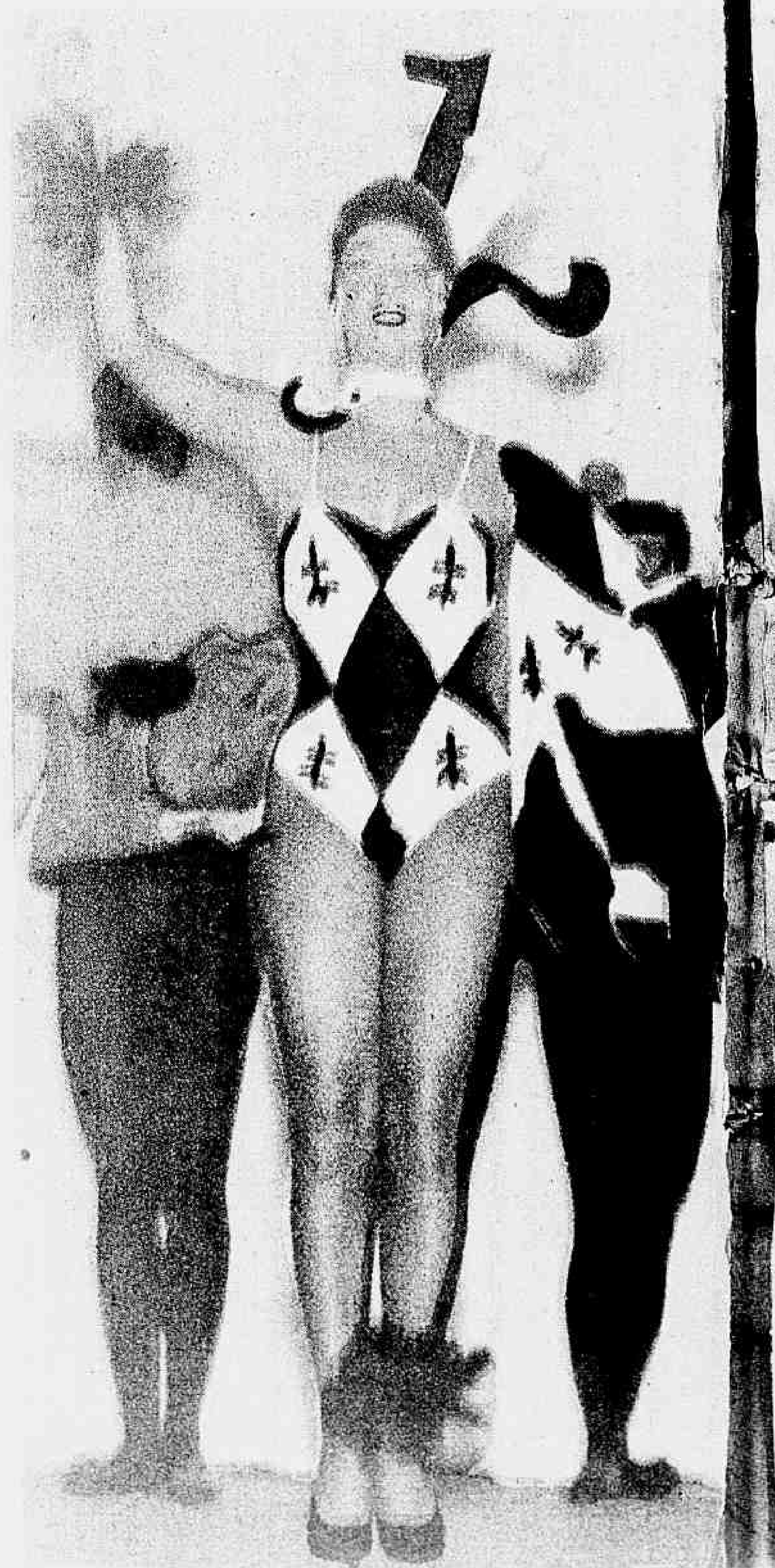
FANTASIAS PARA O SEU CARNAVAL



— Oh, que saudades das melindrosas e daquele Carnaval.

O título foi Jorge Lima quem inspirou:

ÊSTE RIO MOLEQUE...



Não tem água, não tem vida barata, não tem muita coisa boa — mas passar sem êle, quem pode? — Advento de uma fase saudosista brasileira.

Texto de CELESTINO SILVEIRA





Os gatos daquele programa de rádio (ouvintes, o meu miau amável...) inspiraram êsses magníficos felinos que ninguém afugentaria se aparecessem no telhado lá de casa. As fantasias, ricas de côres, ainda mais realçam a beleza das garôtas-moleques dêste Rio abençoado que tantos invejam... mesmo com a falta dágua...

OS saudosistas estão em grande moda: espetáculos de cinema e teatro, funções de buates e outras avulsas, inspiram-se freqüentemente em gente e coisas do passado, dando dinheiro aos empresários, alegria ao público e trabalho aos intérpretes. Parece que há mais gente saudosista, agora, que antigamente. O fenômeno não é brasileiro, porque na Broadway, em Piccadilly Circus e nos grandes ou pequenos teatros parisienses, a moda retrospectiva continua. Nos Estados Unidos, evocar músicas bem antigas é um hábito peculiar. Quem os visita, surpreende-se ao ouvir dezenas de melodias que um dia se popularisaram também no Brasil, para serem esquecidas logo após, enquanto no seu país de origem subsistem, enfrentando os sucessos mais em dia do «Hit Parade», vestidas e despidas de orquestrações cada qual mais rica. Em Londres, na coroação de Elizabeth II, um têrço dos espetáculos oferecidos aos turistas inspiravam-se em episódios da velha Inglaterra. Os alemães até hoje disfarçam o travo amargo da derrota bebendo a sua cervejada, subindo nas mesas dos bares e entoando as cantigas dos bons tempos que êles acreditam, hão de voltar e não tarda muito. Enquanto na Itália, o repertório napolitano resiste à ação do tempo, mesmo dêste tempo maluco que nos foi destinado para viver.

Só o brasileiro foi sempre refratário ao saudosismo, envergonhado de se confessar envelhecido, êle que é o povo mais novo do mundo. Tão envergonhado que chega a desprezar os seus artistas de maior fama, uma vez ultrapassada a casa dos sessenta... Enquanto em outras terras os velhos recuperam a mocidade diante do seu público: Mistinguette e Chevalier na França, Sophie Tuker nos Estados Unidos...

* * *

Mas agora o saudosismo veio a tona e também os espetáculos a que o carioca assiste, baseiam-se invariàvelmente em sucessos musicais, acontecimentos e pessoas que já não vivem ou, se vivem, envelheceram, é claro. Daí concluir-se que o saudosismo existia, de modo introspectivo: faltava apenas coragem para deixá-lo aparecer. E o resultado aí está. Quem primeiro descobriu na evocação carioca um filão de ouro foi o produtor Carlos Machado, detentor do maior espetáculo no gênero já realisado no Brasil, «Esta vida é um Carnaval», capaz de resistir a qualquer confronto na Europa ou nos Estados Unidos. Animado com essa experiência, o homem incluiu em seu novo «show», «Este Rio Moleque», uma série de «retrospectivos» do Carnaval carioca, desde as figuras lendárias de Pierrot, Colombina e Arlequim, às melindrosas contemporâneas do cinema silencioso, das batalhas de confete (com serpentina de verdade) na Avenida, penduradas em solenissimos Fords pré-históricos, a can-



Nanci Wanderley, nordestina efetivada no rádio carioca, «banca» a americana falsificada, mas Grande Otelo descobre o golpe...



À maneira de dom Pedro Vargas e Tito Guizar, olá! — o trovador mexicano dá o abraço de confraternização no «prata de casa».



Escola de samba, vestimentas exóticas, negras requebrando as cadeiras e abrindo os pulmões...



Carla Nelle faz uma Ava Gardner que não bebe chumbo derretido — com o sapatinho na mão. O secretário temperamental é Hélio Colonna.

tarolar o «Tá-hi» e outras marchinhas de quando não se falava em baião nem em disco-voador. Os programas de rádio especializaram-se em desenterrar periòdicamente as músicas de Sinhô, Noel Rosa e outros daquele tempo, que hoje devem assistir escandalizados aos plágios vergonhosos das letras e ritmos mais em moda — debruçado cada qual na sua nuvem, porque no seu tempo roubar era crime e crime podia dar cadeia...

* * *

Talvez o carioca esteja aderindo ao saudosismo como sinal de protesto. Ou então, é porque nas buates, tudo se apresenta à meia-luz, permitindo o disfarce das emoções que as fisionomias dos mais velhos vão estampando. Seja como fôr, o hábito entrou e dificilmente vai desaparecer. «Êste Rio Moleque» tem os momentos culminantes, os mais aplaudidos, os de incontestável mérito, calçados em lembranças do outro Rio, que não merecia um título tão irreverente, porque era, então, a cidade maravilhosa decantada. Hoje ficou muito em moda difamar o Rio, pobre-coitado, que não tem culpa dos desgovernos e do mal que lhe vem fazer gente de fora.

Mas o saudosismo, êsse, continuará: Quando redigimos esta crônica, sabe-se que a próxima evocação de Carlos Machado será a «Viúva Alegre», e Tônia Carrero vai ser uma Ana Glavary de fechar o comércio ou as outras buates.

REVISTA DA SEMANA

ANO 55 — Nº 4 — Rio de Janeiro — 22-1-55

REDATOR-CHEFE .... Celestino Silveira
PAGINAÇÃO .... Victor Tapajós

COLABORADORES — Adalgisa Nery, Octavio de Faria, Lúcio Cardoso, Pedro Müller, Grande Otelo, Paulo de Andrade Lima, Hélio Abreu, Sérgio Silveira, Milton Salles, Aôr Ribeiro, Aldney Peixoto, Demóstenes Varela e Samuel Averbach.

ILUSTRADORES — Alberto Lima, Ramón, Fortuna, Darel e Maria Teresa.

FOTÓGRAFOS — Arnaldo Vieira, Alberto Ferreira Lima e N. Viana.

SUMÁRIO

REPORTAGENS

Êste Rio Moleque 2/4
Os comentaristas políticos apontam os candidatos 6/8
Está sobrando «Miss» 10/13
Tudo sôbre o beijo 20/21
Comigo a realidade vira sonho 30/31
Esta é a verdade sôbre «Sete Dedos» 44/48
Fala o autor da «Fila da Fome» 49/52

SEÇÕES

Champanhota 9
Semana em Revista 14
Puxe pelo cérebro 14
Semana Astrológica 16
Flash Paulista 16
Por êsse mundo de Deus 22/23
Modas — Carnaval 26/27
Femininas 32/33
Teatro e Música 35
Palavras Cruzadas 36
Literatura 37
Cinema 39
Canção do Asfalto 41
A Figura em Foco 53

HUMORISMO

O Riso dos Outros 34

LITERATURA

Cultura Voadora (Adalgisa Nery) 5
A Chispa Humana (Homero Homem) 24/25
Fátima — Revelação dos Três Pastôres 28/29
Viagem inter-planetária 54/55

CAPA

Cabeça de Arlequim
(Foto Alberto Ferreira)

N.R.: — Por motivo de ligeira enfermidade, Fortuna deixa de apresentar neste número suas habituais páginas de bom-humor. Já na próxima edição, entretanto, voltaremos a divulgar as alegres criações do jovem humorista brasileiro.

Êste número consta de 56 páginas



Desenho de MARIA TERESA

CULTURA VOADORA

Tenho observado que após as eleições, os eleitos disparam para o exterior em busca de conhecimentos aplicáveis ao cargo eletivo obtido pelo voto popular.

Governadores, prefeitos, senadores, deputados e até vereadores transformam-se em turistas voadores. Passam no máximo dois meses fazendo a circunavegação do globo e na volta à pátria, carregam uma cultura, um conhecimento dos problemas complexos e um estudo tão profundo e meticuloso dos hábitos costumes dos vários e diferentes países e povos visitados em relâmpago, que me espanta. As suas bagagens de regresso pesam dez vêzes mais, acrescidas de folhetos de agências de turismo, propagandas distribuídas nas gares de trens e balões de aeroporto.

Ainda no tombadilho do transatlântico atracado na Praça Mauá se desfazem em longas conferências cheias de comparações, dão à publicidade plataformas de remodelações administrativas completas moldadas no sistema do país tal e sempre com referências a nomes de personalidades de prestígio mundial.

Daí passam a homens viajadíssimos, com um largo descortínio de visão e de experiências no estrangeiro, mentalidades desembaraçadas e ricos de contatos internacionais.

Eu fico olhando as suas fotografias, lendo as suas declarações, rindo dos seus projetos e imaginando a biblioteca de folhetos de propaganda turística colecionadas nos vários portos que encontraram.

Conhecer o mundo, conhecer os povos, conhecer os costumes e os hábitos de outros países, penetrar nos problemas complexos de cada nação, não é apenas exibir o passaporte coberto de vistos em embaixadas estrangeiras. E' coisa que leva tempo e necessário se faz para isso, ter um espírito apropriado.

A maioria dêsses turistas voadores já passou dos quarenta anos, sempre viveram no Brasil e nada conhecem dos nossos hábitos, dos nossos costumes nem dos nossos problemas.

Não acham voces um desperdício de tempo, de vitalidade e de vaidade o que fazem os nossos políticos com as suas viagens relâmpagos?

ADALGISA NERY

A VOZ DA IMPRENSA

OS COMENTARISTAS POLÍTICOS APONTAM OS CANDIDATOS

Reportagem de D. RENAULT

DO trato diário com os políticos das duas casas do Congresso, os comentaristas podem observar o pensamento dos líderes e tendência dos partidos. Enquanto na tribuna o orador dá mais um passo no aperfeiçoamento de demagogia, aquêles que quotidianamente freqüentam a tribuna de imprensa, observam conchavos e cisões que se processam sorrateiras nas dobras dos corredores. São os olheiros da corrida presidencial. O pleito ainda está distante, mas, o alvorecer de 1955 trará novos nomes na arena da luta política. No páreo com Juscelino — que tem defeito mas grandes virtudes — podem inscrever-se outros nomes: Canrobert, Juarez, Aranha, Jânio, Nereu, Ademar. Nesta reportagem dão seu palpite os comentaristas das principais fôlhas da cidade. Alguns não falaram nada, preferindo manter a sábia discrição própria dos políticos, como o Padre Dutra, por exemplo. O Catete está à vista. E de qualquer modo, nesta página são apontados os primeiros candidatos. Alguns poderão ser queimados no decorrer dos dias. Outros — quem sabe? — podem indicar **barbada** na corrida para a Presidência da República.



RAFAEL CORREIA DE OLIVEIRA

Pernambucano, 58 anos, do «Estado de São Paulo» e «Diário de Notícias»: — «Não sendo possível a candidatura do Brigadeiro Eduardo Gomes, porque as circunstâncias políticas o colocaram neste govêrno, eu me inclinaria, como eleitor, pelos nomes de Osvaldo Aranha e Nereu Ramos».



PEDRO GOMES

Baiano, 27 anos, de «Manchete»: — «Os partidos farão composições, candidatos serão queimados e é bem possível que se chegue a uma solução desastrosa como em 1950. Os grandes partidos, sobretudo a UDN e o PSD, devem tomar juízo. Eis o que é preciso antes de mais nada».



DOUTEL DE ANDRADE

Carioca, 33 anos, de «O Jornal»: — «Tanto quanto me autoriza minha modesta experiência no trato diário do problema político brasileiro, penso que a questão sucessória de 1955 se encaminha para uma solução em favor daquele candidato que se apresentar estreitamente ligado ao povo — essa entidade de que tanto falam os políticos às vésperas dos pleitos. Sem apoio popular ninguém (seja quem fôr) poderá pensar em governar o país».



DILTON MOTA



RAIMUNDO DE SOUZA DANTAS



ASCENDINO LEITE

Mineiro, 34 anos, do «Correio da Manhã»: — «No atual panorama político, tudo indica que pelo menos duas fortes correntes se defrontarão em 1955. Vencerá, a meu ver, a que dispuser de maior conteúdo popular, agitando os clássicos chavões do nacionalismo e das reivindicações proletárias. Acredito que o sr. Juscelino Kubitschek, com apoio do PTB, vencerá qualquer outro candidato, exceto o sr. Jânio Quadros, cuja candidatura, em determinado momento, poderá ser um imperativo».

Sergipano, 31 anos, de «A Noite» e «Diário Carioca»: — «Sou pela tese de que os Partidos devem se unir, numa frente nacional, e escolher um candidato de conciliação. Os políticos devem evitar a luta e estabelecer condições, no país, para um entendimento amplo, em benefício da própria subsistência do regime. Estamos numa hora difícil de crise, e é temível o destino dessa minha geração, que precisa se realizar, e só o conseguirá em condições normais de vida».

Paraibano, 39 anos, das «Fôlhas de São Paulo»: — «A despeito da candidatura em expectativa do sr. Juscelino Kubitschek, não é possível ainda ao observador fixar preferência dentro do processo normal de definições partidárias. Há uma situação de crise em desenvolvimento exigindo solução correspondente, para evitar equívocos funestos com os que contribuíram para o atual estado de coisas. Homens como Nereu Ramos, no PSD, ou Milton Campos, na UDN, para citar apenas as duas maiores agremiações do centro, podem altear-se às exigências do momento. O problema sucessório deveria ter tido seu início na base de nomes dessa altitude e não em indicações que lembrem qualquer idéia de retrocesso. Por enquanto, não existindo pròpriamente candidatura, eliminam-se as opções».



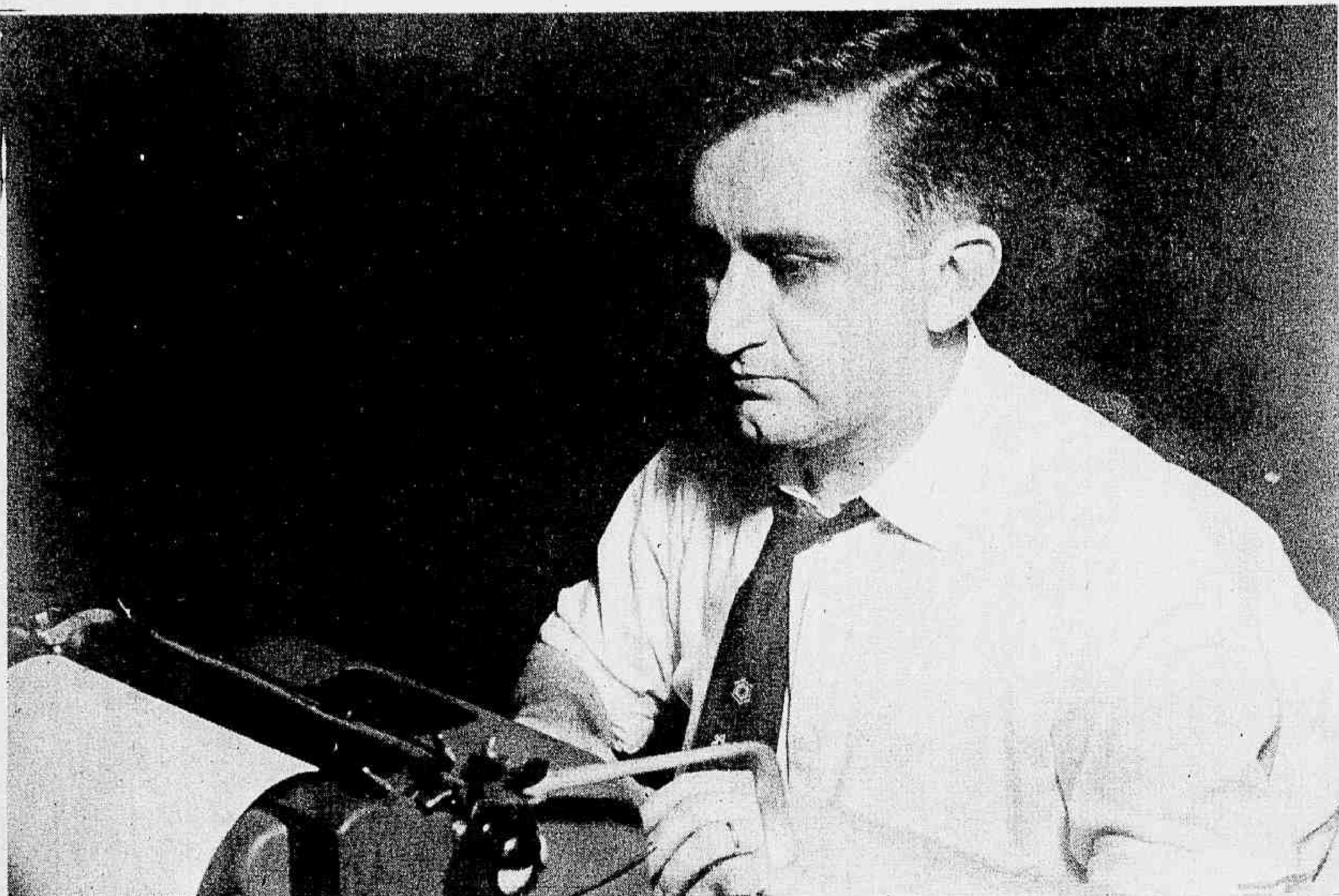
PRUDENTE DE MORAIS NETO

Carioca, 56 anos, do «Diário Carioca»: — «Penso que a candidatura Juscelino não condiz, não afina com o movimento da opinião pública e nem com as aspirações do povo. E' cedo para prever os nomes prováveis. Tive a iniciativa de lançar o nome do General Canrobert na seção do PR carioca. Mas o próprio general declarou que só aceitaria a candidatura em condições excepcionais. Acho que devemos criar estas chamadas condições excepcionais».

ALVARO LINS E SILVA

Pernambucano, 34 anos, de «A Notícia» e «A Marcha»: — «Acho que o candidato à Presidência da República deve ser indicado pelos partidos centristas, com o apoio de uma das classes chamadas populistas. Essa combinação, entretanto, não será fácil, pois tanto os trabalhistas, como os ademaristas e os janistas não parecem dispostos a uma aliança com as principais correntes do centrismo. Os candidatos mais prováveis são: Canrobert, Juscelino, Juarez e Etelvino (até agora, bem entendido). Outros nomes poderão surgir depois.

A VOZ DA IMPRENSA



CARLOS CASTELO BRANCO

Natural do Piauí, 34 anos, do «Diário Carioca» e «O Cruzeiro»: — «Por enquanto só há um candidato: o sr. Juscelino Kubitschek. Por enquanto não se sabe quem vai ganhar, mas apenas quem vai perder: o sr. Juscelino Kubitschek».

JOÃO DUARTE FILHO

Pernambucano, 46 anos, da «Tribuna da Imprensa»: — «Se os homens que dirigem os partidos tivessem serenidade e equilíbrio escolheriam Nereu Ramos para Presidente da República, pela austeridade que transpira daquela cara que Deus lhe deu e Prado Kelly para vice, para que tivéssemos a serena figura de um homem de cultura jurídica presidindo o Parlamento brasileiro».



MARCELO PIMENTEL

Mineiro, 28 anos, do «Diário da Noite» e «Agência Meridional»: — «Não há como negar, que o ideal seria a união nacional, em tôrno de um grande nome, que, por si só, servisse de base a um prestígio cada vez maior para o regime. O acôrdo geral, entretanto, caminha para o inviável, mesmo porque, o PSD majoritário, usando de um direito que é seu, lançou seu candidato à consideração da convenção nacional. No meu entender, seja o grande Nereu Ramos, seja o dinâmico realizador do Binômio — a maior obra administrativa já realizada em um Estado — ao PSD, deverá caber a indicação do candidato. Que as demais agremiações venham a se agrupar em tôrno do candidato daquele partido».



EURYLO DUARTE

Pernambucano, 28 anos, de «Última Hora»: — «Se as eleições de 55 forem realmente realizadas, teremos, na minha opinião, três candidatos: Juscelino, Jânio e um terceiro apresentado pela UDN e alguns pequenos partidos».

A PRAIA DA ORIGINALIDADE

PETER

DEPOIS de muita discussão, enfileirei os meus argumentos: nós devemos ir ao Arpoador porque é uma bela praia, tem belas meninas, é «bem», enfim, é civilizada. Êle entrou com os dêle, raramente tinha oportunidade de ir à praia, preferia a Urca, pois poderia nadar e jogar bola e, finalmente, não lhe interessava, absolutamente, que o Arpoador fôsse «bem» ou não. Acabou cedendo e lá fomos nós. Eu, na farda oficial e êle, no seu calção de bôca larga e camisa amarela, reminiscência do ante-penúltimo Carnaval. Chegamos ao pôsto 6, às 10 horas. Às 11, ainda procurava um jeito de furar, em direção às pedras. O trânsito estava de morte. Dois automóveis por metro quadrado e todos querendo ficar no mesmo canto, no país mais bem servido de litoral que se possa imaginar. Acabei desistindo.

O acúmulo de gente era tal, que se tinha a impressão de que um camelô havia feito ali o seu ponto. Não tinha importância; deixamos o carro em Ipanema e caminhamos. Por pouco teríamos que pegar um táxi, mas andar faz muito bem à saúde. Tomamos o nosso banho de mar, ou melhor, eu tomei aquilo que já convencionamos chamar assim. Fica-se deitado na areia, impossibilitado do menor movimento, sob pena de furar os olhos do vizinho que está colado na gente, disputando o centímetro de solo para a sua barraca. Quanto ao meu amigo, morreu de chateação.

O mar estava de morte e êle só pôde pegar borrifos dágua. A sua bola teve seu repouso semanal. Naquela imobilidade obrigatória os olhos desacostumados de meu amigo viram detalhes que os meus já não podiam ver. Para meu espanto, descobriu que o Arpoador é a praia da originalidade em série. Todos os rapazes são originalidade queimados da mesma forma; tôdas as moças se penteiam, tendo como figurino a última aparição cinematográfica de Marlon Brando, penteado que chamam, muito mimosamente, de «tarado». Pelo mesmo sistema, tôdas mandam comprar seu «maillot» diferente nos Estados Unidos, mesmo com o «dollar» a oitenta. Os rapazes fazem algumas «roscas» com pesos tremendos, incham a musculatura, jogam a toalha no ombro e vão em frente. Aí, tôdas as estrelinhas querem ser «vedettes». Mas, estranho por se tratar de uma praia e porque as mulheres estão abolindo o seu uso, estranho — repito — é que esta busca frenética do original encontra seu ponto máximo, mais alto mesmo, no chapéu. Neste setor, vale desde a mais cara «ralia» italiana até o nosso chapéu de palha, roceiro, que sofre antes uma intervenção da tesoura, um esfiapamento nas pontas e um laço de fita estampado. São tantos e tão diferentes que já mereceram uma reportagem colorida de Rudge. A linguagem é também particular. Fala-se português, mas as palavras são empilhadas de maneira diferente. Quando o jovem pediu um «hot dog», meu amigo não entendeu e ficou muito desiludido, ao saber que era apenas um banal cachorro quente. Êle ia falando e eu ia olhando, vendo pela primeira vez. Notei as barracas de retalhos, as de «pois», as com enfeites, tôdas diferentes das clássicas gomadas. As cadeiras de lona, as «saídas» de praia com bóias coladas nas costas. Enfim, a preocupação constante é ser diferente. E, paradoxal, todos olhavam muito para o meu amigo despenteado no duro, sujo de areia, com calção de bôca larga e a sua velha camisa amarela. Quando freei o carro diante de minha casa, fui obrigado a concluir que, qualquer dia dêstes, alguém irá ao Arpoador com uma arara no ombro. No dia seguinte, tôdas as araras do Amazonas estarão no Arpoador, capital original de Copacabana-Ipanema-Leblon.



Num jantar, as sras. Condêssa de Paris, Hugo Meira Lima, E. G. Fontes e os srs. Barão de Saavedra e senador Artur Bernardes Filho

EUCLIDES FAZ ANOS

No «Sacha's», um grupo de amigos ofereceu um jantar ao sr. Euclides Aranha, por ocasião de seu aniversário.

DOLORES DE PARABÉNS

A sra. Dolores Guinle está de parabéns. Acaba de ser escolhida para a lista de Cholly Knikerbocker.

DESPEDE-SE MARTINHO NOBRE

O Embaixador de Portugal deu um jantar em homenagem ao sr. Martinho Nobre de Mello que está de viagem para aquêle país. Ao jantar, compareceram diplomatas, políticos e escritores.

QUADRO NO «BEGUIN»

Foi muito bem enxertado o quadro carnavalesco do «show» «No país dos Cadillacs», Silveira Sampaio foi muito feliz na escolha dos elementos.

NAZARETH EM PUNTA DEL ESTE

O costureiro Nazareth foi convidado para comparecer com suas criações de Moda Brasileira, que se fará em Punta Del Este, logo após o encerramento do Festival de Cinema.

A FIGURA DA SEMANA



Sra. Naná Winans, uma das figuras mais interessantes de nosso mundo social, que por muitos motivos ocupa hoje esta coluna.

Trata-se da pessoa que, provàvelmente, melhor recebe no Rio de Janeiro. Não é carioca, nasceu em São Paulo, filha de um homem que, por amizade aos bichos, tinha em sua casa um jardim zoológico mirim. Não se trata de xarada, pois, quando se fala em receber bem, pensa-se imediatamente na sra. Naná Winans, pessoa que fêz no Largo do Boticário o mesmo que Rubem Braga fêz por Cachoeiro do Itapemirim. Nas suas famosíssimas recepções (já recebeu Doris Duque, o duque de Alba, um dos filhos de Ford, Dean Acheson e outras pessoas de projeção internacional) jamais usa flôres, se bem que enfeite centros de mesa com folhagens.

Criada num ambiente de bom gôsto, fêz decoração com a sra. Fifi Assunção, formando o «If», casa de grande sucesso. Tem intensa vida social, mas acorda, invariàvelmente, às sete horas da manhã e segue direto para seu bonito jardim, onde cuida pessoalmente de cada planta. E' o seu «hobby». Tem uma coleção de troféus que ganhou nas provas de hipismo. Senhora de formidável tradição, possuindo uma casa que, em qualquer dia e a qualquer hora, pode receber com a máxima perfeição, é, ao mesmo tempo, moderna: foi a primeira senhora brasileira que viajou a jacto, fazendo o trajeto Bombaim-Roma. Anualmente, promove a confecção de muitas mil peças de roupas para crianças pobres.

Dificilmente, em Sociedade, encontra-se pessoa mais interessante ao descrever as suas viagens. Não só correu o mundo, prestou atenção, assimilou o que viu. E' de se ficar tôda uma noite, fascinado, ouvindo-a a falar da super-fechada sociedade de Boston ou das lendas que cercam os monumentos indianos.

NO BRASIL, COMO EM TODO O MUNDO

ESTÁ SOBRANDO MISS...

O QUE HOUVE NO SETOR DA GRAÇA E DA BELEZA, NO PAÍS, EM 1954 ★ SETE MISSES PARA UMA ÚNICA MRS. ★ OITO CONCURSOS DE REPERCUSSÃO ★ A MODA ESTÁ PEGANDO

Texto de SAMUEL AVERBACH

ESTAMOS em 1955, no despontar de um novo ano, que já se anuncia igual aos outros, da República e do Império, que o Brasil conheceu. Em Belo Horizonte ocorreu um crime de morte e, no Rio, já houve um trágico acidente ferroviário. O Presidente Café Filho viajou para a Bolívia, e a vida e a morte continuam.

Os discos voadores têm saído do cartaz , mas não tardarão a recuperar o seu prestígio. E, para tal, nada melhor do que a instituição de um nóvel concurso, original em tôdas as suas formas — a eleição de «Miss Disco Voador». Provàvelmente, os franceses já terão pensado nisso (os compatriotas de De Gaulle são sempre os primeiros a pensar em coisas extravagantes, quando se trata de concursos de beleza). Mas, enquanto não há tal iniciativa no Brasil, somos obrigados a nos ater à série de concursos que costumam ser levados a efeito durante os 365 dias de cada ano.

Sim, porque a moda está pegando e, daqui para a frente, vamos ter ainda muita moça bonita no cartaz. Falemos, então, das oito jovens que foram eleitas no ano que passou, nos certames em que tomaram parte.



PATRÍCIA LACERDA
Miss Distrito Federal

Como todos os anos tem ocorrido, ùltimamente, realizou-se um concurso internacional em Long Beach, Califórnia, para eleição de «Miss» Universo, a jovem que seria soberana entre tôdas as beldades do mundo. Assim, o Brasil teria de mandar sua representante ao certame. Como providências preliminares, far-se-ia a eleição das jovens em cada Estado e no Distrito Federal. Na Capital da República, sagrou-se vencedora a linda artista de cinema, Patrícia Lacerda. Dotada de uma beleza que pode ser chamada de brejeira, a conhecida Pat venceu «com um pé nas costas», como se diz na gíria, e ficou aguardando a eleição da mais bela brasileira. Mas a sorte não lhe seria favorável.

MARTA ROCHA
Miss Bahia

Após a escolha de uma jovem em cada Estado, processou-se a seleção final, cansativa e difícil, entre as diversas candidatas que viajaram para o Rio de Janeiro. Logo de início, a atenção de todos foi atraída para uma jovem loura, de olhos, sorriso e dentes maravilhosos, a par de um porte grácil e de... Bem, atualmente, todos conhecem a «nossa Marta». O fato é que Martinha levou de vencida a Patrícia Lacerda, Lígia Beatriz («Miss»





Está sobrando Miss...

desfiles em que foi necessário mostrar graça, encanto e personalidade. Eis algumas particlaridades a respeito de «Miss» Elegante: bonita (uma beleza que lembra as adolescentes do princípio do século), expansiva, muito simpática e, além do mais, inteligente. Gosta muito de poesia, adora a música simples e brasileiríssima, sendo Caymmi o seu preferido.

AGNES FONTOURA

A artista mais elegante do Brasil

O seu título é êsse mas nós, daqui, por questão de homogeneidade, vamos chamá-la de «Mrs.» Elegante (ela é casada) pois, afinal, a nossa focalizada saiu airosamente vencedora num concurso difícil e puxado. Ela, que já foi candidata finalista a «Miss» Cinelândia, acabou por se laurear num certame expressivo, como candidata de mérito. Seu prêmio maior foi uma viagem a Paris, onde a receberam carinhosamente, tendo se apresentado no rádio e na TV, ao lado de Georges Guetary e Tino Rossi. O sucesso foi tanto, que recebeu convites para filmar no estrangeiro, mas ela, como boa brasileira, prefere filmar no Brasil e conseguir a fama devida para, depois, aventurar no estrangeiro. Curiosidade: como a mais elegante, Agnes Fontoura possui cinqüenta pares de sapatos e cêrca de vinte costumes; e sabe caprichar no vestir-se, naturalmente.



Rio Grande do Sul) e Zaida Saldanha («Miss» Estado do Rio), que foram suas concorrentes mais sérias. O curioso sôbre esta última é que ela fôra derrotada por Pat, na seleção da mais bela do D. Federal, e voltou à final, já agora como vencedora no Estado do Rio. Qualquer semelhança com os truques de transferência de jogadores de futebol é mera coincidência...

Uma vez vitoriosa e, a despeito das explosões temperamentais de Patrícia Lacerda, inconformada com a derrota, a baiana Marta Rocha seguiu para os Estados Unidos, levando um mundo de esperanças; todos esperávamos que ela conseguisse uma colocação honrosa no certame. E o resultado foi além da expectativa. A linda Marta, desde os primeiros dias de permanência na Califórnia, chamou a atenção de todos para a sua pessoa, com seu encanto e sua beleza verdadeiramente angelicais. À primeira seleção ,ela resistiu galhardamente, e passou a ser a favorita de todos. Já nas provas finais, foi com surprêsa que o júri deu a vitória a Miriam Stevenson, representante dos Estados Unidos. Por uma diferença de duas polegadas, na medida das cadeiras, Martinha perdera o cetro e a consagração como «Miss» Universo. Era mais um título de vice, para o Brasil. Mas, seja como fôr, podemos orgulhar-nos de possuir a jovem que foi a segunda mais bela do mundo (campeã de fato, para alguns) e, de onde saiu esta, deverão sair outras mocinhas guapas e encantadoras, pois o Brasil é um celeiro de beldades.

SÔNIA MARIA CARNEIRO

Miss Elegante Bangu

Êste concurso reúne moças de todo o Brasil, e a vencedora fica de posse de um título expressivo, além dos prêmios que lhe são oferecidos, entre os quais uma viagem a Paris. Sônia Carneiro, candidata do Distrito Federal, derrotou suas oponentes, após uma série de



ILDE GARAVAGLIA

Glamour Girl

Esta também não tem título de «Miss», como declarou ao telefone, quando lhe pedimos para posar. Mas, como no caso anterior, não podemos deixar de acrescentar êsse aditivo ao seu título imponente, pois que ela é a rainha da sedução, do «charme» e do complexo de têrmos que serviriam para definir o vocabulário britânico. O concurso, já tradicional, foi realizado pela sra. Léa Fonseca Duvivier e patrocinado por um grupo de damas da sociedade carioca. E assim, as «glamour girls» vão sendo eleitas, transtornando a mente dos seus namorados e amiguinhos, que vêem nisso mais um motivo para a declaração do seu amor, da sua paixão. De grande levada que foi no colégio, Ilde tornou-se uma figura conhecidíssima nos meios sociais, graças ao encanto que estadeia. E, enquanto o tempo vai passando, sucedem-se os boatos a seu respeito. Segundo tivemos oportunidade de saber, a jovem filha de italianos, que conta apenas 20 anos, já recebeu mais de meia dúzia de declarações amorosas, epistolares, telefônicas e verbais...

LÍGIA BEATRIZ CAROTENUTO

Rainha do Algodão Brasileiro

A «Miss» Algodão foi eleita num concurso relâmpago, promovido por diversas organizações. A jovem gaúcha de 18 anos, estudante de filosofia, veio ao Rio como «Miss» Rio Grande do Sul, disputar o cetro de «Miss» Brasil. Inscreveu-se no concurso de «Miss» Elegante Bangu de 54 e disputou ainda o título de «Miss» Cinelândia. Como prêmio à sua vitória, passará quinze dias nos Estados Unidos, aparecerá na televisão e no cinema, apresentando-se em vários centros americanos. Podemos chamá-la de «Rainha Relâmpago». Assim, é mais uma embaixatriz da beleza e cultura brasileiras, que nos fará mais conhecidos e admirados no estrangeiro.

AVANY MAURA FONSECA

Miss Cinelândia



Sucedendo a Inalda Carvalha, a carioquinha de 18 anos, filha de um médico e de uma rádio-atriz e irmã de Amaury, goleiro do Botafogo, foi declarada a jovem de futuro mais promissor, dentre as várias dezenas que se apresentaram no difícil concurso. Avany, como fàcilmente se pode deduzir pela fotografia, adora a praia e nada muito bem; além disso, joga volibol, gosta de cinema e teatro e dança como poucas. Nos estudos, desistiu do curso científico para fazer o de normalista. A morena clara de olhos e cabelos castanhos que tão bem se conduziu nas provas a que foi submetida pelos juízes do concurso, viajará a Paris e Roma e fará um filme na Atlântida, como prêmios de vitória. Depois... Bem, o futuro dirá de suas qualidades como atriz. Vamos aguardar.





NÚCIA MIRANDA

Miss Objetiva

A jovem capixaba, ex-professôra e atual «show-girl» do Casablanca é a rainha dos fotógrafos do Rio de Janeiro. Sua vitória foi insofismável, em contraste com o que ocorreu no concurso do ano anterior, tumultuado por brigas e correrias, durante a última apuração levada a efeito. Tanto que, agora, a diferença de votos da bela Núcia (possuidora de um encanto exótico e diferente) sôbre a segunda colocada foi de 20.000 pontos. Quando a candidata do Flamengo se apresentou para o desfile, no Hotel Glória, tôda gente ficou que queixo caído e o silêncio foi rompido por uma série de exclamações de indizível admiração: Motivo: Núcia Miranda estava de bikini.



Eis aí as oito jovens brasileiras que atraíram a atenção de todo o Brasil e, por que não dizer, de vários países estrangeiros, para as suas qualidades de moças sadias, belas e encantadoras. Esperemos que neste ano de 1955 tenhamos novos concursos em nosso país, onde a fina flor da graça e do «charme» brasileiros seja destacada e trazida a um plano de relêvo, para que as nossas representantes possam ombrear-se com qualquer «Miss» dentre as centenas que são eleitas anualmente, por êsse vasto mundo.

Semana em Revista

PAULO ANDRADE LIMA

DURA LEX SED LEX — Alguns leitores estranharam a expressão «comprometido», mas não «muito» que usamos com relação ao sr. Vinicius Valadares atualmente diretor do Banco Mineiro da Produção e o caso do Banco Central. Explica-se: o referido banqueiro tem a ver com o caso ùnicamente o fato de ter sido na época diretor do Banco Central e manda a lei que, no processo, seja investigada a atuação de todos os diretores, num período de cinco anos, até a apuração das responsabilidades.

EXPORTAÇÃO — Estão sendo criadas pela CACEX tôdas as dificuldades possíveis a uma fábrica de espoletas situada no Município de Lorena. Pretende o referido estabelecimento industrial exportar para a República Dominicana perto de 18 mil dólares mensais que de certo viriam contribuir para o aumento de nossas divisas.

IRREGULARIDADE — Acaba de ser nomeado para membro da Comissão do Teatro Municipal o Maestro Sílvio Piergili. Acontece porém que o felizardo recém-nomeado pela atual administração também é empresário registrado no Ministério do Trabalho.

SUPERMERCADOS — O grupo Simonsen está lutando a todo vapor para obter o arrendamento dos restaurantes do «SAPS» a fim de instalar na Capital uma rêde de Supermercados.

TRABALHO E TENACIDADE — Levando de vencida todos os atropelos criados por capitalistas detentores de títulos da dívida pública, fantasiados de homens de negócios, e também por uma burocracia emperrada, foi solenemente instalada a Refinaria de Capuava, em São Paulo.

INDIGESTÃO — Não é bem o têrmo, mas o fato é que Leandro Maciel, eleito governador de Sergipe numa brilhante vitória eleitoral, vai encontrar o Estado abarrotado: 750.000 sacos de açúcar, 200.000 de arroz, 200.000 de milho — tudo guardado à fôrça porque não há transporte: não existem estradas, o pôrto está entupido, sem falar do aeroporto que não presta. E Lourival Fontes não vai escrever uma memória: «Sergipe e os Últimos 20 Anos»...

GRÃ-FINO — Um dos irmãos Condé (José), segundo comentários por nós ouvidos nos círculos grã-finos — está tentando forçar as portas da «alta roda», e, ao que parece, não tem mais tempo para cuidar do vitorioso «Jornal de Letras», pois todo o seu tempo está sendo dispendido no acesso às «classes nobres». E o mais pitoresco é que o nosso José, de vez em quando, toma uns ares de «elemento em potencial» da esquerda.

INVASÃO — Nadia Morlay (Medalha de Prata em Artes, Ciências e Letras de Paris, Prêmio Roma-Brasil-Itália; Medalha de Ouro e de Flôres no Salão de Paris) durante sua última exposição de quadros, no «Quitandinha» sofreu uma concorrência sui-generis: os negociantes de jóias saíam do seu «território», no mencionado hotel, e iam vender sua brilhante mercadoria entre os visitantes dos quadros da consagrada artista patrícia que estrilhou... é claro!

PROPAGANDA — O dia Pan-americano de propaganda de 1954 teve suas solenidades prestigiadas pelo Ministro do Trabalho, sr. Napoleão Alencastro Guimarães, que ali compareceu pessoalmente. Parabéns a Manuel Vasconcelos e seus companheiros.

NATA DE CASA — Nosso companheiro Alberto Lima, autor de mais de 300 ex-libres, acaba de ser distinguido pelo govêrno de Portugal com uma medalha de «Socorro aos Náufragos». Lima, porém, não é nadador e jamais arrebatou alguém das ondas. A homenagem foi ao artista.

Puxe pelo cérebro

NOSSA COLUNA DE TESTES

1—Podal significa:
- **Relativo ao pé?**
- **A podagem?**
- **Ao poder?**

2—O «Tigre da Abolição» foi:
- **Castro Alves?**
- **José do Patrocínio?**
- **André Rebouças?**

3—O pioneiro da imprensa brasileira foi:
- **Frei Caneca?**
- **Hipólito José da Costa?**
- **Ruy Barbosa?**

4—O Barão de Cêrro Azul nasceu em:
- **Amazonas?**
- **Paraná?**
- **Minas Gerais?**

5—Garrião é:
- **Peixe?**
- **Ave?**
- **Macaco?**

6—Quem escreveu «Madame Bovary»:
- **Anatole France?**
- **Gustave Flaubert?**
- **Eça de Queiros?**

7—Gargajola significa:
- **Homem alto?**
- **Espécie de gargarejo?**
- **Dança típica portuguêsa?**

8—Lablad é:
- **Sábio francês?**
- **Planta leguminosa?**
- **Dança antiga?**

9—Cubata é o mesmo que:
- **Senzala?**
- **Depósito de cubos?**
- **Planta medicinal?**

10—Equável significa:
- **De fácil solução?**
- **Relativo à equitação?**
- **Igual?**

11—Abacaba é:
- **Fruta amazônica?**
- **Lenda?**
- **Nome indígena?**

12—O romance «Bagaceira» foi escrito por:
- **Graciliano Ramos?**
- **Victor Hugo?**
- **José Américo de Almeida?**

13—Mentirola é:
- **Mentira inofensiva?**
- **Grande mentira?**
- **Doença da mente?**

14—O primeiro livro brasileiro foi:
- **«Memórias de um Sargento de Milícias»?**
- **«Y-Juca-Pirama»?**
- **«A Prosopopéia»?**

15—Nossa Senhora de Fátima apareceu em:
- **Vila do Melgaço?**
- **Cova da Iria?**
- **Tras-os-Montes?**

CLASSIFICAÇÃO: — Resposta 0, estado primitivo — homem-macaco; de 1 a 3, cultura inferior — selvagem; de 4 a 6, cultura média — estudante ginasial; de 7 a 11, cultura superior — universitário; de 12 a 15, um sábio; tôdas as 15, um gênio em pessoa.

RESPOSTAS: 1 — Relativo ao pé; 2 — José do Patrocínio; 3 — Hipólito José da Costa; 4 — Paraná; 5 — Peixe; 6 — Gustave Flaubert; 7 — Homem alto; 8 — Planta leguminosa; 9 — Senzala; 10 — Igual; 11 — Fruta amazônica; 12 — José Américo de Almeida; 13 — Mentira inofensiva; 14 — «A Prosopopéia»; 15 — Cova da Iria.

MARIA

CONCLUSÃO

ÊLE abaixou a cabeça e aquêle gesto foi para mim mais uma confirmação do que outra coisa. Precipitei-me, comecei a sacudi-lo:

— Não, não é possível, não é dela que se trata!

O sr. M. abaixou a cabeça e esperou que eu compreendesse tudo. Compreender eu compreendia — e que podia fazer senão lamentar-me, gritar e torcer as mãos? Fôra para isto que eu abandonara o Cauca, fôra para isto que eu viera estiolar numa cidade triste como Londres, longe de tudo o que era meu e de tudo o que eu amava?

Naquele mesmo dia preparei minhas coisas e começamos a longa viagem de regresso à América. Via desfilar paisagens junto a mim, ouvia pessoas conversarem, mas a única coisa que me interessava era a paisagem da minha terra natal, a voz dos meus, o olhar de Maria. Ah, era verdade o velho ditado, tudo passa nesta terra, e com que rapidez. Tudo passa, e eu esperdiçara o tempo, ajuntando uma ciência inútil, que não amenizaria meu sofrimento.

Viajamos não sei quantos dias. Viajamos por terras e terras que não me diziam nada, entre rostos cuja linguagem eu não compreendia. E uma tarde afinal, depois desta longa peregrinação, desaguamos frente às minhas amadas montanhas do Cauca. Ali poderíamos recomeçar tudo, a vida seria diferente, ainda que fôsse a pior das vidas.

Assim que deixei escapar aquêle grito, êle deixou pender a cabeça. Ah. Como eram certas minhas suposições — era de Maria que se tratava, e provàvelmente nunca mais eu a veria. Nunca mais desataria suas tranças entre meus dedos, nem roçaria seus lábios vivos com os meus, nem a sentiria fremir ao meu lado. Durante algum tempo, tonto, esperei que o senhor M. retomasse a palavra. Êle o fêz, dizendo:

— Devemos partir dentro em pouco...

E mais baixo, como se tivesse vergonha do que estava falando:

— Se quisermos chegar a tempo.

Corri a empacotar o que era meu e dentro em pouco partíamos rumo ao Cauca. Que tristes pensamentos me ocorriam, enquanto se aproximava a minha nativa terra americana. Maldizia a mim mesmo e o mundo. Que Deus cruel inventara aquêle amor para despedaçá-lo de modo tão brutal? E repetia incessantemente, através de minhas lágrimas, Maria, Maria.

Os dias que atravessei em viagem pareceram-me anos. Quando cheguei defronte da velha mansão de meus pais, confesso que me achava mais velho, mais alquebrado. Não tinha fôrças para correr ao encontro do pobre objeto dos meus amôres e tremia; olhando as árvores e as coisas que em outras épocas já nos havia visto tão felizes. Na varanda, meu pai veio ao meu encontro, abrindo os braços. Tombei nêles, soluçando.

— Ah, meu filho, como são estranhos os desígnios de Deus...

Soluçava, sem coragem para indagar: onde está ela?

Apenas Ema veio ao meu encontro, e compreendi sem grande esfôrço que os outros se achavam ao seu lado.

— Ema, ousei afinal perguntar, como está ela?
Ergueu para mim os olhos inundados de lágrimas.

— Como poderia estar?

E por essas simples palavras, mais do que por outra demonstração qualquer, senti que o fim se aproximava velozmente.

Deixei-me abater numa cadeira, sem coragem para atravessar aquela soleira. Meyio veio lamber-me os pés. Ao longe, ouvi os cães latirem. Tudo era igual, só Maria começava a não estar presente.

Era preciso reagir no entanto, e perguntei ao meu pai:

— Como se deu tudo?

Êle foi peremptório:

— De modo quase brutal.

— Depois que parti?

— Alguns dias depois.

E com um suspiro:

— Estávamos aqui, nesta varanda...

— Sòzinhos?

— Sòzinhos, quando ouvimos um grito.

— E então?

— Corremos, Maria estava estirada no chão.

Calou-se, enquanto eu examinava angùstiadamente sua fisionomia.

— Era um ataque, continuou, mas daquela vez, diferente das outras, não voltou logo a si. Mandamos chamar o doutor, e velamos tôda a noite. Ela só dava sinais de existência, porque suspirava de vez em quando.

— E aí?

— Passaram-se alguns dias, depois que voltou a si. O médico procurou-me à parte, afirmando: «É triste, mas sou obrigado a confessar que não me fio muito nas aparências. Maria poderia sobreviver, mas...»

A êste mas, dexei escapar um grito.

— Como, havia uma possibilidade?

Êle moveu a cabeça:

— Havia.

— E qual era?

Novo suspiro, e concluiu:

— O médico disse: «O que a punge, é um mal interior. Há uma pena secreta que a devora». Então compreendemos, e mandamos o sr. M. chamá-lo.

Ah, era isto, era isto, como eu tanto previa!

Meu pai abaixou a cabeça e suas novas palavras foram ditas num tom quase imperceptível:

— Só que temos receio... de que seja muito tarde...

Ouvindo isto, ergui-me de um salto, atravessei a sala e ganhei o corredor: Minha mãe apareceu, vindo ao meu encontro.

— Meu filho, disse.

Mal abracei-a, dizendo:

— Onde está ela?

Indicou-me o quarto do oratório, onde havíamos nos despedido.

— Ali.

Empurrei a porta e entrei. Uma doce penumbra envolvia as coisas. Um odor de remédios, peculiar ao quarto dos enfermos, vagava pela atmosfera. Aproximei-me da cama, pé ante pé:

— Maria, exclamei.

Ela estava reclinada sôbre um montão de travesseiros, olhos fechados. Nunca vira palidez tão grande. Tornei a fechá-la, e ela abriu os olhos devagarzinho.

— Efraim, murmurou.

Vi que fazia um esfôrço para estender-me as mãos, mas não o conseguia.

Tomei-a entre as minhas, cobrindo-a de beijos e de lágrimas.

— Maria, Maria, exclamei, você ficará boa, voltaremos a ser felizes, você vai ver.

Ela moveu a cabeça, os olhos inundados de lágrimas.

— Não pode ser, Efraim, Deus não quis.

E mais baixo, quase num sôpro:

— Lembra-se do pássaro, daquele grande pássaro negro? Era a minha morte que êle predizia... Mas não há de ser nada, Efraim, você me esquecerá e será feliz.

Foi quase um grito que rompeu meus lábios:

— Não, não, se você se fôr, nunca mais haverá paz para mim, Maria, nunca mais!

Ela fêz um movimento negativo, sorriu:

— É preciso.

Não disse mais nada, mas conservou a mão entre as minhas. Não sei quanto tempo se passou, eu chorava sempre e através do pranto via os vultos deslizarem em tôrno de mim, meu pai, Ema, minha mãe, todos os de casa. Mas era como se já estivesse mais do lado de Maria do que do lado dêles. Debruçado sôbre ela, bebia com avidez aquela respiração que se esvaía.

Morreu na tarde seguinte. Todo o Cauca arroxeava-se com o pôr do sol e as açucenas, tão caras a Maria, floriam pelo jardim inteiro. Três dias ainda, deitada e fria, permaneceu entre nós. Não sei o que foram minhas ações por essa ocasião, nem que palavras disse, nem o que ocorreu em tôrno a mim. Num determinado momento, levantei-me, uma grande paz havia se feito dentro de minha alma. Não a paz da resignação, mas como um grande e irremediável vazio. Fui ao jardim, colhi uma braçada de açucenas. Ema veio ao meu encontro:

— É preciso ter fôrças, Efraim.

— E não as tenho, Ema?

Ela fitou-me com piedade.

— Ah, você não compreende.

— Que é preciso então?

— Olhar-se ao espelho. Você mais parece um espectro...

Sorri tristemente:

— E não o sou?

Ela balançou a cabeça:

— Maria não teria gostado disto.

Creio que foram essas palavras que mais me ajudaram. Devagar, tomei o braço de Ema e voltei à sala funerária. Sôbre a morta, que minha mãe cobrira com um amplo lençol de linho, depositei as flôres. Não queria ver o seu rosto, não queria ver mais nada. Um cheiro de magnólias espalhava-se pelo ar. Uma última vez levantei o lençol e beijei a fronte amada. Em seu silêncio ela parecia me sorrir. Docemente, como quem diz a uma criança, pronunciei então o meu eterno adeus:

— Até breve, Maria.

FIM.

Semana Astrológica

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 22 E 28 DE JANEIRO DE 1955 — (Hemisfério Sul)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

★ CARNEIRO (21/9 — 20/10) — O ciclo de favorabilidades astrais ainda não se fecha, para o leitor, no curso da semana em pauta. As melhores oportunidades serão oferecidas para a obtenção dos concursos e dos apoios de que houver necessidade.

★ TOURO (21/10 — 20/11) — O momento será excelente para o reatamento de relações de há muito interrompidas, para o tratamento da saúde e para qualquer espécie de recuperação que se queira fazer. Os melhores dias serão 23, 24 e 26.

★ GÊMEOS (21/11 — 22/12) — O leitor estará sujeito, no curso da semana, a sérios aborrecimentos motivados por intrigas de parentes ou de vizinhos. Não os visite nem os receba em casa. Assim poderá atenuar, como possível, as incidências astrais desfavoráveis.

★ CANCER (23/12 — 20/1) — Abra-se um pouco mais, exteriorize suas idéias e dê expansão aos seus pensamentos. O momento o predispõe a recalques perigosos e a uma verdadeira onda de antipatias. Sua posição doméstica piorará nos dias 22, 26 e 28.

★ LEAO (21/1 — 20/2) — O setor dos concursos, no seu horóscopo, está intensamente iluminado. A circunstância lhe abre grandes oportunidades para ser literalmente atendido nas suas pretenções. Aproveite a chance e formule com clareza e decisão, os seus pedidos.

★ VIRGEM (21/2 — 22/3) — Há perigo de fortes desentendimentos na vida conjugal ou sentimental, degenerando em rupturas e separações. O leitor estará impulsivo e obstinado, agravando, dêsse modo, a situação.

★ LIBRA (23/3 — 20/4) — É de se prever uma mudança nos rumos do seu destino, entre os dias 23 e 27. Uma orientação nova será adotada como programa do novo ano. Suas justas ambições estarão muito desenvolvidas.

★ ESCORPIAO (21/4 — 20/5) — A semana lhe dará uma certa folga financeira decorrente de proventos inesperados. O leitor desfrutará um clima muito propicio às improvisações e à melhoria das relações sociais.

★ SAGITARIO (21/5 — 23/6) — Haverá, provàvelmente, um refôrço na sua posição, de superfície, pela melhoria dos proventos, ou de base por aumento do prestígio. De qualquer modo, a semana marcará uma realização valiosa.

★ CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — Haverá paz no lar e satisfação nas atividades profissionais, na vigência da semana em fóco. Apenas nos dias 22 e 26, haverá incidências astrais algo desfavoráveis, mesmo assim, muito fracas.

★ AQUARIO (23/7 — 21/8) — O ambiente dos astros não lhe aconselha iniciativas de envergadura ou novos empreendimentos de vulto, no curso da semana, notadamente nos dias 22, 24 e 28. Tôdas as suas probabilidades de sucesso estarão anuladas em tais dias.

★ PEIXES (22/8 — 20/9) — Os negócios em pauta ou em andamento estarão muito bem amparados durante a semana, havendo margem ampla à realização de bons lucros. Não transija nas suas pretenções e imponha sua vontade.

OS NOMES DA SEMANA

Janeiro,	22	—	Arlindo	—	Arina
"	23	—	Elmano	—	Herundina
"	24	—	Sálvio	—	Belunisia
"	25	—	Hermes	—	Silvia
"	26	—	Vitor	—	Irene
"	27	—	Cláudio	—	Ilda
"	28	—	Hermes	—	Palmira

EFEMÉRIDE DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio-dia de Greenwich

Janeiro,	22	—	1º - 41' - 41"	(Signo do Aquário)
"	23	—	2º - 42' - 45"	(" " ")
"	24	—	3º - 43' - 48"	(" " ")
"	25	—	4º - 44' - 50"	(" " ")
"	26	—	5º - 45' - 52"	(" " ")
"	27	—	6º - 46' - 52"	(" " ")
"	28	—	7º - 47' - 51"	(" " ")

Flash Paulista

HÉLIO ABREU



Lucas Garcez

PORFIRIO NA LINHA DE JANGO? — A recente eleição do general Porfírio da Paz para a presidência do PTB paulista não agradou a equipe do sr. Jânio Quadros. Há mesmo quem diga que, ligando-se a Jango Goulart, cometeu o vice-prefeito o seu **hara-kiri** político. A verdade, segundo informam elementos chegados ao general, e que êle nada mais fêz que precaver-se contra manobras altamente lesivas à sua linha política. Entretanto, muitos dão como certa a indicação do seu nome como companheiro de chapa de Juscelino.

VASP DE VENTO EM ASA — A pioneira da ligação entre Rio e São Paulo, a Vasp, agora sob o bisturi (êle é professor de medicina) do sr. Luciano Gualberto, vai indo muito bem. Ao que se sabe, Jânio receberá êste importante setor do govêrno de São Paulo em ótimas condições.

O PRESIDENTE CAFÉ FILHO, ao que se informa, vai propor a inscrição do nome do sr. Agostinho Janiquine no Livro Nacional do Mérito. O gesto do Presidente da República encontrou a melhor receptividade em todos os círculos de nosso país. O sr. Agostinho Janiquine pode ser considerado um dos maiores humanistas de nosso tempo e é o diretor-presidente de uma das grandes organizações industriais paulistas.

REBELIAO NO FUTEBOL PAULISTA com o «fiquismo» do **eterno** presidente Mário Frugiuele. A



Agostinho Janiquine

última do prócer sampaulino foi a «degola» do conhecido desportista Waldemar Albien, em face à resistência dêste as matreirices anti-democráticas do ditador Frugiuele. Fala-se em intervenção na Federação Paulista de Futebol.

OSNY SILVEIRA BANCA O VALIENTE — O sr. Osny Silveira, deputado estadual por São Paulo, há dias perdeu a linha e proporcionou a êste repórter um lamentável espetáculo de exibição circense. Quando pretendia entrar (sem ter sido anunciado) numa das dependências do Palácio dos Campos Elíseos, teve a sua passagem cortada por um cabo da Fôrça Pública do Estado (desarmado) que lhe pediu esperasse sua vez. Foi o diabo. O deputado entrou à fôrça e aos gritos de «quem me encostar a mão morre. Dou um tiro na cara, etc,» Que diabo, «seu» Osny, suas imunidades não podem sofrer dano, é verdade, mas não lhe autoriza ameaçar de morte gente pacata que nada mais fêz que cumprir ordens. Sabia o senhor que, minutos antes, um senador da República havia esperado cêrca de 20 minutos para penetrar na dita sala?



Luciano Gualberto

GARCEZ IRÁ A EUROPA, é o que publica a imprensa de São Paulo. Embarcará em janeiro e sòmente retornará ao Brasil em outubro.

EDMUNDO ROSSI NA PRESIDÊNCIA da Associação de Minas Gerais, de São Paulo. Escolhido por unânimidade, foi o sr. Edmundo Rossi feito presidente interino da nóvel associação, que congrega elementos de Minas radicados em Piratininga.

PRONTO O FRAQUE DE JANIO — O afamado Cúrcio (alfaiate de Bonfiglioli) já aprontou o fraque que servirá ao sr. Jânio Quadros no dia de sua investidura.

MORREU (126 anos) EM CAMPINAS o homem mais velho do Brasil, Sebastião Climério dos Anjos, que até há bem pouco tempo montava a cavalo, capinava roça e namorava em grande estilo. Casou-se 5 vêzes, deixou 13 filhos (vivos) 34 netos e 9 bisnetos.

FINALMENTE A VENDA O MARAVILHOSO

ALMANAQUE

EU SEI TUDO

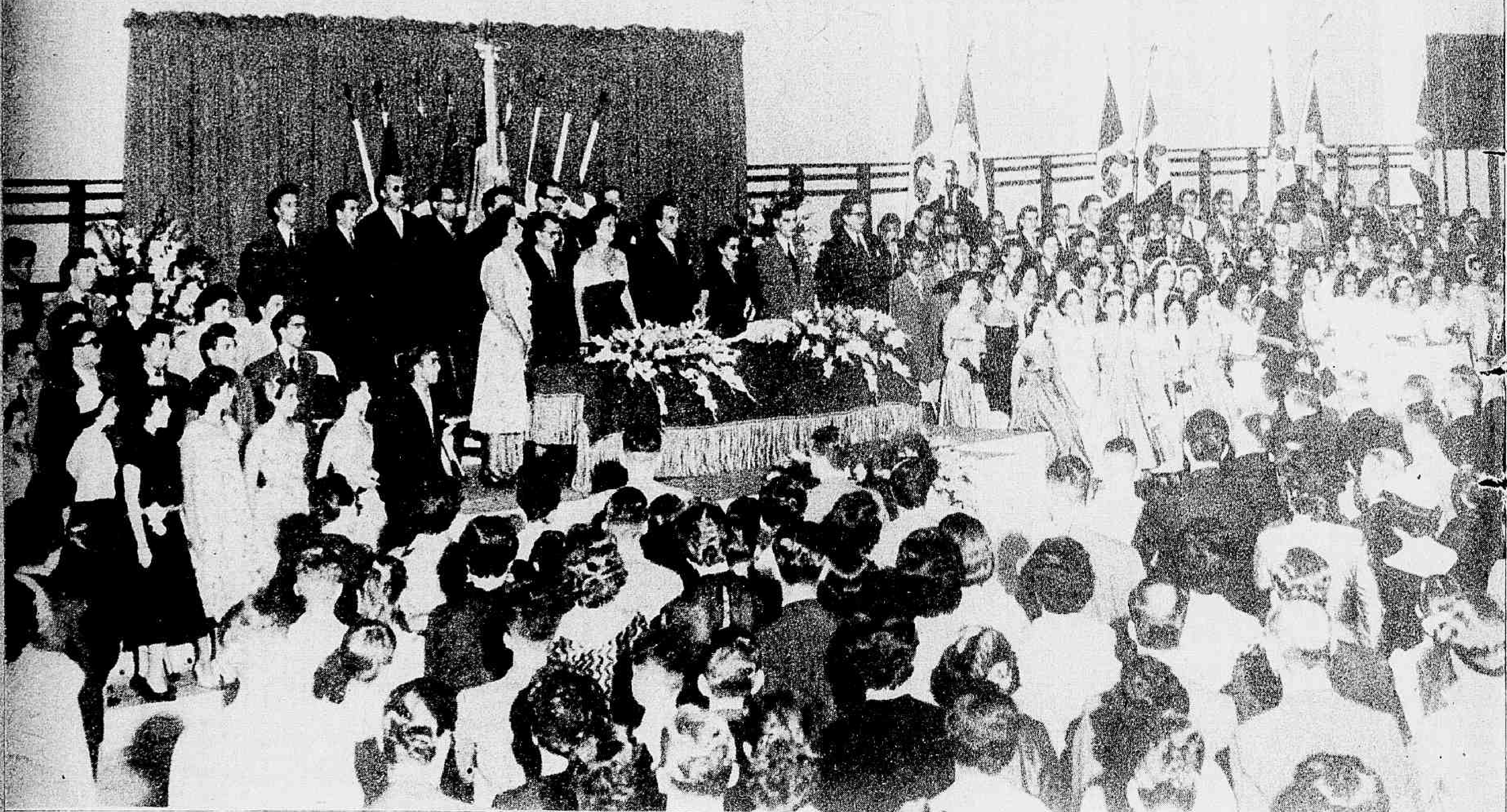


ARTE - CIÊNCIA - MEDICINA - POLÍTICA - RELIGIÃO

CINEMA - ASTROLOGIA - HISTÓRIA - PASSATEMPO - ETC.

Companhia Editôra Americana - Maranguape, 15 - Rio - Lapa





Um aspecto da solenidade de encerramento do ano letivo, vendo-se a mesa que presidiu aos trabalhos, alunos e parte da numerosa assistência.

LANÇANDO NO ESPÍRITO DOS MOÇOS

AS SOLENIDADES DE FORMATURA DO COLÉGIO

REALIZOU-SE recentemente a cerimônia de encerramento do ano letivo do Colégio Anglo-Americano, ocasião em que numerosos alunos e alunas foram contemplados com ascenções de séries ou finalizaram seus cursos. A solenidade relativa ao ato foi das mais significativas, pois contou com o comparecimento de numerosas famílias dos jovens estudantes, parentes, amigos e destacados elementos da sociedade em geral.

As festividades levadas a efeito pelo Anglo-Americano foram iniciadas após a execução do Hino Nacional sendo que, depois, como primeiro orador, falou pela 3ª série do Curso Científico o aluno Elison Rosembarck de Oliveira; pela 4ª série ginasial, turmas B e C, aluno Ailton Xavier de Brito; pela 4ª série ginasial, turma A, aluna Suzane Sukerman.

O paraninfo para a 3ª série do Curso Científico foi o professor Luís Paula Freitas; para a 4ª série ginasial, turmas B e C, professor Sílvio H. Mafra, Diretor do internato e para a 4ª série ginasial, turma A, professôra Olga Melo Braga. Todos os paraninfos pronunciaram expressivas orações, nas quais disseram do seu contentamento para com os seus alunos.

O Diretor Geral do conceituado Educandário, Dr. Alberto Correid, foi o último a falar. Em seguida procedeu-se a entrega de diplomas aos alunos presentes, ao mesmo tempo em que, aproveitando a oportunidade, foram ainda agraciados com medalhas de distinção, os jovens que mais se destacaram nas diversas equipes desportivas mantidas pelo citado estabelecimento de ensino. É digno portanto de registro o exemplo que vem dando o Colégio Anglo-Americano aos meios educacionais do país, o qual, graças ao seu erudito Diretor, tem-se empenhado na árdua missão de preparar homens capazes para um Brasil do futuro, mais próspero, consequentemente, mais feliz.

Em seguida transcrevemos na íntegra o discurso pronunciado pelo Dr. Alberto Correia, Diretor Geral do Colégio Anglo-Americano.

«Amigos diplomandos do Colégio Anglo-Americano. Senhoras. Senhores.

Os grandes momentos como êste, tornam-se imperecíveis como a grandiosidade do firmamento e as profundezas insondáveis do mar.

A entrega dos diplomas aos bacharelandos de 1954, é, pois, um dêsses acontecimentos que não podem deixar um claro não sòmente na alma dos que recebem os diplomas, como daqueles que os conferem e, ainda, daqueles que a êsse ato assistem, sejam pais, parentes ou amigos.

Antes de vos ver em debandada, como pássaros alígeros em busca de outros horizontes, necessitamos dizer-vos algumas palavras orientadoras à guiza de despedida.

Precisamos lembrar-vos o ditado popular que se torna agora oportuno: «maior é a nau, maior é a tormenta».

Sendo assim, deveis aparelhar-vos para a longa jornada da vida prática, com critério e bom senso, lançando por terra os sonhos inúteis e nocivos, as idéias fúteis dêste século onde a mocidade se embebe de noções erradas e malsãs, cuidando mais de ninharias modernas do que do intelecto.

A vida que se vos parece agora um lago de águas azuis e calmas, tem muito lôdo no seu fundo. Tratai de evitá-lo com alma sobranceira e espírito iluminado, tornando-vos escafandristas hábeis e experimentados. Caminhai cautelosamente, mas à passos firmes, olhos mais fitos no céu do que nas lisuras do asfalto.

Durante a vossa permanência no Colégio Anglo-Americano, tudo fizemos, em plena consciência, para que fosseis felizes em todos os setores de vossa existência. Demo-vos, pelos ensinamentos que hábeis professôres vos ministraram, à semelhança dos cavaleiros antigos, o escudo, o elmo e a lança. Assim encouraçados, podereis partir galhardamente à conquista do futuro. Não vos falta para isso, nem conhecimentos, nem formação de caráter.

Agimos como o lavrador em suas terras, seguindo os conselhos de Vauvenarghe: «Débet árare, qui arare in spe». O que lavra, deve lavrar com esperança. Lançamos ao solo de vossas almas as sementes do saber, da ordem e da disciplina.



Flagrante colhido na ocasiao em que falava o dr. Alberto de Almeida Correia, diretor do Colégio.

Procuramos por todos os meios sanear vossos espíritos, incutindo nêles o senso da responsabilidade e o desejo de vencer.

Depende de vós, agora, aplainar o vosso caminho, afastando as urzes e os cardos, deixando apenas que floresçam as rosas. Baudelaire disse numa das suas célebres parafrases, que há perfumes tão fortes que chegam a penetrar o vidro que os encerra, permitindo que, mesmo fechado o envólucro, o conteúdo se evole e expanda, aromando todo o espaço em derredor.

AS SEMENTES DO SABER

REPORTAGEM DE E. MAGALHÃES
FOTOS DE GILAN

ANGLO-AMERICANO

O diretor do conceituado educandário colocando uma medalha no peito do jovem Luís Carlos Rodrigues Siqueira, aluno que, pelo brilhantismo com que se houve, é considerado o número 1 do ano de 1954.



Sede também assim. Deixai que a vossa personalidade cultivada se demonstre em tôda a sua essência e plenitude. Mostrai-vos fortes pela vida afora, como alpinistas em busca de edelweiss que nasce nos cimos nevados dos Alpes, fortes como o colosso de Rhodes que constitui uma das oito maravilhas do Universo, mansos como os lírios nascidos à beira do Genezaré, límpidos de coração como as águas claras do poço de Sikem.

Tudo o que aqui vos dizemos nesta despedida que ao mesmo tempo nos punge e nos orgulha, visa a vossa felicidade. Não queremos desencorajar-vos, mas prevenir-vos contra as ciladas do mundo contemporâneo, que é um prisma de várias faces, nem sempre reais e benéficas.

Acautelai-vos contra as miragens enganadoras. O que se vos parece às vêzes um oásis, não passa de miragem como as do deserto onde as caravanas se perdem, após longos dias de viagem através das dunas arenosas, onde os beduínos se ocultam Parti, pois, confiantes e valorosos. Tende a bravura de Carlos Magno e sede como o brioso cavaleiro Bayard, «sans peur et sans reproche». Sem mêdo e sem mácula.

Ide pois com segurança e fé, para bem vosso e o eternal engrandecimento dêste Brasil que é uma estrêla de primeira grandeza, no feixe luminoso das Nações».

PING-PONG ★ PING-PONG

TUDO SÔBRE O BEIJO

Reportagem de SÉRGIO PÔRTO

NÚCIA Miranda, Miss Objetiva 1954, explica tudo sôbre o beijo — Fala sôbre estilos e classificações, apenas por teorias, pois jura que nunca beijou ninguém. Está há um ano trabalhando no palco e muito se diverte com as caras dos espectadores.

Núcia nasceu em Vitória, no Espírito Santo, está no Rio há pouco mais de um ano e, embora nunca houvesse pensado nisso antes, faz sucesso no teatro musicado graças à sua plástica perfeita.

E para que não hajam futuras reclamações, damos, nesta entrevista, as medidas da moça, para que cada um dos leitores confira e faça uma idéia.

E ela jura que nunca beijou...

Nome:
Núcia Miranda

Idade:
20 anos

Altura:
1,68 cm

Pêso:
55 kg

Cintura:
63 cm

Busto:
92 cm

Cadeiras:
96 cm

Perna:
86 cm

Coxa:
61 cm

Rosto:
18 cm

Cabeça:
55 cm

Pés:
34 cm (sapato 24)

Olhos:
verdes

Cabelos:
pretos

Côr:
Morena

Sinais particulares:
Curvas

Ping — Há quanto tempo está trabalhando no palco?

Pong — Desde o «show» «Acontece que sou baiano». Há quase um ano, portanto.

Ping — Qual a parte mais interessante do seu trabalho?

Pong — Ver as caras que fazem os homens quando nós aparecemos.

Ping — Quando pretende ser vedeta?

Pong — Quando um empresário quiser.

Ping — Antes de entrar para o teatro, que é que você fazia?

Pong — Era secretária.

Ping — Secretária de colo ou de escrever na máquina?

Pong — Que é que você acha?

Ping — Embora a entrevistada seja você, eu acho que podia ser as duas coisas, isto é, uma boa secretária boa. Morou?

Pong — Morei.

Ping — Fazer uma pequena parte num espetáculo prejudica a carreira de uma corista?

Pong — Acho que não.

Ping — Qual a sua parte mais importante até hoje?

Pong — Minhas pernas, naturalmente.

Ping — Agora, mudando de assunto, responda: você dorme de pijama ou de camisola?

Pong — Depende da temperatura ambiente.

Ping — Qual o homem mais interessante que você conhece?

Pong — O pagador da buate em que trabalho.

Ping — Êle é tão bonito assim?

Pong — Nem tanto, mas é quem me paga. Você perguntou qual o mais interessante e não o mais bonito.

Ping — Qual a principal virtude que deve ter um homem para que você goste dêle?

Pong — Êle deve gostar de mim primeiro.

Ping — Responda sinceramente: quantos homens você já beijou?

Pong — Nenhum. Uma mulher que se preza não beija, deixa-se beijar.

Ping — Você sabe muita coisa a respeito de beijos?

Pong — O bastante para não ser roubada.

Ping — Então me diga: em quantas partes se divide um beijo?

Pong — Um beijo não se divide.

Ping — Isso é verdade. Mas não há mais de uma espécie de beijos?



Quem será o dono do paletó?

Pong — Há duas. O pré-beijo, vulgarmente chamado beijoca, e o pròpriamente dito. O resto são subclassificações.

Ping — O que vem a ser isso de subclassificações?

Pong — São os estilos.

Ping — Cite alguns.

Pong — São vários e dependem muito da capacidade inventiva dos beijantes.

Ping — Por exemplo...

Pong — O tímido; o ousado ; o rotina, o francês; também chamado néo-realista e que os italianos estão usando muito; o bicotinha, vulgo fraternal; etc., etc.

Ping — Qual o que você prefere?

Pong — O do meu namorado.

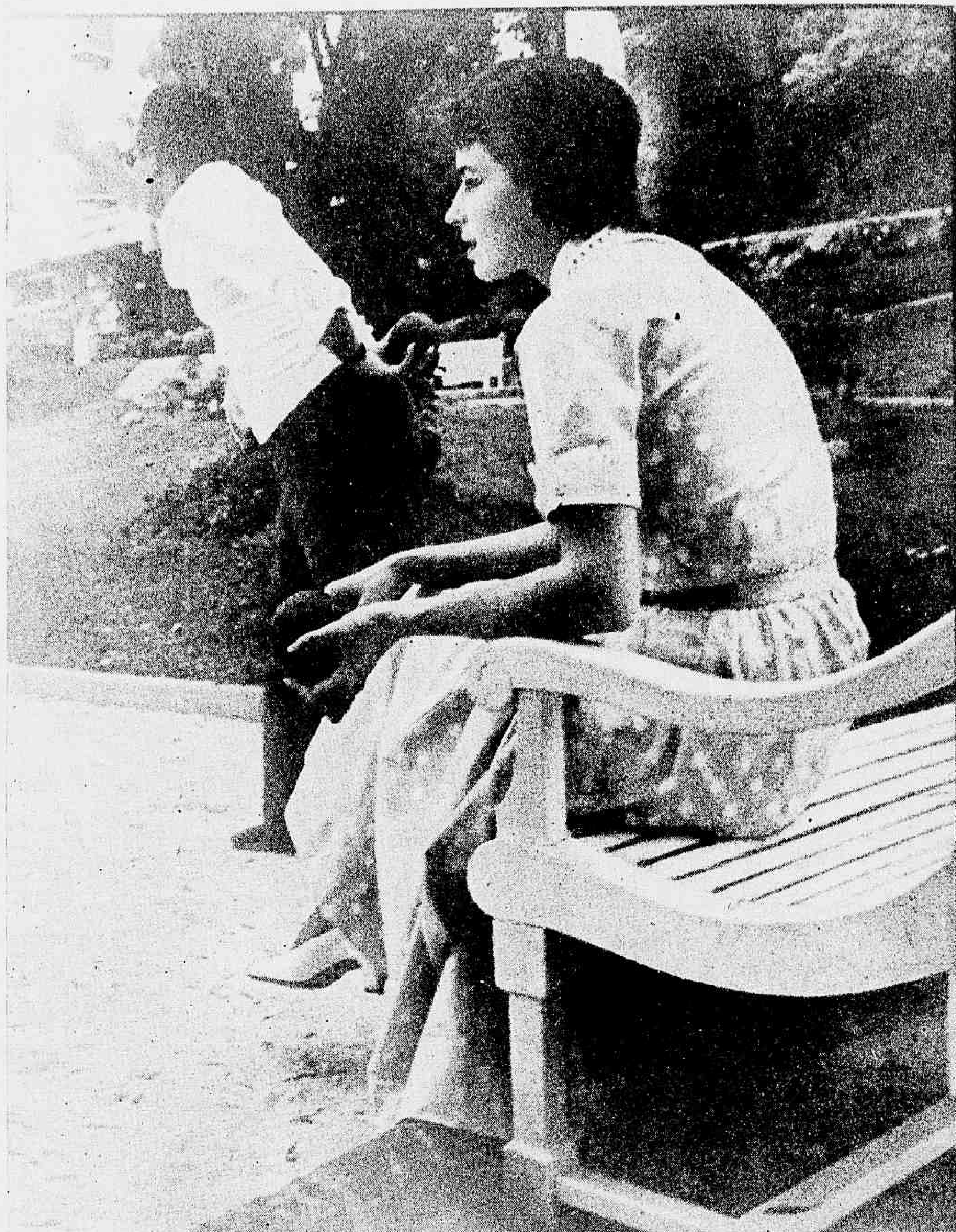
Ping — Quanto tempo deve demorar um beijo?

Pong — Depende dos parceiros.

Ping — Você e o Tyrone Power, por exemplo?

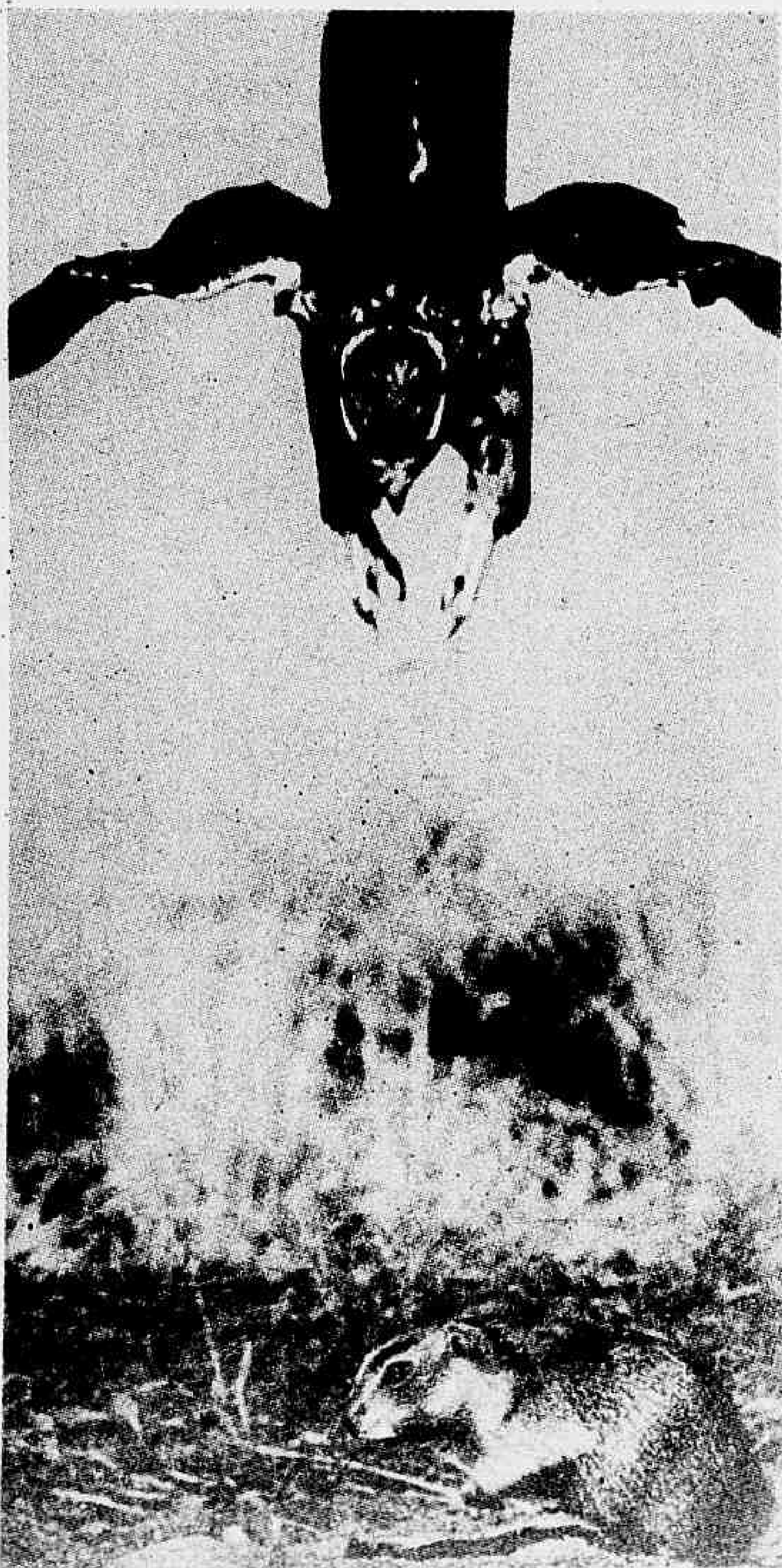
Pong — Isso é lá beijo que se acabe?

ESPORTE E AMOR — Silvana Mangano, em companhia do marido, o produtor cinematográfico Dino De Laurentiis, que pratica um dos seus esportes prediletos aos olhos indiferentes da bela espôsa. Dino parece dar mais atenção ao jôgo do que à Silvana, que não está gostando da preferência do marido...



Por êsse *Mundo* de Deus

A LUTA PELA VIDA — Momento exato em que uma perigosa ave de rapina passava em vôo rasante, de garras afiadas para colhêr sua prêsa. A fim de conseguir êsse flagrante raro o fotógrafo Herb Crisler passou cêrca de um ano nas montanhas do Colorado, armado de máquina com tele-objetiva, andando quase sempre disfarçado sob peles de animais próprios daquela região.

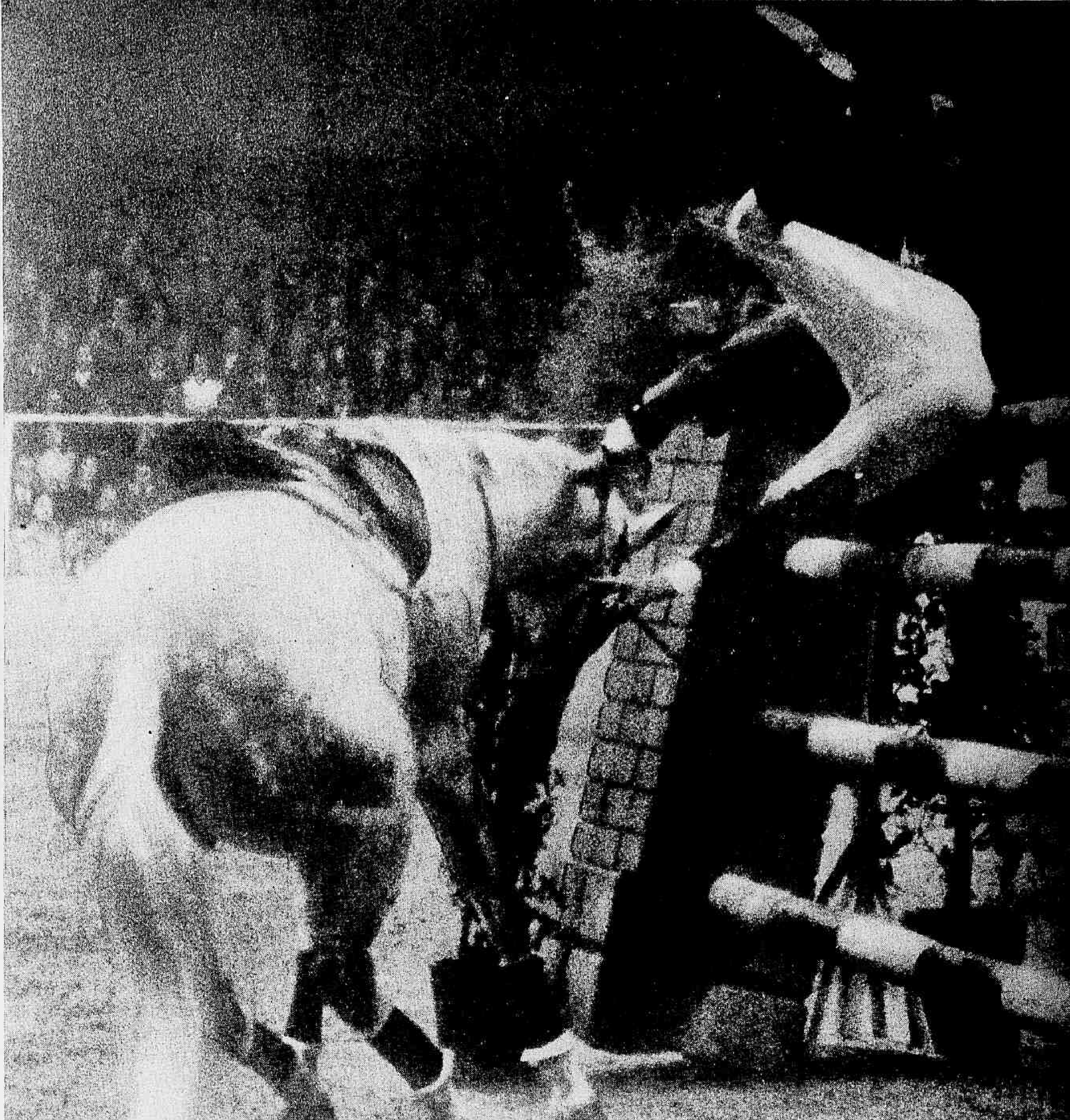


LONGA VIDA SEM ELIXIR — Estas duas senhoras italianas de Bolonha já completaram um século de vida e ainda estão bem fortes e sadias. Ambas esperam viver muito mais e estão de pleno acôrdo sôbre os métodos de longa vida. Fazem campanha contra os vícios do fumo e do álcool, mas silenciam com relação ao amor...



URSADA DE CAVALO

A foto fixa o instante dramático da competição do grande Prêmio Jumping de Paris, quando o cavalo «Voulette» fêz Pierri Jonquerès d'Oriola saltar sòzinho o obstáculo. O cavaleiro saiu ileso e terminou o percurso, perdendo a prova por uma diferença de apenas dezessete segundos. «Voulette» que era o franco favorito da prova cometeu uma verdadeira «ursada», decepcionando todos os seus torcedores.



BOA PONTARIA — Danielle Darrieux, antiga pequena terrível do cinema, durante umas férias no campo, faz exercícios de tiro ao alvo. Dizem os entendidos que Danielle tem uma boa pontaria e acerta sempre...



A MENOR VÍTIMA — Esta menina de três meses de idade, Eleonora De Simone, foi a menor vítima do maremoto de Salerno, que sacrificou dezenas de vidas. Eleonora perdeu tôda a família na tragédia, foi retirada ilesa dos escombros, saindo apenas de rosto sujo e um pouco zangada.



A CHISPA HUMANA

Conto de **HOMERO HOMEM** | Desenho de **DAREL**

EM momentos como êste é que a falta de tenente Donato se fazia mais funda. Estava mudo e só diante da platéia, suspenso no espaço; tinha os pés sòlidamente plantados sôbre o fio de aço. E aquela apertura no coração. Noutros tempos tenente Donato estaria esperando atrás da empanada, com o sorriso bom e o leal apêrto de mão do seu único braço. Mas o número apenas começava e tenente Donato se fôra, deixando apenas êste abandono, esta angústia que se apoderava dêle quando a multidão começava a bater palmas, lá em baixo.

Tenente Donato era o mais velho e respeitado da «troupe". Vinha dos tempos de fundação e prosperidade, quando o circo visitava as grandes cidades sob a batuta segura do finado Pasqualini. Com a morte do velho o circo decaíra. Os astros debandados, vendidos os animais, a êste ramerrão de correr as pequenas cidades do interior, catando um níquel cada dia mais pingado e incerto. Com tenente Donato as coisas iam menos mal. Contando histórias de Canudos, onde guerreara e deixara um braço, tenente Donato garantia sòzinho metade da renda diária. Mas êle tomara também o rumo do finado Pasqualini. E o resultado era aquêle: a arquibancada quase deserta, tufos de cadeiras vazias na platéia. As histórias de guerra do tenente Donato animavam um bocado. Há anos que percorria aquela zona, juntara um público pequeno mas fiel que o aplaudia e comprava os cartões-postais onde êle aparecia usando os dois braços, quépi e os longos bigodes da mocidade.

Isso era o passado. Agora o circo era como um teatrinho de feira: quinze artistas ao todo, incluído calafates e ajudantes, todos se revezando no trabalho, sem qualquer hierarquia. Eugênio, o Homem-Voador, que fazia um dos números de mais agrado, podia ser visto, pouco depois de aclamado, arrastando para fora do palco o pesado tapête de camelo, último destroço dos áureos tempos do velho Pasqualini. E Roberto, galã principal nas peças em um ato com que se fechava o espetáculo, era quem trazia o copo-d'água para as mágicas de Madame Xun-Fu, viúva de um vago general chinês, enforcado pelos vermelhos na guerra da Mandchúria, conforme anunciava o cartaz amarelo dependurado na entrada. Pouca gente, nenhuma prosperidade, e muito trabalho — assim era o circo.

Mamoto, o pequeno trombonista, estava insuportável àquela noite. No momento exato em que o jovem artista enganchava o pé na forquilha de sêda e derreava o corpo para trás sob o calor silencioso de mil pares de olhos fixos nêle, Mamoto entrara a guinchar desesperadamente com o seu trombone, arrancando risos da platéia. Na certa se descontrolara. Andava nervoso, tossia, era pequeno demais para soprar o pesado instrumento. Sobraçava-o com dificuldade, mas era visto conduzindo-o por tôda parte, como se fôra um brinquedo. Dormia com o trombone, e até houve aquela noite em que a companhia despertou com os fundos urros metálicos que Mamoto, sonâmbulo, arrancava em sonhos do seu querido instrumento.

Agora era Zé Cearense rufando o tambor fora de propósito. Decididamente, o número estava estragado. Como não seria quando tivesse que saltar de um arame para outro, sem nenhuma proteção, salvo o silêncio da orquestra e o mêdo estampado nos olhos da multidão lá em baixo? Aquêle era o ponto culminante do número, êle o fazia bem, com calma e desprendimento. Tenente Donato sempre o elogiava; certa feita, numa cidadezinha de São Paulo, houve o caso daquelas duas senhoras que desmaiaram abraçadas no camarote, quando êle tocou de leve, com a ponta dos pés, o arame do outro lado, que se retezou assobiando como a corda do violino de seu Dão.

O violino de seu Dão era o único instrumento que sabia se conduzir na orquestra. Discreto, oportuno, suspiroso. Seu Dão é que não parecia muito bom da bola. Às vêzes desaparecia, passava uma semana na carraspana, voltava num estado lastimável: bardado, sujo titubeando asneiras. Mas, no coreto, ao lado dos outros, sabia se conduzir. O violino parecia de sêda, nas mãos de seu Dão, as cordas gemendo como o vento no cabelo de Maura, naquele dia em que foram espiar o mar.

Sentiu que o coração amainava em seu peito, tangido por um vento bom, quando a memória, dócil e rendida, lhe trouxe o nome de Maura. Para ela trabalhava, para ela vivia. Não fôra por Maura e jamais capricharia tanto naquele número ao ponto de arrancar aplausos do tenente Donato, que vira muita coisa digna de ser elogiada por êste mundo afora. Não fôra por Maura e continuaria calafate como Mosquito Elétrico, que tinha quarenta anos, um corpo de menino, a cara encolhida feito um maracujá mochila, e estava tão satisfeito da vida que nem sua excelência o prefeito, que êle avistava ali à esquerda, no camarote de luxo. Satisfeito da vida podia estar Mosquito Elétrico. Não êle! que tinha uma rosa ardente e rubra no peito, tôda feita de desejos, planos e ambições, rosa para Maura, que era o centro dourado dela, o epicentro, o pistilo, se assim podia ser dito de Maura.

Bem que já fôra um calafate desprendido e contente como Mosquito Elétrico. Mas era diferente agora. Não exatumente agora, nem hoje. Desde o dia em que aquêle sujeito o olhara de cima a baixo, na platéia, e lhe entregara o níquel, sem se importar com o cartão-postal, onde êle aparecia em calções de malha e de peito estufado. «Qualquer coisa para ajudar o artista» — dissera. E o homem quieto, olhando-o de cima a baixo, calado e superior. Por fim se decidira, metera a mão no bôlso, retira a moeda. Era a sua vez de retribuir, entregar o cartão-postal. Mas o homem recusava: «Guarde-o para outro, custam dinheiro...». Evidentemente, o homem tinha certo conhecimento dessa coisa de cartões, que custavam dinheiro confeccionar. Mas havia um não sei quê de arredio e ferino na voz com que disse aquilo, alguma coisa que o prostrou. Então existia gente que não queria os cartões do artista nem dava importância a seu trabalho. Que teria respondido tenente Donato? A ofensa não vinha pròpriamente da recusa, que muita gente recusava os cartões, supondo êle que por falta de dinheiro. Mas daquele tom de voz generosamente calculado, que lhe abrira pela primeira vez os olhos para dentro de si mesmo sem que do exame resultasse nada consolador. «Guarde-o para outro, custam dinheiro...» Como quem diz: «Tome esta esmola, moço»; ou, então: «Seus cartões de nada me adiantam, conheço essa cantiga». Fôra então que começara a pensar, a desgostar de tudo. Como um cego, a quem tiram a venda, começa a ver e reclama que a ponham de novo, assim se sentia êle. Pois abrira os olhos para a decadência, a pobreza, o escuro de tudo. A única brecha que ainda se mostrava naquele escuro era Maura. O resto, um negrume sem remédio nem escapatória: Mamoto soprando o trombone e tossindo; Mme. Xun-Fu blasfemando contra os vermelhos e queimando no fogareiro de lata o arroz miserável para matar a fome dos quatro filhos de olhos oblíquos. Mosquito Elétrico exibindo um riso sem conteúdo a propósito de tudo; seu Dão bebendo cachaça; Zé Cearense distilando uma ironia sêca e terrosa como sua pessoa. E tenente Donato, que se fôra levando o último esteio que emprestava ao circo a ilusão de uma coisa viva, decente e necessária.

Dera para matutar essas coisas, olhar dentro e fora de si, comparar. Vira as grandes filas à porta dos cinemas da rua principal ávidas de curiosidade e desejo pelo que se anunciava nos quadrinhos pregados na parede: amor, aventura, dinheiro. Era isso. O cinema, concluíra. Sonhara para êle e Maura um trabalho daqueles: aparecer na tela e ficarem olhando êles próprios cá da platéia, estômagos comidos e almas quietas. Mas, e os outros — lembrava-se, uma alfinetada de remorso tingindo de feia realidade a pele clara de seu sonho. Mosquito Elétrico tinha quarenta anos, uma fala de menino e só sabia arrastar tapêtes e levar pancadas do palhaço Sabiá, nos entre-atos humorísticos. Que iria fazer Mosquito Elétrico se o circo desabasse amanhã? Tenente Donato decerto teria resposta para essas perguntas. Sabia tudo sôbre circos. Mas tenente Donato se fôra.

A música calara-se. Da platéia subia um barulho de pipocas estilhaçadas. O tambor de Esperidião estava rufando. Lá me vou, pensou êle, preparando-se para o salto. Olhou para baixo e viu Maura encostada à frade de entrada-em-cena, ajustando um patim. A seguir viria o seu número; depois ainda seria vista no papel de Pérola, a filha do barqueiro, drama em um ato. E Roberto a beijaria. Muito delicadamente, é verdade, mas o suficiente para odiá-lo durante tôda a ceia na Pensão Videla, dois quarteirões adiante.

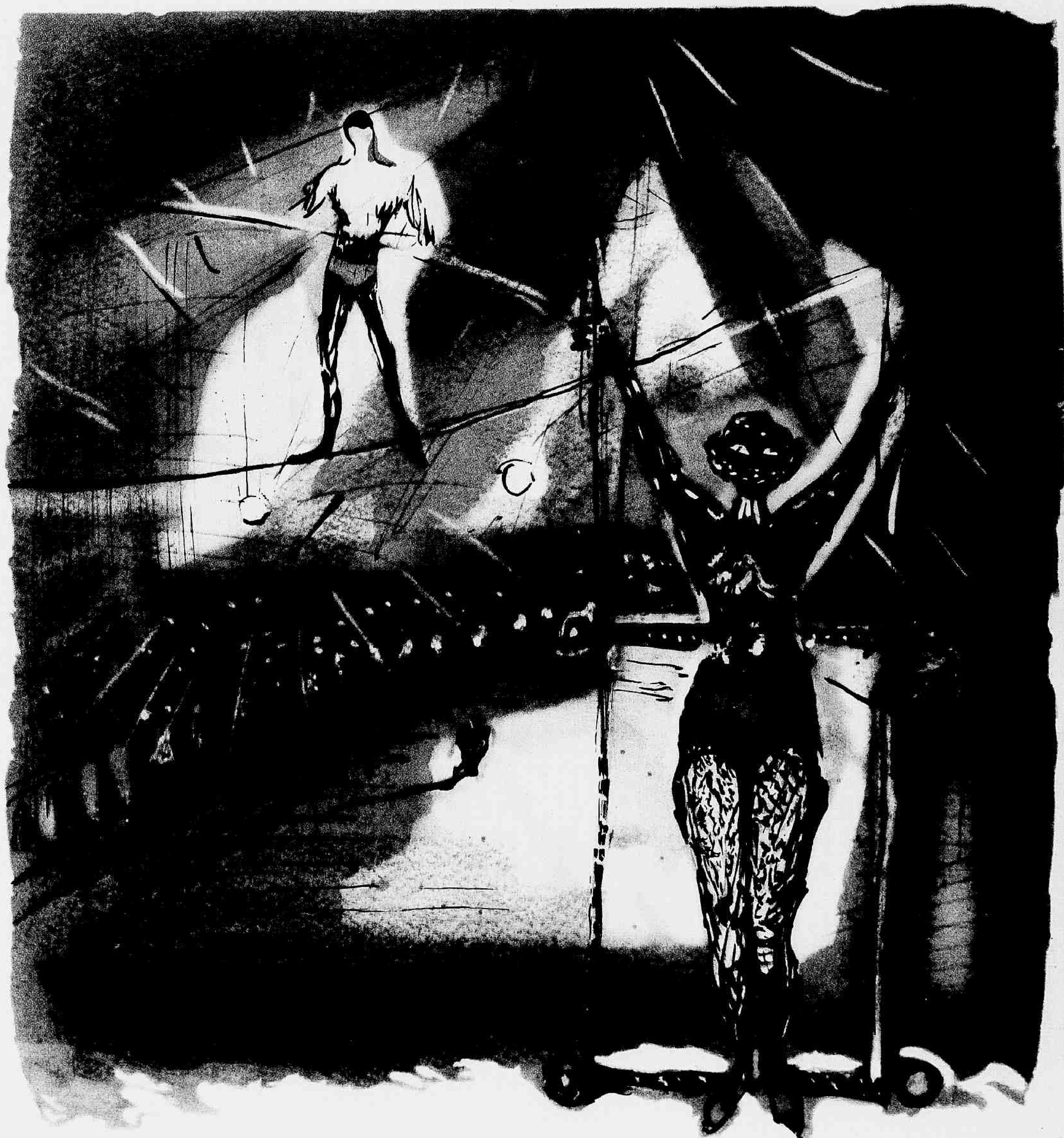
Maura, experimentada naqueles arrufos, deitaria mais sopa no seu prato, buscando consolá-lo. E depois, apaziguados e sentados na varanda, encostaria a cabeça em seu ombro. Aquela lembrança, tôda a leveza esguia e nervosa de Maura trespassou-o como um fluido. Calculando mentalmente a distância que o separava do outro lado, desejou saltar para ela, como nunca o fizera: como um pássaro, uma chispa nervosa e cálida imantada de eletricidade, comunicando-se entre os dois arames retezados. Era isto! — «A Chispa Humana», lembrou-se. Iria propor a modificação a seu Gonzaga, que desenhava os cartazes, logo que acabasse o espetáculo. A chispa humana. Como não lhe ocorrera antes?

O rufo do tambor se fazia mais fundo, era como um longínquo troar de artilharia ao fim de uma batalha. E na platéia, como cascalho arrastado pela água, crescia o barulho de pipocas arrancadas dos casulos de papel e mastigadas com violência. Conhecia aquêles sintomas. Era o momento de saltar. E por que se retardava? Seria mêdo? Não: os pés estavam sòlidamente firmados sôbre o arame, as pernas um pouco arqueadas para ganhar impulso. Tinha a cabeça lúcida, os olhos dominando o fio de aço estirado do outro lado. Queria gozar ainda um pouco a expectativa que adivinhava fervendo na platéia e chegando até êle como um vapor cálido e envolvente. Queria que Maura o visse ainda uma vez antes de saltar, as pernas firmes, o ôlho ágil medindo o abismo. Como um namorado que se sabe esperado, queria reter ainda um pouco a glória daquele instante. Ensaiou uma pirueta preparatória, a platéia ruguu lá em baixo, esperando. Riu imperceptivelmente, o lábio fino deslocando

a massa leve de fios pretos do bigode. Gostava daqueles truques, êle e Maura vindo depois, sossegadamente, dos logros pregados à platéia. Era como quem se diverte com dar um naco de carne a um cão, mas negaceia o quanto pode para vê-lo saltar. E tinha seu significado, seu fundo de compensação, aquela brincadeira de excitar a platéia que ali comparecia para vê-lo pousar sob o arame, leve e intocado como uma paloma em vôo, mas que também sabia pedir mais! mais! numa voz esquisita que o deixava arrepiado, quando trocava murros com o prêto Miguel, na demonstração de boxe, o que os obrigava a se machucarem de verdade, para satisfazer o respeitável público. E quem era o respeitável público? — pensou escarninho, o bigode movendo-se de novo sôbre o beiço, com desprêzo. O respeitável público era o homem que recusara ficar com o cartão. «Guarde-o moço, custam dinheiro...», parecia ouvir-lhe a voz, mansa de desprêzo, subindo lá de baixo como a fumaça de um cigarro. E de súbito sentiu que o tablado se enchia de vozes que gritavam com o homem que recusara o cartão à frente: «Guarde-o moço, custam dinheiro...» Recuou até à platibanda de proteção, as pernas bambas, uma nuvem vermelha encravada entre os olhos. E de muito longe sentiu que chegara a voz do tenente Donato avisando-o: «Lembre-se, menino, um sanduíche; apenas um sanduíche». Seria um aviso? Que queria dizer com êle tenente Donato?

Mamoto estava tomando o trombone de novo. Alguma coisa estaria acontecendo com êle, alguma coisa que era percebida lá em baixo. Viu Maura amparando-se nas argolas de ferro, muito pálida sob os refletores, fazendo-lhe gestos. E sentiu que a platéia começava a urrar de novo, impaciente. A platéia, o respeitável público... — pensou com esfôrço, as palavras encadeando-se penosamente em seu cérebro, a testa porejando-se de ardentes gôtas de chuva. Seria por Maura e por tenente Donato, decidiu-se, quando o tambor entrou a rufar numa voz cava e enérgica.

E saltou, o corpo fino e reto como uma faca atirada em direção ao alvo, planando sôbre o vácuo, até chocar-se de encontro ao arame do outro lado. Ainda tentou reajustar o corpo, quase o conseguiu. Pelo menos foi esta a ilusão dos espectadores, que começavam a bater palmas quando o corpo retomou sua queda, desta vez irremediàvelmente. Então veio um grito grande e solidário, um grito de amor e mêdo pelo jovem artista que tombava. Grito que encheu todo o circo, varando-o de ponta a ponta, como uma lufada de refletor em plena noite oceânica. Grito que êle recolheu, que o empurrou para a infância, quando, escanxado no ombro de tenente Donato, olhava Tâmara, a bailarina. Vestida de gaze e de sêda, rodopiava no palanquim, enquanto a platéia rugia bem alto, como agora.



P A R A   O   S E U   C A R N A V A L

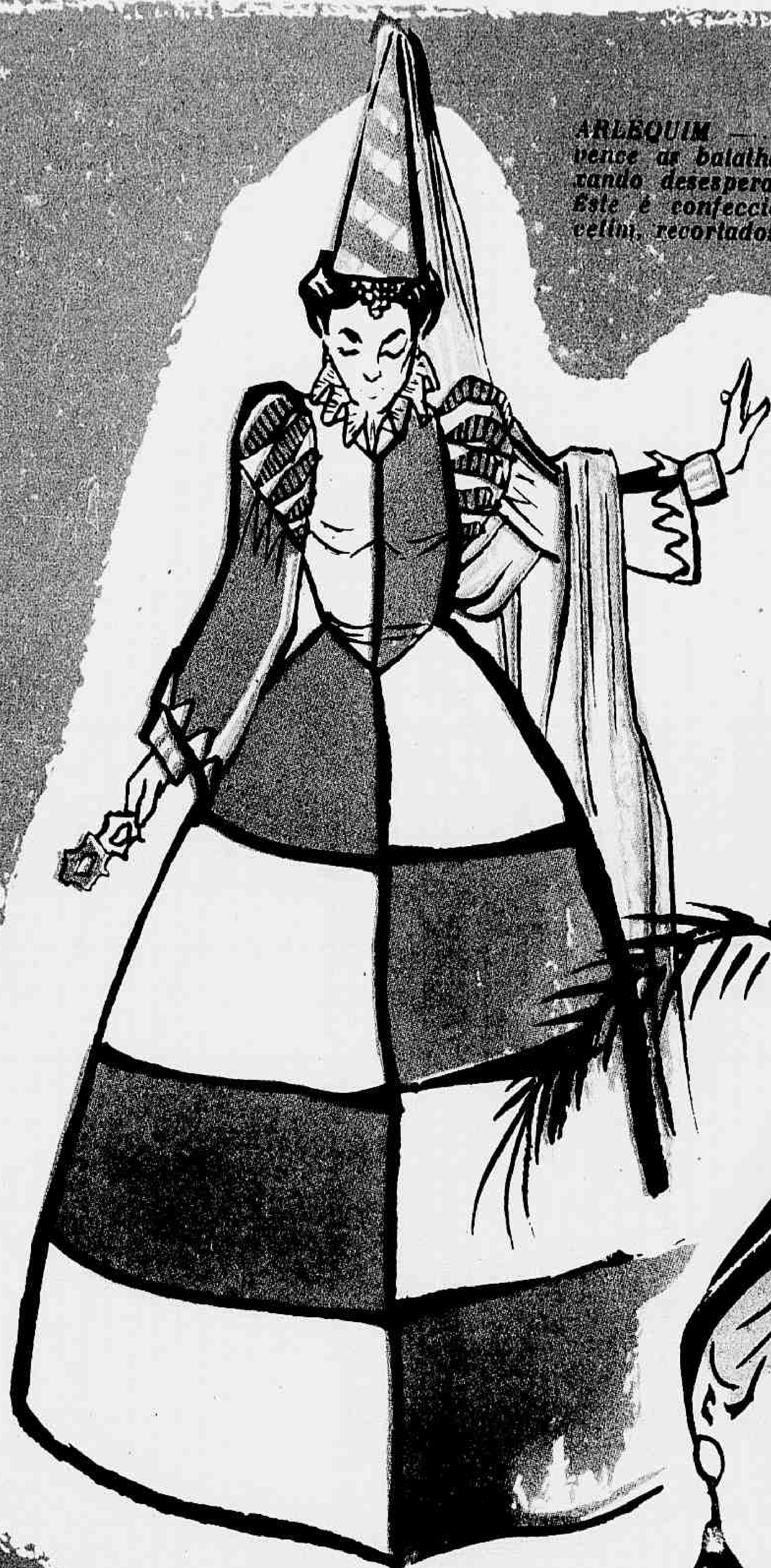
O Carnaval está às portas e você, como todos os brasileiros fãs de Momo, estará pensando na fantasia com que espera brilhar. Em seu auxílio veio o nosso desenhista Lauritzen Bern com algumas idéias originais, apesar de baseadas em motivos já tradicionalmente consagrados.

Para uma fantasia ser bonita é importante que você dê a maior atenção à combinação de côres — estas devem ser alegres, vivas, em resumo, "carnavalescas", ainda que possam variar entre exóticas, românticas, ou ingênuas. O colorido, mais do que o modêlo escolhido, é que fará realçar a sua indumentária sob a luz dos salões de baile. Um ponto importantíssimo é escolher as côres sob a luz artificial; existem tonalidades que mudam inteiramente de vivacidade sob a luz elétrica e o efeito do "neon" sôbre as côres é ainda diferente da iluminação comum.

Depois das côres, vem a escolha do tecido. Nem sempre se exige um tecido muito caro. Consegue-se fantasias lindíssimas com pouca despesa quando se sabe escolher, prestando atenção ao tipo da fazenda do que pròpriamente à qualidade da mesma. Há modelos que exigem tecido armado, outros, ao contrário, requerem panejamentos moles. Muitas vêzes a deficiência de determinado tecido pode ser compensada com armações bem estudadas, em morim engomado, entretela, etc. A cartolina é utilizada para a confecção de chapeus.

E, agora, um olhar de admiração par[illegible] bonitos modelos que Lauritzen Bern [illegible] para você.

***MELINDROSA 1929** — Com as formas disfarçadas por modelos de corte reto, pode ser considerada como a antepassada da tão discutida linha H, já agora fora do páreo. Como fantasia é, porém, interessante, e sempre faz sucesso, principalmente quando apresentada em grupo de 3 ou 4 melindrosas.*





ARLEQUIM — O galã que sempre vence as batalhas sentimentais, deixando desesperado o tímido Pierrô. Êste é confeccionado em veludo e cetim, recortados. Chapéu em veludo.



CASTELÃ DO SÉCULO XIV — É uma fantasia romântica, que lembra a época medieval dos castelos de muitas tôrres e dos guerreiros encouraçados. O modêlo é todo confeccionado em cetim. O chapéu se arma com cartolina e nêle se prende o véu.

FÁTIMA — REVELAÇÃO

A freguesia de Fátima nada tem de vulgar além do som exótico do seu nome de origem árabe. Nada se sabe da origem desta denominação e criou-se a lenda de que um cavaleiro dos exércitos de D. Afonso Henriques teria raptado a filha do governador árabe de Alcácer, chamada Fátima, e daí o nome da freguesia que hoje tem fama mundial e que naquele tempo serviu de paraíso para os namorados.

O pão e o vinho sòmente à custa de muito esfôrço é extraído das serranias pedregosas de Fátima, pela população. O clima tórrido e gélido, conforme a estação endureceu a gente que no entanto tem bom coração, amaciado pela fé ardente que domina o povoado, desde tempos imemoriais.

A Serra do Aire é uma pequena elevação, sem qualquer particularidade que a distinga dos montes que a circundam. Nesta serra aparece a azinheira, cuja madeira serve para a construção de carros para a lavoura, e produz também o carvãozinho que alegra e reconforta os lares no inverno, quando crepita nas lareiras. Foi nos ramos de uma destas árvores que os pastorinhos disseram ver Nossa Senhora. Esta pequena azinheira, onde se deu a aparição, erguia-se entre outras de majestoso porte, no sítio denominado Cova da Iria, que correspondia a uma depressão no alto da serra, onde havia pequena cultura de batatas, entre ervas destinadas às pastagens dos três pastores.

Sim, eram três os pastorinhos. Nasceram em Ajustrel, pequeno lugar, distante dois quilômetros da paróquia de Fátima.

Por MÁRIO SALGUEIRO

● Novelização dos milagres de N. S. de Fátima que a REVISTA DA SEMANA a partir de hoje oferece aos leitores, é feita à base da documentação mais completa e autorizada que se conhece. No Brasil, até hoje, um trabalho completo dessa natureza não havia sido divulgado. «Fátima — Revelação dos 3 Pastôres» há de parecer por vêzes, romance de ficção, quando realmente cinge-se a reproduzir o que aconteceu na Cova-da-Iria, e depois em tôda a nação portuguêsa, nos meses lendários de 1917. Enquanto, na Rússia, ocorria a grande revolução vermelha, operava-se naquela pequena serra lusitana o milagre que os homens, de imediato, iriam desmentir, mas sôbre os quais, quarenta anos transcorridos, ninguém mais alimenta dúvidas.

(Exclusividade, no Brasil, para a REVISTA DA SEMANA. Reprodução interdita, no todo ou em parte.)

DOS TRÊS PASTÔRES

Para quem vem de Fátima, a casa do sr. Manuel Marto e da sra. Olímpia de Jesus é a primeira. Casaram-se em 1897 e tiveram nove filhos. Dos nove, destacam-se os dois mais novos, Francisco, nascido a 11 de junho de 1908 e Jacinta, a 11 de março de 1910.

No outro extremo do povoado ergue-se a casinha pobre e asseada de Antônio de Santos, o Abóbora, casado com Maria Rosa, pais de 7 filhos. A mais nova, Lúcia, nasceu a 22 de março de 1907.

Ambas as famílias viviam do cultivo da terra e poderiam ser consideradas remediadas, tendo um teto próprio e até alguma reserva, nos anos de maior fartura. Quanto à vida religiosa, nada as destacava das demais famílias do povoado, cumpriam suas obrigações de cristãos mas não iam além disso.

As duas crianças eram como as demais. Desde cedo dedicavam-se à lida agrícola, cresciam sadias e bastante desenvolvidas para a idade.

Lúcia não se podia dizer que fôsse bonita, aos 10 anos. Tinha feições grossas, lábios carnudos e nariz chato. Era no entanto muito meiga e os seus grandes olhos negros constituíam o único adôrno do rosto. Por sua esperteza e agilidade, desde muito criança era a encarregada de cuidar do rebanho de seu pai, tarefa da qual desimcumbia-se muito bem, tornando-se por isto mesmo a dirigente dos outros rebanhos como o de seus primos e os demais da vizinhança.

(Cont. na pág. 40)

Desenho de RAMÓN





ALVARO MOREYRA

(CINQÜENTA ANOS DE REDAÇÃO)



Abacaxi? Não! Amargas fôram as experiências, mas Álvaro Moreyra transformou-as em algo primoroso, e a acidez desapareceu...

O SUCESSO DE UM LIVRO ★ PERFIL DO ESCRITOR ★ AMOR E PAZ ENTRE OS HOMENS ★ A SUA MENSAGEM FERVOROSA

Texto de SAMUEL AVERBACH
Fotos de A. VIEIRA

"COMIGO, A REALIDADE VIRA SONHO!"

ÁLVARO MOREYRA é uma figura tradicional na literatura contemporânea do Brasil, e muito se pode dizer a seu respeito. Pinheiro de Lemos, referindo-se a êle, taxou-o de cético sentimental, comparando-o a Montaigne. E êsse homem vivido, gaúcho de 66 anos, que já nos deu três livros de poesia, três outros de crônicas e comentários e um livro à margem da História do Brasil, acaba de lançar uma nova obra, «As Amargas, Não...», excelente livro de memórias que tem-se constituído em autêntico «best-seller».

O escritor é um tipo curioso, dentro da sua profissão. Escreve na Imprensa desde 1908 e, para o rádio, há doze anos. Tem colaborado para diversos jornais e revistas do Rio de Janeiro e dos Estados, sendo que, para o Correio do Povo, de Pôrto Alegre, escreve há quase meio século.

À parte isso, Álvaro Moreyra foi um grande impulsionador do teatro de brinquedo, a primeira experiência que se fêz no Brasil, de um teatro capaz de elevar o nível mental das platéias. O que houve de grande, no mesmo, foi a influência que, até hoje, essa idéia vem exercendo.

Mas, vejamos em que Álvaro Moreyra se destaca, no meio de tantos homens dedicados às letras:

Inicialmente, é um indivíduo que não se impressiona com o que lhe ocorre de ruim, na vida cotidiana. Como êle mesmo diz, tudo lhe agrada. Mesmo as más impressões, transforma-as, senão em boas, pelo menos em esquecidas. No setor literário, prefere a crônica pois, ali, tudo pode ser condensado por sua pena maravilhosa: romance, comentário, poesia. Já entre o teatro e a literatura, prefere aquêle, por constituir um meio de ligação mais direta com o público. Acha, no entanto, que o teatro não tem sido julgado como devia, pelos poderes públicos, pois muitas coisas tristes que acontecem, em nossa terra, ocorrem por não ter havido maiores lições da parte do teatro.

Suas idéias são, como deviam ser, personalíssimas e, solicitado pela reportagem, disse o seguinte, do govêrno e da Academia Brasileira de Letras:

— Como homem pobre, acho o govêrno do sr. Café Filho muito caro.

Gostaria que o novo Presidente da República fôsse um homem capaz (embora eu saiba que é difícil) de ser Presidente do Brasil, no Brasil e para o Brasil, sem que a nossa Pátria continuasse a ser julgada «colonial».

— Durante muitos anos, fui contra a Academia Brasileira de Letras até ver que, na verdade, não sou do contra. E a prova é que me candidatei à vaga de Celso Vieira, na cadeira que foi de Graça Aranha. Pretendo, pois, ser um imortal.

O antigo escritor contraiu segundas núpcias, já há alguns anos, com a sra. Cecília Rosemberg de Moreyra (Sila, para os íntimos), gaúcha como êle e, segundo nos informou, sua maior admiradora. Com a ajuda da espôsa, o literato vai dando conta de suas inúmeras ocupações e, no meio de tudo isso, ainda tem tempo para filosofar sôbre a vida. Completando o seu perfil, eis algumas das coisas que nos disse:

— Já viajei por tôda a Europa, vivendo dois anos na França e acho que a literatura, fora do Brasil, está passando por um período de decadência, justamente como reflexo do estado em que o mundo se encontra. Já me propus fazer, para o cinema, «A Vida do Aleijadinho», aproveitando como cenário as velhas cidades de Minas Gerais, que guardam o trabalho maravilhoso dêsse homem. Calculo que isto seria um grande êxito no estrangeiro, porque mostraria o que se fêz em arte, no Brasil, durante o século dezoito.

— Destaco, dentre os homens da pena do Brasil, Jorge Amado, José Lins do Rêgo e Érico Veríssimo, na literatura; Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e Augusto Frederico Schmidt, na poesia; finalmente, dentre os que, sem marca de tempo, continuam sempre lembrados, aponto Olegário Mariano e Adelmar Tavares.

— Meu ideal, na vida, é algo bastante simples: apenas que tôdas as criaturas humanas se entendam e se amem. A felicidade, para mim, não deve ser como a guerra tem sido — um negócio.

Assim falou o consagrado escritor e muito mais poderia ter dito. Mas, pelo que aqui ficou escrito, todos podem aquilatar das suas qualidades e não é necessário ir mais longe.



O futuro imortal tem um «hobby»: coleciona estatuetas de animais, de preferência burrinhos. E fica formado o contraste — burros e livros.



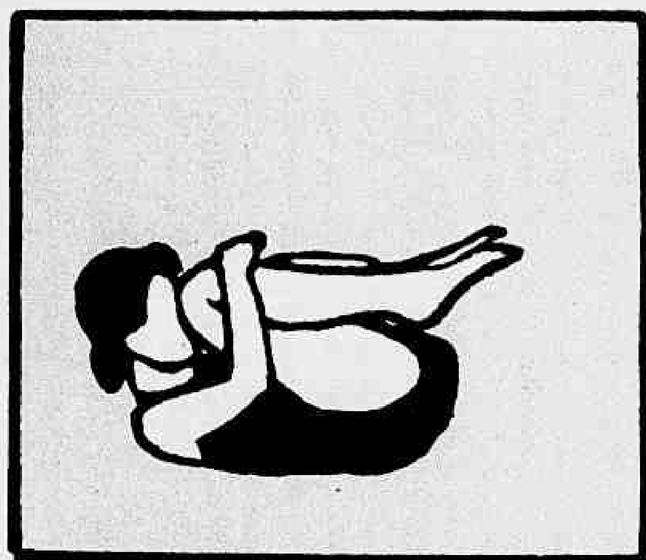
Sila tem sido uma devotada espôsa e uma excelente secretária. Sempre há tempo para alguma brincadeira, e os 66 anos não influem.



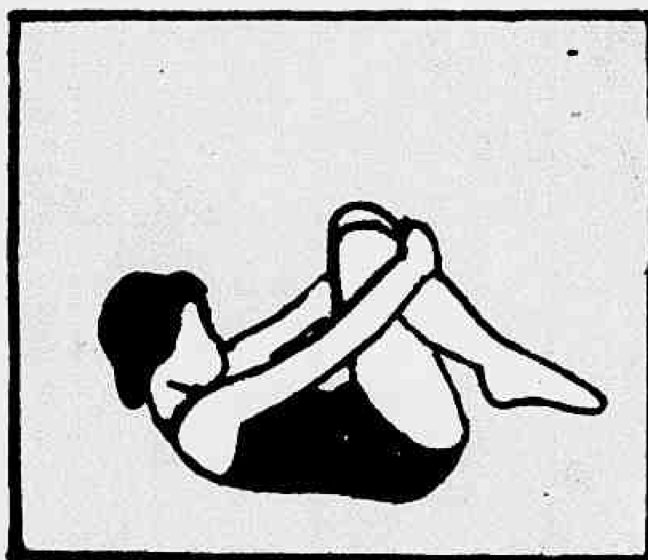
«Lembranças, tenho-as muitas. Mas, comigo a realidade acaba por se transformar em fantasia. Meus dias são quase todos agradáveis»

CONVERSA DE MULHER

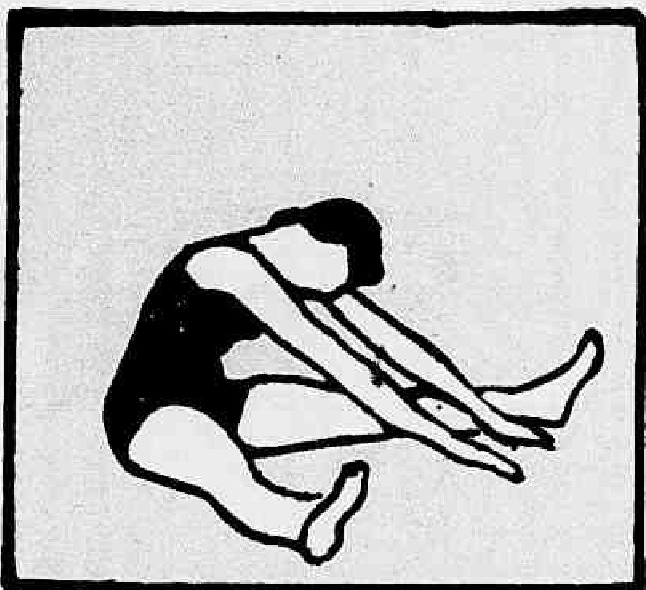
LÍGIA JUNQUEIRA



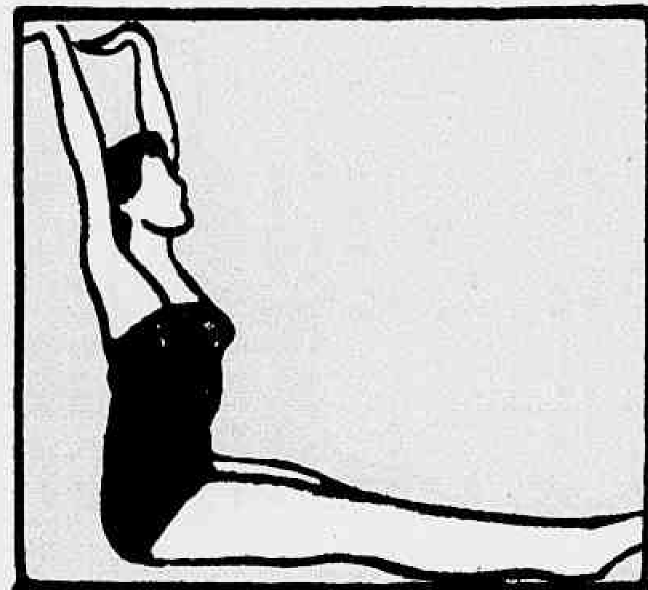
De costas, no chão, levante os joelhos e a cabeça, até que se toquem.



...movimente-se de um lado para o outro como se fôra um balanço.



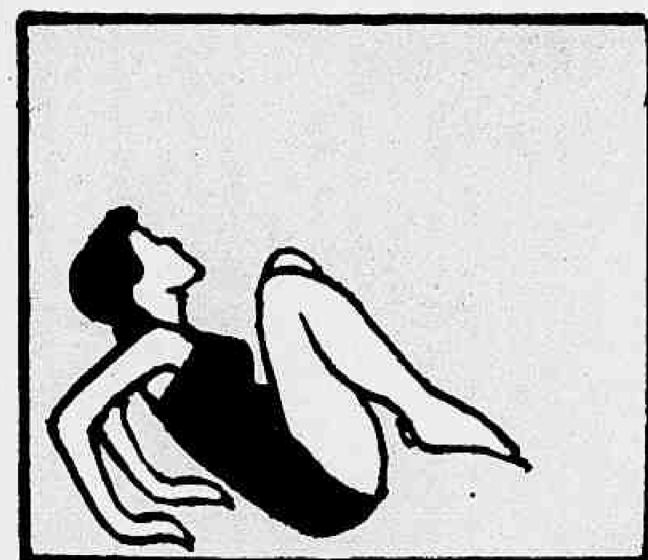
Sentada, levante os braços para cima, com as palmas das mãos para trás...



...dobre o corpo para diante, bem esticado, tocando o chão com as mãos.



Apoiando-se nas mãos, levante os pés, dobrando os joelhos...



...imediatamente depois, estique as pernas para cima, e baixe-as devagar para o chão.

PARA QUEM LEVA VIDA SEDENTÁRIA...

SE você trabalha sentada num escritório, durante todo o dia, provàvelmente ao voltar para casa estará sob grande tensão nervosa. A máquina de escrever, na realidade, cansa mais do que os trabalhos caseiros, que são por sua natureza variados e menos monótonos.

O melhor meio de se livrar dessa tensão é fazer ginástica. Quinze minutos por dia, pela manhã ou à tarde, ajudarão a manter o corpo bem aprumado e a conservar os músculos flexíveis e firmes.

Ponha uma esteira ou um tapête diante da janela, e pratique aí êstes exercícios. Assim que se sentir um pouquinho cansada pare. Não há necessidade de praticá-los até ficar exausta! Depois, tome um banho frio e estará outra!

ESTARÃO OS HOMENS "PIORANDO"?

— «Ah! antigamente era tudo muito melhor! Até os homens eram mais amáveis!

Pois foi para esclarecer o que há de verdade nessa afirmação que resolvemos entrevistar algumas mulheres, que, pela sua profissão, estão habituadas a observar os homens.

* * *

Primeiro ouvimos a opinião da **manicure**, que tão bem conhece os seus fregueses:

— Só tenho 24 anos, por isso não posso dizer como eram os homens antigamente, ainda que minha mãe viva repetindo, que eram mais cavalheiros. Porém, observo que os senhores, além de 50 anos, são realmente mais gentis. Os moços as vêzes são impertinentes e ousados... talvez influência da idade. Uma vez um dos meus jovens clientes me convidou para o almôço, porém, na hora de pagar a conta propôs que rachássemos «camaradamente» as despesas. Paguei, não, porém, sem lamentar o cavalheirismo de antigamente...

* * *

Já a **professôra** (desta vez uma senhora de 45 anos) pensa diferente:

— Acho os homens de hoje, sob muitos pontos de vista, melhores que os de antigamente. São mais inteligentes e mais francos. Reconheço que os meus alunos de hoje são menos respeitosos do que os que tive nos primeiros anos de magistério. Porém, por outro lado, não fazem brincadeiras estúpidas como a do «pó de mico» e outras que tais. Por isso, desculpa-se que tenham dentro de seus livros de francês retratos de artistas de cinema em maiô, ou de jogadores de futebol...

* * *

Um **atriz**, que brilhou há 20 anos passados, opinou:

— Procuro escolher ainda meus amigos entre os do velho tipo, homens que nos tratam com respeito e sabem ser generosos sem exigir recompensa... Mas, há tanta coisa que as vêzes exigem para nos dar apenas uma «ponta» numa peça! Pelos homens que conheci em minha longa carreira posso afirmar que no amor, os de hoje são mais superficiais e menos apaixonados.

* * *

Uma **costureira**, que se especializou em camisas e pijamas de homens, trabalhando na profissão há 35 anos:

— Procuram-me fregueses de tôdas as idades e posições sociais. Acho os de hoje mais exigentes que os de antigamente. Mas os senhores já de uma certa idade encontram sempre jeito de elogiar o meu trabalho quando ficam satisfeitos. Os jovens não pensam que isso pode me dar prazer, ou talvez se esqueçam. Tenho um cliente antigo que há 25 anos me manda flôres no meu aniversário, desde a época em que, apesar de doente, preparei-lhe, em um mês, todo o seu enxoval de casamento com monogramas bordados e tudo. Os jovens de hoje não têm tempo de pensar em certas gentilezas. Se não fôsse o mêdo de perder a maior parte de meus clientes, quanta coisa teria para contar a respeito dos moços...

* * *

A mulher **intelectual** — no caso uma escritora — assinala defeitos nos homens de ontem e de hoje:

— Verifiquei que os homens de idade não acreditam na inteligência das mulheres, ainda que as respeitem. Em compensação, os moços não têm espírito de sacrifício e possuem em grau muito inferior ao de seus pais, o sentimento de família. O amor, o casamento e os filhos são considerados coisas de importância muito relativa. Querem conseguir a fortuna, fama e posição, tudo sacrificando sem pensar que nada paga o sacrifício da mocidade.

Notinhas úteis

MANCHAS DE CERVEJA — As manchas de cerveja são retiradas com uma solução a 10% de água morna e amoníaco. Se a mancha, porém, fôr em tecido de sêda ou de lã (fibra de origem animal) empregue uma mistura de metade água e metade álcool.

★

CONSERVAS — Retire o conteúdo das latas de conserva logo depois de abri-las. Evitará que o alimento se estrague tornando-se tóxico.

★

CARNE DURA — Se a carne que o açougueiro lhe vendeu está muito dura, prepare-a cozida em água e sal, deitando uma colherinha de bicarbonato na água, assim que esta ferver. Ficará macia muito mais depressa, poupando o gás.

★

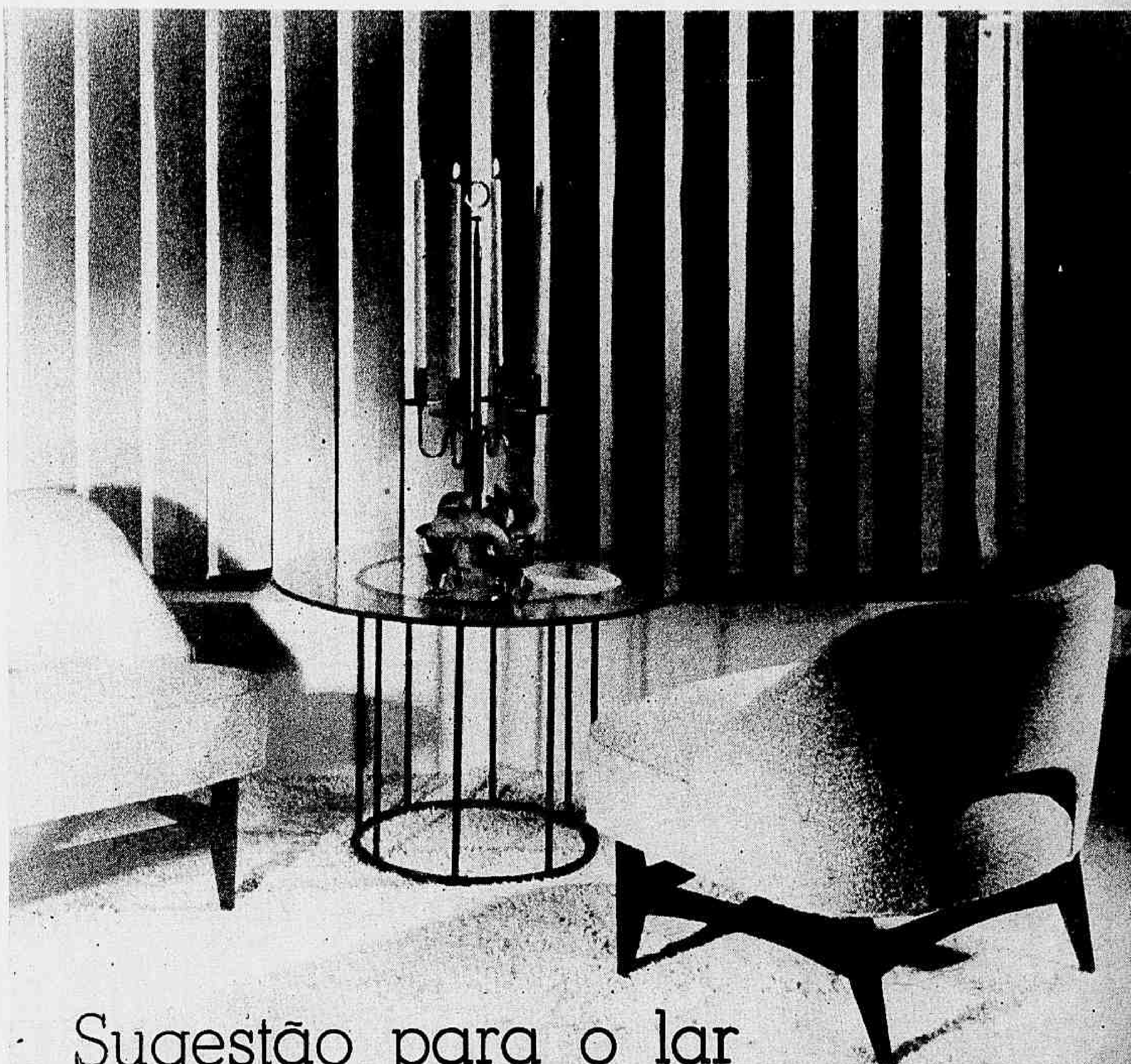
POLTRONAS DE COURO — Nunca devem ficar expostas ao sol, que as ressecará. Para dar-lhes polimento, o melhor é uma cêra incolor. Dê o lustro com flanela macia.

★

SE O LEITE COALHOU, não o ponha fora. Utilize-o para limpar seus objetos de prata, mergulhando-os no produto imprestável ao consumo. Ficarão brilhantes, principalmente se você der polimento depois, com uma flanela bem macia.

★

BORRA DE CAFÉ — Também não a ponha fora. Guarde num vidro fechado e utilize-a quando necessário, misturada à água fervendo, como desodorante para as pias.



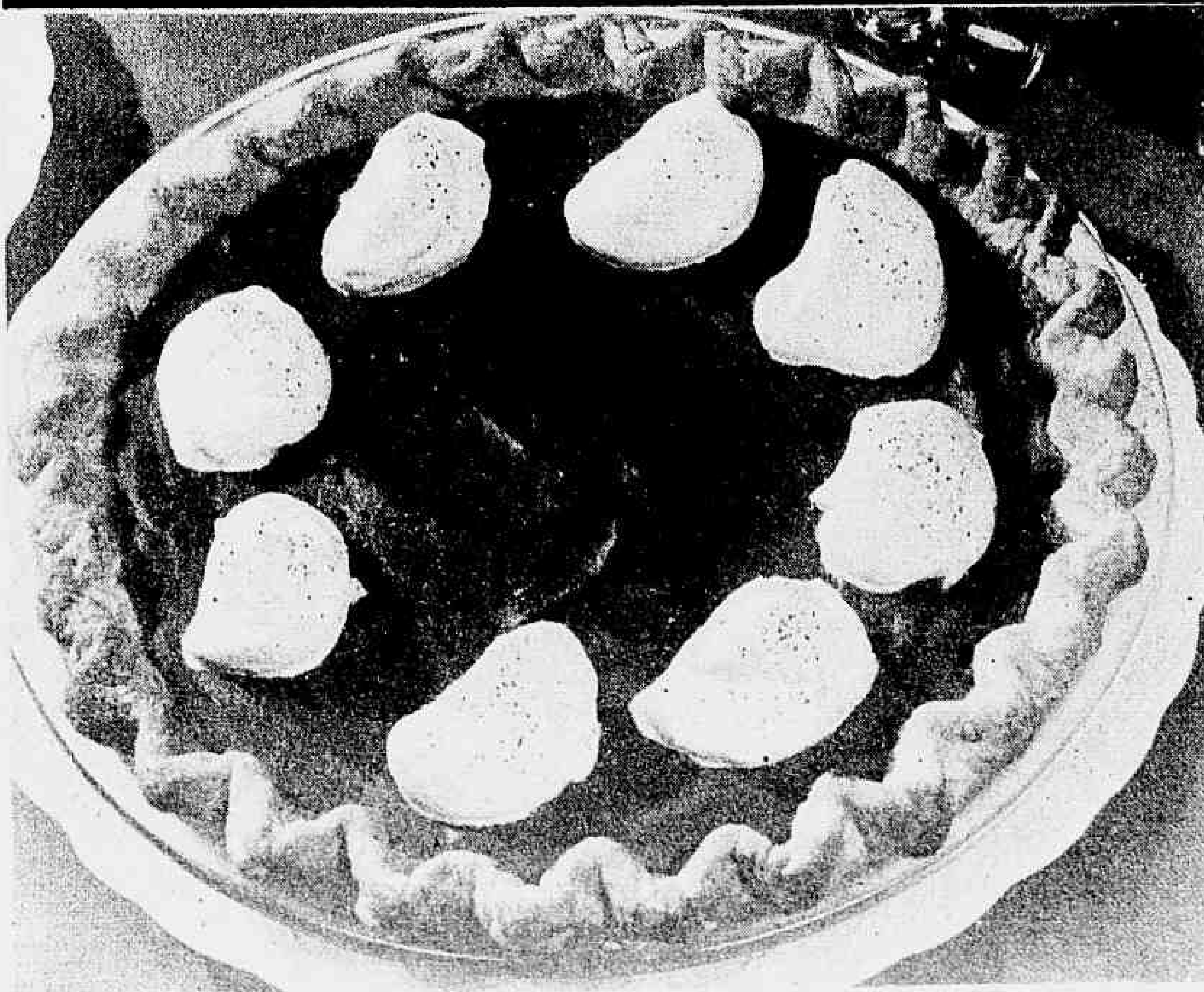
Sugestão para o lar

● São muito modernas as janelas formadas por tábuas, que, por meio de um movimento rotativo, deixam passar maior ou menor quantidade de luz. Além disso, são bastante decorativas, como se pode ver pela ilustração.

Chamamos a atenção, também, para as poltroninhas estofadas, revestidas em tecido granitê cinza claro, e com a base de apoio em jacarandá encerado. Contrastam com o tapête felpudo rosa antigo.

A mesinha, com armação em tubos de ferro negro, tem a tampa em fórmica marmorizada cinza. Castiçal em metal dourado com velas brancas.

WEEK-END NA COZINHA



A torta de abóbora é um prato tìpicamente norte-americano Porém, por ser saboroso e econômico poderia ser preparada com maior freqüência também pelas nossas donas de casa. Não damos a receita da massa de crosta para a torta porque cada uma tem lá a sua preferida, que será feita a seu gôsto.

TORTA DE ABÓBORA

1 — Prepare primeiro a sua receita predileta de crosta para torta, e asse-a.

2 — Prepare uma receita de pudim de caramelo, (pode usar os pudins em pó de preparação rápida); junte ao pudim uma xícara de abóbora cozida e amassada, 1/4 de xícara de açúcar mascavo, uma colherinha de sal, uma colher das de chá de canela em pó, uma colherinha de nóz moscada e uma pitadinha de gengibre. Misture tudo com o pudim a ferver no fogo.

3 — Retire do fogo. Acrescente 2 gemas de ôvo, ligeiramente batidas; misture e torne a voltar ao fogo (moderado) para cozinhar por mais 3 minutos.

4 — Ponha dentro da crosta de torta, já assada, e leve a gelar, perto de 5 horas, até ficar bem consistente. Enfeite, com creme de leite e nóz moscada em pó.

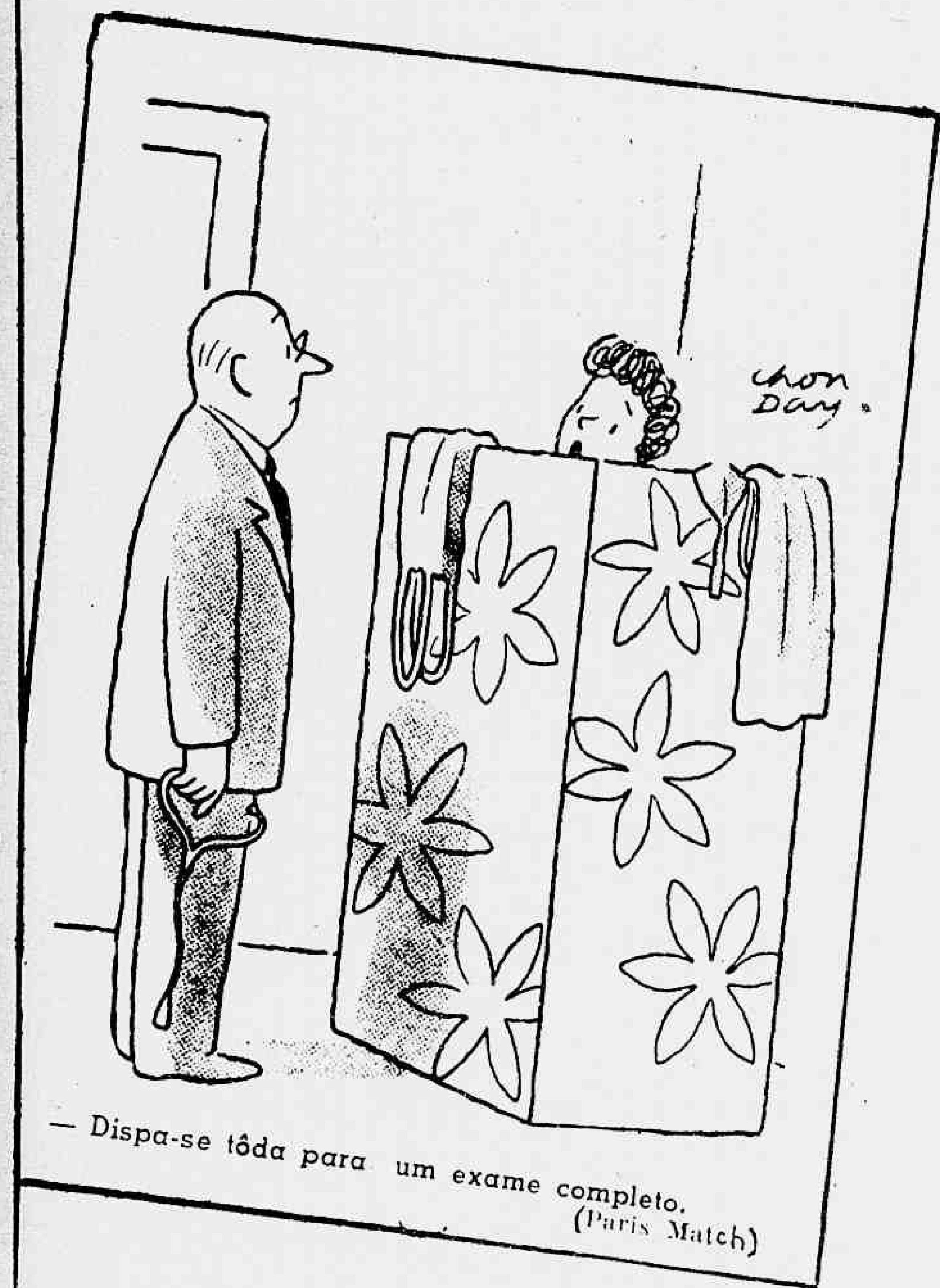


— E como terminou o programa de televisão?
(Paris Match)

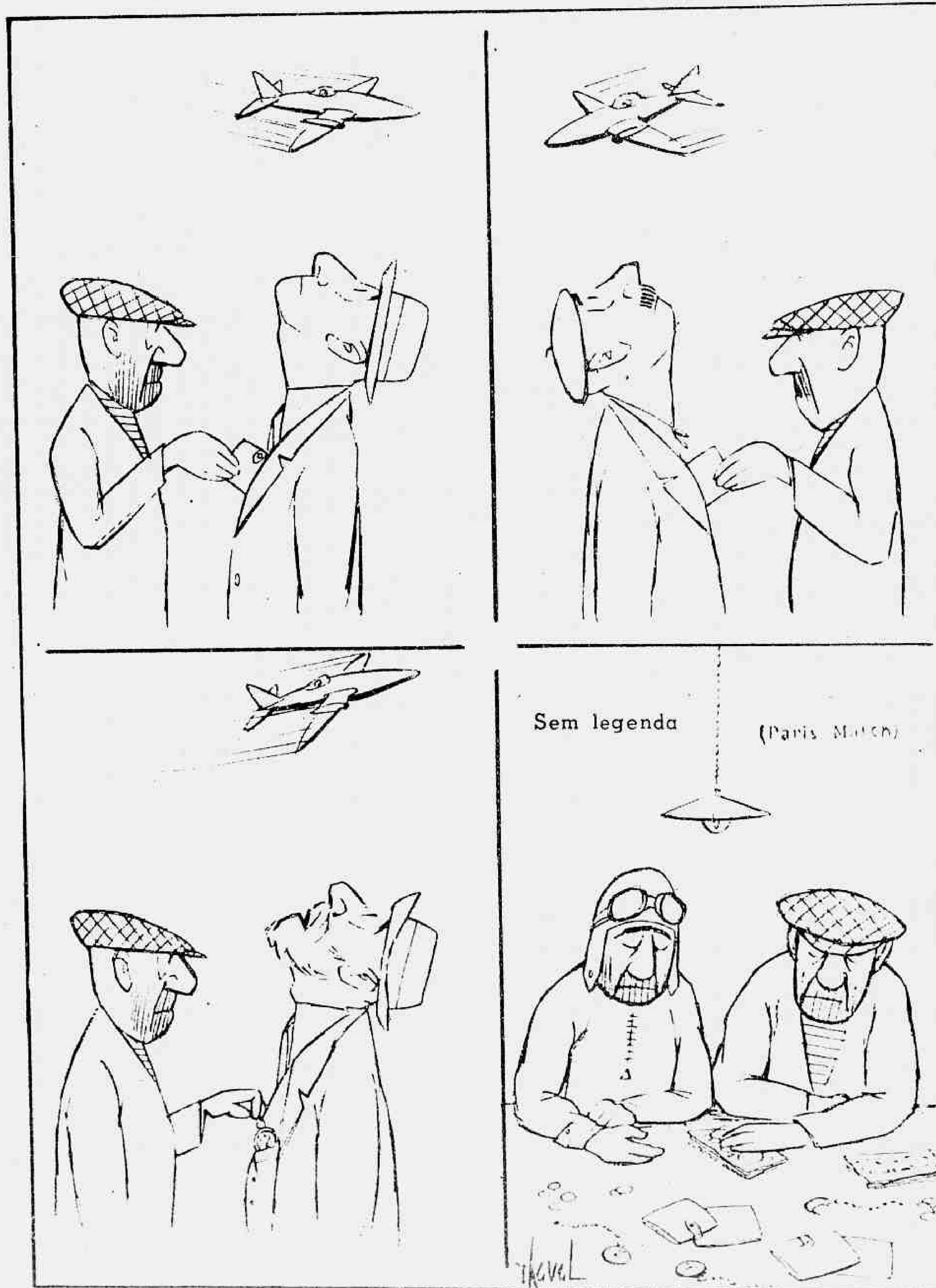


Sem legenda

(Samedi Soir)



— Dispa-se tôda para um exame completo.
(Paris Match)



Sem legenda (Paris Match)

O RISO DOS OUTROS

"A NOIVA DO VÉU NEGRO"

BRUTUS PEDREIRA

COM a peça que tem êsse título, 2 atos e 4 quadros de Leone Vasconcelos, o Duse encerrou suas atividades de 1954. A obra provocou opiniões desencontradas e, em certos pontos, antagônicos, da crítica profissional. Na amadorista, em geral, laudatória, houve também discrepâncias de apreciação. Essa disparidade opinativa, bem mais extremada que a costumeira e inevitável, entre críticos, reflete a confusão que «A Noiva do Véu Negro» lançou no público e nos mentores encarregados de guiá-lo, confusão que o próprio autor não conseguiu aclarar inteiramente, na carta publicada na coluna de Teatro da «Tribuna de Imprensa», posta à sua disposição por Claude Vincent. Não me parece que a peça de Leone Vasconcelos traga mensagem transcendente, nem defenda tese metafísica. Tampouco creio que seu autor não saiba o que quis dizer. O que não soube dizê-lo. O espetáculo mostrou-nos um homem que, legalmente absolvido do crime que cometera, não consegue fugir à condenação de sua própria consciência e, às libertações negativistas que se lhe oferecem, prefere a redenção pelo castigo voluntário, decorrente do simples ato de viver. E' a velha tese da liberação da culpa por meio da aceitação do castigo redentor. Nada há nisso de incompreensível, ou de hermético. Nem de inédito. De resto, o autor informa, em sua carta, que não escreveu «A Noiva do Véu Negro» com o intuito de parecer «diferente». Acredito. E creio, também, que, se quisesse parecê-lo, não lhe seria fácil.

A peça, por sua concepção, filia-se ao expressionismo, movimento artístico que já vai para o meio século de existência e parece não ter mais segredos. Quanto ao seu conteúdo, à sua célula-mater, ao seu tratamento, inclusive, «A Noiva do Véu Negro» é parente próxima dos autos e mistérios da Idade Média. A personificação de abstrações morais e religiosas, de entidades sobrenaturais, de conceitos sociais e filosóficos, material com que moldaram suas histórias os autores de dramas litúrgicos, de «milagres», «de moralidades», ainda encontra eco nesta obra de Leone Vasconcelos. Tivesse o seu autor, em vez da dialética um tanto pedestre e repisada que empregou, envolto o drama de Jonas num sôpro de poesia, e contaríamos com uma bela «moralidade», em nossa literatura teatral.

Em todo caso, o fato de Leone Vasconcelos não ter escolhido, para assunto de sua peça, um dos muitos temas burgueses, um dos muitos problemas «sociais», «carnais», «conjugais» que estão levando o Teatro para um beco sem saída; o fato de, consciente ou inconscientemente, ter voltado a uma das grandes fontes do Teatro ocidental faz o jovem autor merecedor da nossa consideração Voltar atrás é, muitas vêzes, o melhor meio de avançar e descobrir novos caminhos. Diz o autor que sua peça é ilógica, subjetiva, simbólica, real e irreal. Podemos, ainda, acrescentar que é expressionista e medieval. Não serão adjetivos demais para uma só peça?

Não estará, nesse tumulto de tendência e direções, uma das causas da pouca receptividade que a peça encontrou no público? Um crítico viu em «A Noiva do Véu Negro», «dentro do tema principal, mil temas secundários, todos êles capazes de dar versão a uma outra peça». Não parece ao autor que essa falsa riqueza, que é apenas dispersão, falta de coesão, constitui grave êrro de arquitetura dramática, pois êsses «mil temas secundários» são outros tantos caminhos em que o público se perde e também perde de vista o tema principal, espinhaço e razão de ser da peça? E certas frases que passam pela obra como perspectivas abertas que não levam a parte alguma não serão filhas do amor gratuito do autor à palavra em si mesma, abstração feita de seu conteúdo ideológico ou de sua função explicativa?

Queixa-se o autor de que os críticos não criticaram, não analisaram, não esmiuçaram, não compreenderam sua peça no que ela tem de subjetivo, de simbólico. Na parte que a mim, simples cronista, me tange, posso garantir que a tarefa não é fácil. Por privilegiada que seja a memória de quem quiser analisar, devidamente, «A Noiva do Véu Negro», não creio que, sem leitura atenta e repetida do texto, possa alguém ter opinião fundamentada sôbre a peça, se a vir representada apenas uma vez. Para a dificuldade de compreensão que a peça apresenta contribuiu, não pouco, a direção firme, mas pouco explícita de Maria Caetana. A diretora sobrecarregou os três juízes com tal excesso de marcações, com tão frenética gesticulação que isso fêz com que o público se distraísse e, para acompanhar a coreografia alucinada dos três símbolos do desdobramento da personalidade de Jonas (por que três, e não cinco, dez, ou um, pôsto que não encarnam facetas diferentes daquela personalidade, mas repetem sempre a mesma?) se distraísse e perdesse o fio do enrêdo, o que, em absoluto, não ajuda a compreender histórias.

Para evitar a repetição das marcas, coisa quase impossível, diante da quantidade delas e da exiguidade do palco do Duse, a diretora, não raro, criou algumas grotescas, quando não absurdas. Contudo, imaginação não lhe falta, nem firmeza de pulso. Sejam quais forem as restrições que se lhes possam fazer, à diretora e ao autor, não há negar-lhes talento e possibilidades incomuns para os ofícios em que ambos estrearam, com «A Noiva do Véu Negro». Quanto à representação, Othon Bastos, muito bom; Therezinha Bittencourt, cheia de qualidades e, surprêsa agradável, Armando Carlos Magno, em pequeno papel, atuando de modo que faz desejar vê-lo desenvolver-se, em mãos de diretor experiente. Resumindo: se não houve desempenhos excepcionais, em comparação, ninguém foi ruim. O menos verdadeiro, o menos integrado em seu papel foi, sem dúvida, Guilherme Sias. Apesar da diversidade nos papéis, o elenco manteve-se equilibrado, qualidade que devemos levar a crédito da diretora



ARAÇARI OLIVEIRA — A bonitíssima Maria Bonita de «Lampião», de Raquel de Queiroz, encenado por Sérgio Cardoso, no «Leopoldo Fróis», de São Paulo. Para quando, a «reentrée de Araçari?

NOTICIÁRIO

Em São Paulo, o T.B.C. mudou de cartaz. Em seguimento de «Cândida», de Bernard Shaw, dirigida por Ziembinski, entrou em cena «Assassinato a Domicílio» (Dial M for Murder), de Frederick Knott, drama policial de classe. O trio principal de «Cândida» formavam-no Tônia Carrero, Jardel e Josef Guerreiro. O da peça atual é constituído por Cleide Jaconis, Jardel e Walmor Chagas, do teatro do Estudante de Pôrto Alegre, já integrado nos palcos paulistas e por êles disputado.

* * *

No Teatro Maria Della Costa, ao belíssimo espetáculo que foi «O Canto da Cotovia», de Anouilh, seguiu-se a engraçadíssima comédia de Feydeau «A Pulga atrás da Orelha». A repercussão de «O Canto da Cotovia» foi tamanha que, nos últimos dias da carreira da peça, a Secretaria de Educação e Cultura da Municipalidade paulista adquiriu alguns espetáculos, oferecendo-os ao público, a preços populares.

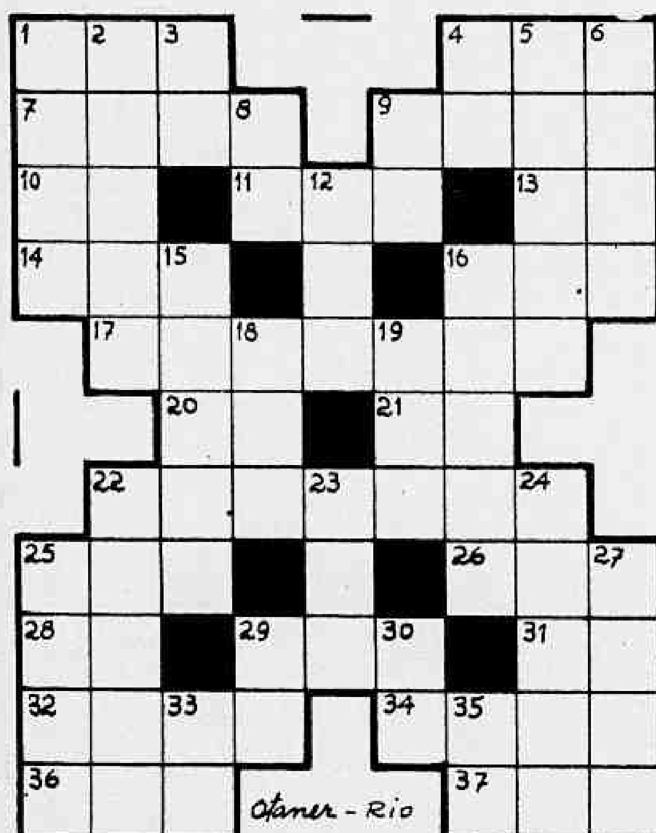
* * *

O Teatro do Jornalista do Brasil, recém-fundado aqui no Rio, estreará com a peça de Carlos Lacerda «O Rio», encenada, faz já alguns anos, pelo elenco de Eugênia e Alvaro Moreyra. A direção está a cargo de Oswaldo Waddington, nome desconhecido do público carioca. Todo mundo, porém, conhece o popularíssimo Cuca, das rodas teatrais. Pois fiquem sabendo que aquêle cavalheiro e o Cuca são uma só e única pessoa.

Palavras Cruzadas

PROBLEMA Nº 50

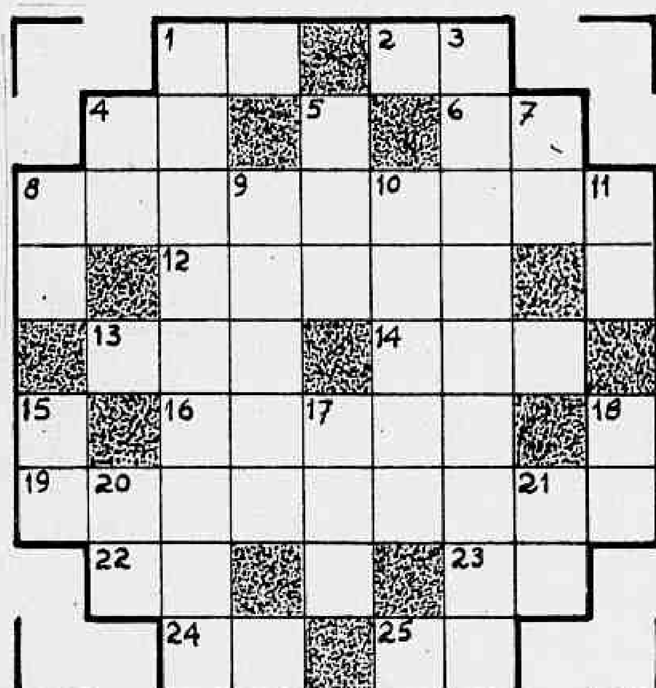
PARA VETERANOS



HORIZONTAIS: — 1. Deusa dos antigos germanos — 4. Moeda de dez réis — 7. Peça de música para uma só voz — 9. Simples — 10. Rei do país dos bemaventurados (mit. egípcia) — 11. Bonzo — 13. Divindade greco-romana — 14. Constelação austral — 16. Gana — 17. Faz mau tempo — 20. Segundo — 21. Distinção — 22. Aborrecimento — 25. Oração que os mouros fazem a Deus antes de se deitarem — 26. Vale onde Davi venceu os siros — 28. Nota musical — 29. Sulfato duplo de alumínio e potássio — 31. Para Lao Tze: crueza; quietude — 32. Páteo, cercado de habitações pobres — 34. Antigo tecido inglês de linho branco — 36. Parafuse — 37. Está acostumado.

VERTICAIS: — 1. Vara que serve para impelir a canoa — 2. Nome de um peixe amazônico — 3. 13ª letra do alfabeto grego — 4. Variedade de cabrito almiscareiro da China — 5. Animal da família dos Mustelídeos — 6. Nome de mulher — 8. Denominação de qualquer divindade escandinava — 9. Nota musical — 12. Ainda — 15. Arbusto da família das Lauráceas — 16. Ornatos de pedra polida que se encontram nas urnas funerárias dos antigos povos aborígenes — 18. Notou — 19. Riso — 22. Que não produz madeira (planta) — 23. Espécie de goma — 24. Lugar aprazível entre outros que não o são — 25. Empunhar — 27. Molusco da classe dos cefalópedes — 29. Uma — 30. Cidade da Suécia — 33. Existe — 35. Símbolo do metal de pêso atômico 101,7.

PARA NOVATOS



HORIZONTAIS: — 1. Aqui — 2. Naquele lugar — 4. Tecido finíssimo — 6. Pedra de moinho — 8. Clarão que precede o trovão — 12. Secar ao vento — 13. Mau cheiro — 14. Soberano — 16. Lugar coberto de areia abundante — 19. Do verbo larapiar — 22. Zomba — 23. Concede — 24. Brisa — 25. Isolado.

VERTICAIS: — 1. Poria; empregaria — 3. Meio amarelo — 4. Estuda — 5. Pedraume — 7. Rei de Basan — 8. Criminosa — 9. Pateta — 10. Estacai — 11. Sufixo designativo de autor — 15. Outra coisa — 17. Prefixo que significa «sôbre , em cima» — 18. Perversa — 20. Brisa — 21. Símbolo do rádio.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 46

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: daim — amua — igni — marc — nica — íleo — atordoado — Noé — cós — reino — are — lar — candoroso — enta — ágil — raer — mida — Ossa — Saar.

VERTICAIS: Dinan — agito — incoerentes — miar — âmio — Malacologia — uredo — acoos — doido — ácero — ranas — asida — rolar — Dara — rams.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: ama — macerar — ia — Sé — in — ais — má — agradecer — mu — ror — ta — al — dê — remexer — asa.

VERTICAIS: A.C. — medidores — ar — minguar — aa — as — remeter — iam — Aar — ser — arc — lê — de — má — xa.

VOTOS DE BOAS-FESTAS

AGRADECEMOS e retribuímos as mensagens de Feliz Ano Novo das seguintes entidades e pessoas amigas:

Atriz Marli Sorel — Clube Excursionista e Montanhista Pão de Açúcar — Cruz Vermelha Brasileira — Instituto Argentino-Brasileiro de Cultura — Clube Municipal — Manuel Ferreira — Revista «Visão» — H. Schneiker & Cia. (Curitiba) — Columbia Pictures of Brasil Inc. — Rádio Mundial S.A. — Banco Mineiro da Produção S. A. — Flórida Hotel — Emáss emissoras associadas Ltda. — J. R. Stockler — F. Câmara & Lopes Ltda. — Renato Machado — Clube do Cinema — A. A. Marques da Silva e família — Casa do Pôrto — Comp. dos Banhos de Vizela (Portugal) — Cineac Trianon — Júlio Caldas — «O Mundo Português» — Federação Americana — Floriano Pinheiro Alves, delegado geral — Emprêsa Gráfica Ltda. — Casa de Trás-os-Montes e Alto Douro (Lisboa) — Casal Lindolfo Assumpção — M. F. de Matos — Embaixada Canadense — Voga Publicidade Ltda. — Comptroller Serviços Técnicos de Administração Ltda. — Colégio Pan-Americano — Oscar Flues & Cia. Ltda. — Renato Portella — Varig, Navegação Aérea — Estevam Carraro & Filhos — (Erechim, Rio G. Sul) — José Graça Leite (Propriá, Sergipe) — Décio Luiz — Casa dos Poveiros — Odette Bastos — Vera Nunes — Amadeu Vieira & Cia. — Atriz Maria Brazão R. Mateus — Artur Rosa Mateus — Cinelab Ltda. — Manuel Barcelos — Associação Brasileira de Rádio — Herbert Moses, Associação Brasileira de Imprensa — Atriz Pepa Ruiz — Irmãos Tonhoque Ltda. — Albano Martins (Belém-Pará) — Myrian Pires — Sára Almada (Cataguazes) — Bem Antônio de Araújo Homan (Lisboa, Portugal) — Antônio Cabral, Serviço de Imprensa da Panair do Brasil — Casa Ilha da Madeira — Adelino Lopes Macieira, presidente da Casa dos Poveiros — atriz Maria Sampaio — Revista «Manchete» — União Brasileira de Compositores — Thompson Laviola — Offenbach am Main — Bulkley, Dunton Paper Co., S. A. — «A Triunfal» — Luiz Gonzaga.



BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº.......

NOME........................

RUA.................. Nº.....

CIDADE......................

ESTADO......................

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00

WINDSOR HOTEL



RUA GUAIANAZES 10

Telefone: 35-41-95

Enderêço telegráfico: Windsorhotel

SÃO PAULO

CRÔNICA:

LITERATURA DE FIM DE ANO

O ano literário, que em geral escorre ameno e sem aparecimentos sensacionais, como que adquire um ritmo mais acelerado para o fim do ano. Assim é que tivemos, já nos derradeiros dias de 54, alguns livros que por si apenas marcariam a importância do ano que findou. Já nos referimos, e longamente, às obras poéticas completas de Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade, verdadeiros monumentos de nossa literatura moderna. Queremos salientar agora o lançamento de «Madrugada sem Deus» de Mário Donato, da «Menina Morta» de Cornélio Penna e da «suite» de Homero Homem, que além de um acontecimento literário, marcou também um esplêndido «evenement» social. Mário Donato teve seu ponto máximo de sucesso com «Presença de Anita», que alcançou várias edições, foi transposto para o cinema e creio mesmo que tentado pelo teatro e pelo rádio. Volta-nos agora com êste terceiro alentado romance, que sem dúvida nos merecerá uma crônica particular e mais completa. Cornélio Penna ingressou desde seu livro de estréia «Fronteira», entre as coisas mais sérias que se fazem entre nós. Ocupa hoje um lugar único, inteiramente aparte, que lhe vale um largo e merecido prestígio. «Menina Morta» que sem dúvida encerrará alguns de seus temas prediletos, deve fazer incidir sôbre êsse final de 54 algumas de suas mais brilhantes luzes. Já Homero Homem, inédito em livro, é homem de jornal e de suplementos, frequentando os mesmos com assiduidade e brilho. Sua estréia não é assim pròpriamente a apresentação de um desconhecido, mas a realização de um maduro homem de letras que, além do mais, vem acompanhado de magníficas ilustrações do pintor e viajante, purificador de Capri, Antônio Bandeira. Ressaltemos que o volume, em edição de luxo, limitada, é uma obra prima de bom gôsto e de elegância. Penetremos pois desta última resenha, no ano de 55, e vejamos se êle nos traz surprêsas tão boas quanto estas.

LÚCIO CARDOSO

O QUE ÊLES DIZEM

● NO ESTRANGEIRO:

DAWSON, crítico inglês, saudando o aparecimento nesta língua da versão de «Journal du Voleur» de Jean Genêt: «Trata-se de uma obra do mais indiscutível gênio».

* * *

Anouilh, sôbre Samuel Beckett: «É um Sade que leu Pascal».

* * *

René Lalou sôbre Charles Morgan: «Morgan revigora-se — suas tiragens ascendem a muitos milhares de exemplares».

* * *

Leon Pierre Quint, sôbre Proust: «É afinal de Contas, o caso genial de uma paciente estrategia literária.»

● NO BRASIL:

O poeta Augusto Frederico Schmidt (que os leitores me perdoem a insistência, mas nos dias que correm, bem ou mal Schmidt ainda é dos poucos que falam...) escreve numa de suas últimas crônicas que Getúlio Vargas, às vésperas do suicídio, havia mandado chamá-lo para trocar confidências. E sugere, um tanto nebuloso, que só mais tarde falará, que são coisas importantes... Serão?

* * *

Geir Campos rememora os primórdios da «Hipocampo». Muito bem, Geir, mas porque não foram avante as edições?

* * *

E por falar em «Hipocampo», no «O Globo» Tiago de Melo conta que passeou por Manaus com Pascoal Carlos Magno, e que o dinâmico impulsionador do «Teatro do Estudante» deu-lhe notícias detalhadas do Rio. Como se vê, o poeta está com saudades.

* * *

Antônio Maria declara que Braga, o velho Braga é a «coqueluche» da cidade. Concordamos, da cidade noturna, pois o Braga é pássaro que não voa durante o dia.





Dois flagrantes do já famoso almôço que o editor José Olympio ofereceu a Manuel Bandeira e Carlos Drumond de Andrade. No primeiro, além dos homenageados, aparecem o homenageador, o romancista José Lins do Rêgo e o pintor Cândido Portinari. No segundo, vê-se Bandeira ladeado pela nova geração, de «cock-tail» em punho: Geir Campos, João Cabral de Melo Neto e Lêdo Ivo. Acontecimento como êste são raros, e marcam bem o avanço do espírito de congraçamen entre o editor e o editado.

NOTICIÁRIO

COMÊÇO de ano: os escritores preparam suas obras, os editôres amaciam os prelos. Que se anuncia? Vejamos um rápido esquema:

POESIA:

Sentimento europeu, de Lêdo Ivo.
Suma Poética, de Marcos Konder Reis.
A casa de luz, do mesmo.

Quanto a ensáios, folclore, política, etc,. daremos uma resenha mais completa em nosso próximo número.

José Lins do Rêgo iniciou suas «Memórias», que como tudo fará prever, terá também quatro volumes.

Por falar em quatro volumes, Darel foi escolhido para ilustrar a nova edição das «Memórias do Cárcere» de Graciliano Ramos.

Do mesmo autor teremos uma seleção de contos inéditos, que ao que parece, abrange um total de quatrocentos autores escolhidos.

Maria Wanderley Menezes também escreve um romance, ao que parece ainda sem título.

ROMANCES:

Atração, de Otávio de Faria.
Os caminhos da danação, de Gasparino Damata.
O inocente, de Otto Lara Resende.
E outros, sem título, de Fernando Sabino Ferreira Gullar, José Carlos de Oliveira, etc.

Promessas, sem dúvida, mas promessas de ótima qualidade.

EVOCANDO A FIGURA APOSTOLAR DE JOSÉ DE ANCHIETA

REALIZOU-SE recentemente na Praça da Sé, em São Paulo, a solene inauguração de um monumento ao Padre José de Anchieta, obra executada pelo escultor Heitor Usai e oferecida à cidade bandeirante pelo Grupo Sul América, composto da Companhia Nacional de Seguros de Vida, Sul América Terrestres, Marítimos e Acidentes, Sul América Capitalização S. A., e Banco Hipotecário Lar Brasileiro.

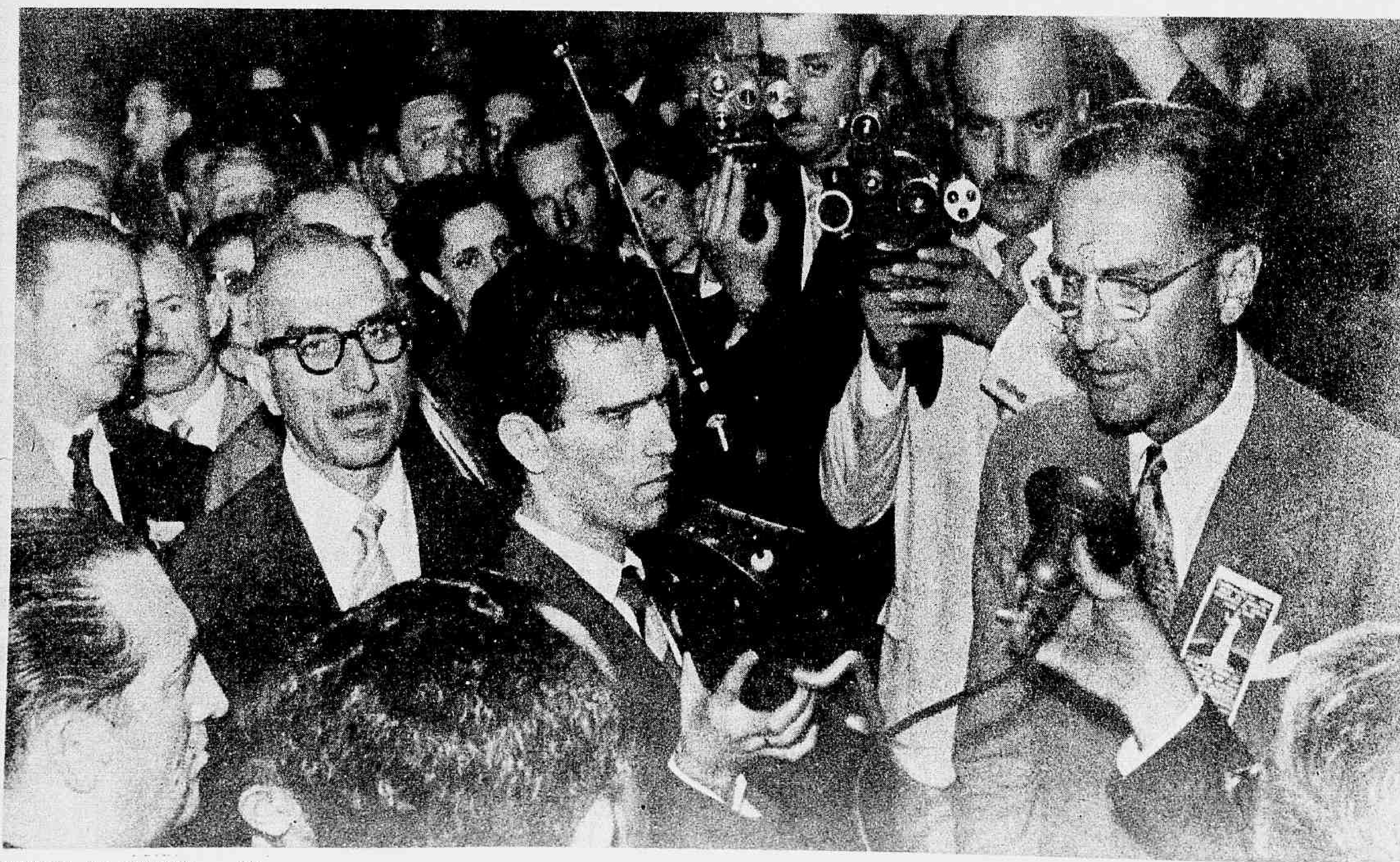
As solenidades de inauguração do monumento foram iniciadas com o descerramento da lona que cobria a estátua e bênção pelo padre Aristides Greve, seguindo-se a missa campal, com a participação do Coral da Prefeitura Municipal de São Paulo, sendo seu oficiante o padre Francisco Rocha, titular da Igreja de São Gonçalo. Proferiu o sermão o padre Fernando de Castro.

Compareceram às solenidades o prefeito de S. Paulo em exercício, general Porfírio da Paz, o presidente do grupo Sul América Lar Brasileiro, sr. Antônio Larragoiti Jr., Secretários de Estado, deputados, vereadores, membros da Academia Paulista de Letras, membros do corpo consular, membros do Instituto Histórico e Geográfico, representantes da magistratura e das classes armadas, além de grande massa popular. Participaram ainda das solenidades os alunos do Colégio Osvaldo Cruz, do SENAI, o orfeão e fanfarra feminina do Instituto de Educação Padre Anchieta.

Após a missa campal usou da palavra o sr. Antônio Sanchez de Larragoiti Júnior, presidente em exercício do Grupo Sul-América, fazendo a entrega oficial do monumento à cidade e recebendo, ao terminar, calorosos aplausos.



Um aspecto do monumento, colhido pela objetiva da REVISTA DA SEMANA



Flagrante feito por ocasião do discurso pronunciado pelo sr. Antônio Sanchez de Larragoiti Jr.

OS MELHORES DO ANO DE 1954

I — FILMES E INTERPRETAÇÕES



Marlon Brando — «Júlio César»

CONFORME previmos em fins de novembro, dezembro não nos trouxe nhum filme que possa ser incluído entre os 10 melhores do ano. «A Lôba» não deixa de ser uma produção interessante, mercê da direção segura de Lattuada, da belíssima fotografia de Aldo Tonti e de algumas interpretações razoáveis, mas não consegue superar uma séria contradição de estilos íntimos (neo-realismo do diretor, naturismo de Verga, ecletismo dos cenaristas, etc.) e, por isso, jamais atinge o nível de um grande filme.

Temos, portanto, que as 10 melhores produções do ano continuam a ser as que apontamos na nossa primeira crônica para essa revista. Ou seja: (ainda que não haja uma rigorosa ordem de preferência na enumeração — a não ser para os dois primeiros filmes citados):

1 — «Humberto D.» («Umberto D.», de Vittorio De Sica)
2 — «Brinquedo Proibido» («Les Jeux Interdits», de René Clément)
3 — «Os Brutos Também Amam» («Shane», de George Stevens)
4 — «Sem Barreiras No Céu» («The Sound Barrier», de David Lean)
5 — «O Salário Do Mêdo» («Le Salaire De La Peur», de H. G. Clouzot)
6 — «Crimes Da Alma» («Cronaca Di Un Amore», de Michelangelo Antonioni)
7 — «A Cruz De Minha Vida» («Come Back, Little Sheeba», de Daniel Mann)
8 — «Roma às 11 Horas» («Roma, Ore 11», de Giuseppe De Santis)
9 — «Inferno 17» («Stalag 17», de Billy Wilder)
10 — «A Última Felicidade» («Hon Dansade En Sommer», de Arne Mattson).

Esplêndidos filmes, quase todos êles encontrando suas espinhas dorsais em invulgares trabalhos de direção. Distinguir o melhor dêsses diretores seria arriscado. Basta lembrar que teríamos de escolher entre um De Sica e um Clément, um Clouzot e um Stevens, um Lean e um De Santis, um Kazan e um Litvak. Antes procurar eleger um cenarista porque, aqui, o nome de Zavattini logo se destaca — êle que está na base de três filmes de valor desigual, mas de segura qualidade: «Umberto D.», «Roma às 11 Horas» e «S. Majestade o sr. Carloni» («Prima Communione», de Alessandro Blassetti). E sem falar que S. Paulo já conhece «Milagre Em Milão»...

Quanto às maiores interpretações do ano, temos que estabelecer logo uma grande diferença entre as femininas e as masculinas. As últimas foram, inegàvelmente, muito mais numerosas e brilhantes. Apontar mesmo qual dentre elas foi a melhor, poderá provocar fundadas discussões. Ora, quanto à melhor interpretação feminina, não creio que possa haver duas opiniões: foi a de Shirley Booth, em «A Cruz De Minha Vida». Nenhuma outra mesmo que dela se aproxime, não só porque foi realmente excepcional, de uma finura e de uma intensidade dramática raramente igualadas, como porque as demais interpretações de relêvo (e penso, por exemplo, numa Lúcia Bosé em «Crimes Da Alma», numa Brigitte Fossey em «Brinquedo Proibido») jamais ultrapassaram um determinado grau — em nada entusiasmante, creio eu.

Já não se dá o mesmo, em absoluto, no setor das interpretações masculinas. Se a mim, particularmente, me parece que o Ralph Richardson de «Sem Barreiras no Céu» leva a melhor, no cotejo do ano, (de tal modo é fina e sóbria, impressionantemente forte de vida interior e autoridade, a figura que êle consegue compor) não julgaria absurdo que me viessem contestar essa prioridade lembrando os trabalhos, realmente notáveis, de Marlon Brando (em «O Selvagem» e em «Júlio César», dois filmes, no entanto, não de primeira linha...) de William Holden, (em «Inferno 17» e em «Tributo de Sangue» — «The Turning Point», um filme regular de William Dieterle que a sua «performance» alteia consideràvelmente...), de Charles Vanel em «O Salário Do Mêdo» e de outros ainda menores, como os de Alec Guiness e Vittorio De Sica.

De qualquer modo, com Ralph Richardson ganhando o «oscar» ou não, (afinal, trata-se de um ator já mais do que consagrado como um dos maiores...) o que é inegável é que a «afirmação» de Marlon Brando como grande ator foi o maior acontecimento «masculino» do ano cinematográfico que findou. Seus trabalhos anteriores, principalmente o de «Uma Rua Chamada Pecado», já deixavam esperar muito boa coisa do novo astro — sensação de Hollywood. Foi necessário, porém, que o víssemos como Marco Antônio, no «Júlio César», de Manckievick e, sobretudo, como o triste herói de «O Selvagem», («The Wild One», de Lazlo Benedek) para que tivéssemos plena certeza da «realidade» em que já se transformou para o mundo do cinema e que o «On The Waterfront», de Elia Kazan, parece ter vindo confirmar amplamente.

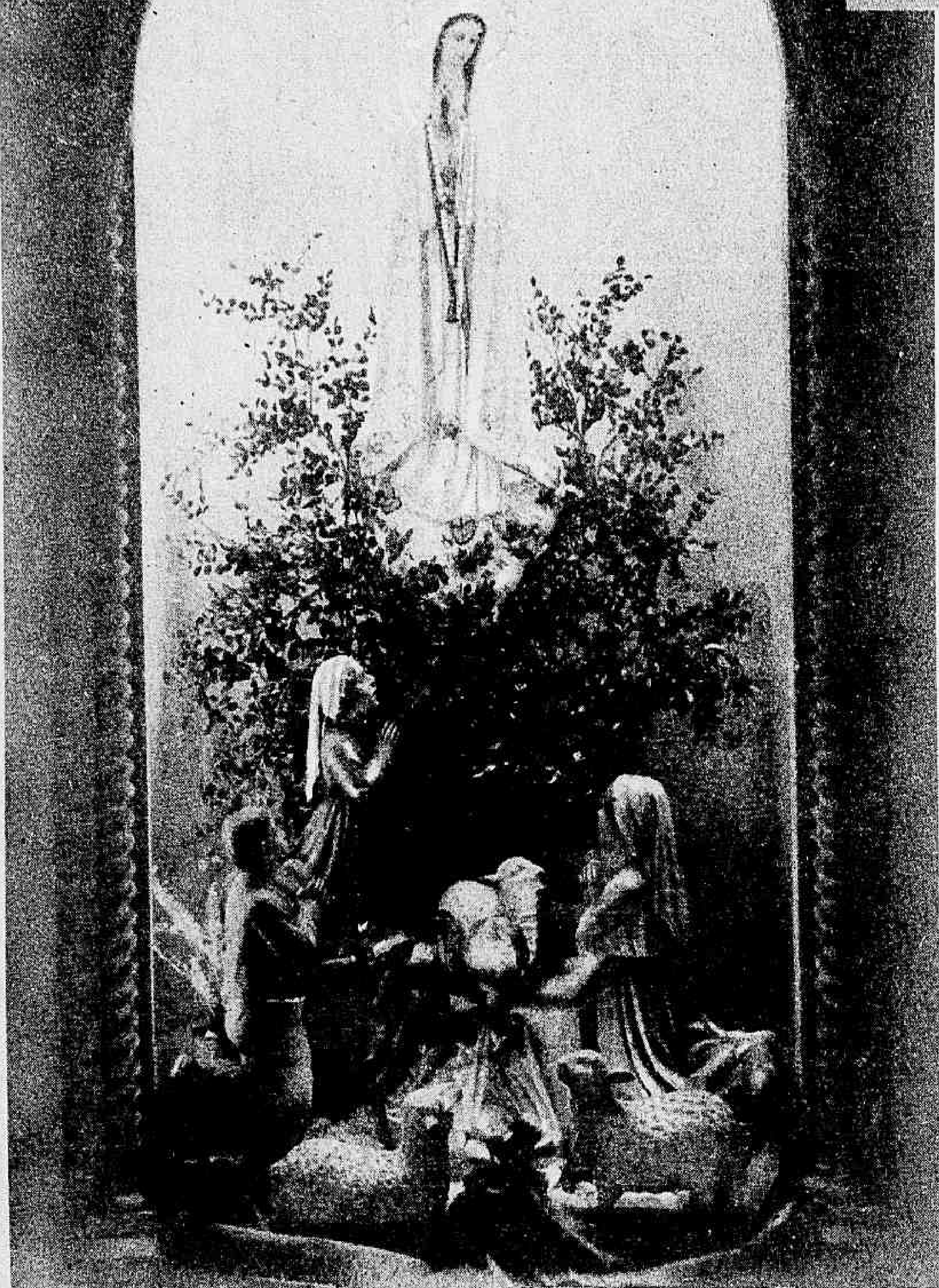
OTÁVIO DE FARIA



Ralph Richardson — «Sem Barreiras no Céu»



Shirley Booth — «Cruz de Minha Vida»



FÁTIMA — REVELAÇÃO DOS 3 PASTÔRES

(Cont. da pág. 29)

Francisco destacava-se dos demais garotos da região serrana por seus traços finos e nos seus olhos vivos e irriquietos via-se refletida tôda a peraltice dos seus nove anos. Corria montes procurando lebres e rapôsas para com elas distrair-se. Nada temia, brincava com lagartos e cabras, dando-lhes de beber o leite das ovelhas.

Jacinta, com traços muito delicados e um ar muito meigo, era alegre e folgazã, e tinha paixão pela dança. Por vêzes, rodopiava sòzinha nos montes, bastando que ouvisse um compasso das flautas dos pastores. Muitas pessoas recordando-a aos sete anos, comparavam-na a um anjo.

SURGIU NUM RAIO DE LUZ

Maio, mês de Maria! Céu claro e límpido, sol esplendoroso; brilhando a Serra do Aire. Era domingo, 13 de maio. Depois de haver assistido a missa, às primeiras horas da manhã, os três primos, Jacinta, Lúcia e Francisco encontraram-se na serra, onde haviam reunido o seu rebanho. Lúcia escolhendo o lugar para a pastagem daquêle dia, disse:

— Vamos para a Cova da Iria.

Seus pais possuíam aí uma pastagem com ótimas ervas para as ovelhas. Os primos seguiram-lhe os passos e quando chegaram ao local indicado já estava próximo o meio-dia. Repartiram entre si a merenda de pão, queijo e azeitonas, finda a qual, rezaram o Têrço. Levaram as ovelhas para o sítio onde havia melhor pasto e principiaram a brincar com tudo o que encontravam: gravetos, fôlhas, frutos secos, construindo casas e pontes. A paisagem que os rodeava era maravilhosa. O alto da serra era coberto de lírios, e rosas silvestres, entre os quais miríades de insetos voavam. A obra já estava bastante adiantada quando súbito ouviram um clarão de relâmpago. O céu no entanto continuava límpido o que bastante os surpreendeu.

— Que seria?

Lúcia, como sempre tomando a dianteira, aconselhou:

— Já começou a relampejar. E' melhor irmos embora, antes que venha trovoada.

Chamando as ovelhas, iniciaram a descida da serra. Logo porém, no local onde hoje se ergue a capelinha das aparições, um relâmpago mais forte do que os outros, deixou-os paralisados. Continuando a marcha, olharam distraìdamente para o fundo da Coca e depararam com uma Senhora de rara beleza, sôbre a copa de uma das azinheiras de menor tamanho. O primeiro impulso foi o de fugir mas a luminosa aparição chamou-os com voz suave:

— Não tenham mêdo, pois não lhes farei mal.

Lúcia, a mais afoita, iniciou então conversa com a linda Senhora.

— De onde é vossemecê?

— Sou do Céu, respondeu Ela, enquanto que, com a mão esquerda, apontava para o alto.

A Senhora tinha as mãos erguidas na altura do peito, na postura de quem reza, de uma das mãos descia um rosário de contas brancas. A túnica e o manto eram brancos. Os pés roçavam uma pequena nuvem que mal tocava os ramos da azinheira.

A aparição ia respondendo ao que Lúcia perguntava e por fim concluiu:

— Voltai aqui durante seis meses segundos, neste mesmo dia e a esta mesma hora. Depois, vos direi quem sou e o que quero.

Dito isto, desapareceu.

Os três pastorinhos permaneceram ainda por algum tempo como que fascinados. Não sabiam o que dizer. Ali ficaram até ao cair da tarde, comentando a aparição e procurando interpretar o que tinham ouvido. A Senhora só falara a Lúcia, mas Jacinta ouvira o que ela dissera. Francisco no entanto apenas viu, e nada ouviu.

Lúcia meditou que seria melhor guardar segrêdo do que haviam presenciado e, sendo assim, disse aos companheiros:

— Não devemos dizer nada a ninguém. Nem mesmo às nossas mães!

Francisco e Jacinta concordaram. Iniciaram então a volta para casa, já com o pôr do sol. Despediram-se à porta da casa de Jacinta; tinham a alma leve e o coração transbordante de alegria.

Na casa de Lúcia cearam e rezaram. O pai da pastora, o Abóbora, como de costume, foi encontrar os amigos na venda. A mãe, sra. Maria Rosa, ainda ficou junto à lareira com os filhos, por algum tempo, e por fim foram todos deitar-se.

Quando Francisco e Jacinta chegaram em casa, não encontraram os pais que tinham ido à feira da Batalha. Francisco distraiu-se brincando, enquanto era visível a inquietação de Jacinta, pela ausência da mãe. Quando a avistou, correu para ela:

— Mamãe, vi hoje Nossa Senhora na Cova da Iria!

— Credo filha, Mas tu não és nenhuma santa para ver Nossa Senhora, repreendeu a mãe.

A pequena um pouco envergonhada, confirmou:

— Vi sim, e o Francisco e a Lúcia viram também.

Pouco depois a sra. Olímpia veio sentar-se à lareira, junto ao marido e falou assim para a pequena:

— Jacinta, conta como foi que vocês viram a Nossa Senhora na Cova da Iria.

A pequena pastora fêz então um relato dos maravilhosos acontecimentos ocorridos à tarde. Suas palavras fôram confirmadas por Francisco.

A mãe teimava em não acreditar enquanto que as irmãs mais velhas e o pai mantinham-se atentos. O sr. Marto permanecera calado, no entanto acreditava plenamente no que as crianças diziam. Todos foram dormir impressionados com a narrativa.

No dia seguinte a sra. Olímpia contou a novidade à mãe de Lúcia bem como a tôdas as vizinhas. Logo a notícia correu de bôca em bôca, por todo o povoado. Dias depois, enquanto trabalhavam na tosquia do rebanho, a sra. Maria Rosa decidiu-se a interrogar a filha sôbre o falatório que se espalhara por tôda a parte.

— Lúcia, a mãe de Jacinta anda dizendo que viste Nossa Senhora na Cova da Iria. E' verdade?

— Eu nunca disse que era Nossa Senhora e sim uma senhora muito bonita. Tinha até combinado com o Francisco e a Jacinta para guardarmos segrêdo a respeito da aparição. Pelo que vejo, êles não se contiveram.

— E que foi que disse a vocês esta senhora?

— Pediu-nos para voltar lá durante seis meses nos dia 13. Só depois nos diria quem era e o que queria de nós.

A mãe proibiu-a de voltar lá no mês seguinte, dizendo que era dia de Santo Antônio. A pequena no entanto afirmou que lá estariam, como haviam prometido.

ESPALHA-SE A NOVIDADE

Na aldeia todos comentavam. Ninguém acreditava. Muitos achavam que os pais eram os culpados.

— Deveriam levar uma surra, para deixarem de brincar com coisas sérias!

A sra. Olímpia era uma das que não levava o caso a sério. Várias vêzes bateu nos filhos, Francisco e Jacinta, para conseguir dêles a verdade.

O pai de Lúcia, Antônio Santos, não manifestava a sua opinião. A pequena andava chorando pelos cantos da casa.

O próprio prior proibia aos pais que acompanhassem os filhos à Cova da Iria, afirmando que «não podia ser, não podia ser!»

Muitos levaram o caso na brincadeira e no mês seguinte, justamente no dia 13 quando se comemoravam as festas de Santo Antônio, saíram de Fátima, dirigindo-se para Ourém, onde iriam se distrair comendo e dançando. No dia 13 de junho sòmente umas 50 pessoas acompanharam as crianças à Cova da Iria, onde o fenômeno sobrenatural repetiu-se. Esta é a «Aparição do Segrêdo». Nesta ocasião a Senhora confiou às três crianças um Segrêdo que só no Céu poderiam revelar.

Todos os que estiveram presentes regressaram com plena certeza de que os pequenos falavam a verdade e a 13 de julho, uma multidão calculada entre 4 a 5 mil pessoas, compareceu ao local.

(Continua no próximo número)

PAULO, PAULINHO, KING, SOLEDADE

Êle é assim. Meia altura, louro, impulsivo, amigo certo, trazendo na certeza da amizade uma parcela grande de emotividade e confiança. Acredita e por isso mesmo é um boa-fé e sofre porque é sincero.

Quando o conheci, êle era o Paulinho, jogava pelada na praia da Urca mais o Mingau, o Digo, o Carlinhos Tovar, eu mesmo, o Rubinho e às vêzes o ieroglífico Heleno de Freitas.

Além disso ficava na escadaria da Urca pelo prazer de ser peru, pagava e bebia grandes bebedeiras no salão Urca e foi pioneiro da crônica do «show-business» no Brasil.

Crônica escrita n'«O Globo» e falada na Rádio Cruzeiro do Sul. Naquele tempo êle se chamou King...

Depois a Urca (Cassino) fechou e eu perdi a pista do Paulinho. Quando o Edu morreu, encontrei-o novamente chorando com a rapaziada a morte do rapaz UM...

Havia Mariazinha, Virgínia, Màriozinho, Índio e muita gente. Comecei na buate Monte Carlo, aconteceu «Um vagabundo toca em surdina» com o outro Edu. Encontrei o Paulinho, agora Paulo Soledade, «show-man» de parceria com o Fernando (amigo?) Lôbo.

E saí lidando com êle... «Feitiço da Vila...» «Franqueza Rude...» Soledade. Otelo, eu nunca farei o que o Machado faz. Jogar um «show» inteiramente na tua mão!

Eu não podia fazer mais do que rir contrafeito. Era o Paulo Soledade do meu ponto de vista que estava falando e o Paulo Soledade do meu ponto de vista sabe sempre o que está falando...

Agora encontro o moço nas páginas da revista onde escrevo também. Estão me falando que êle não quer mais escrever, criticar «shows»... Acho errado, porque continuo achando que o Paulo Soledade sabe o que diz. Tem obrigação de saber.

Acho apenas que, no entusiasmo natural de quem volta e traz cabedal, o Paulo Soledade não faz concessões agradáveis à leitura.

Por quê? Tão fácil é a vida, esta é boa para ser vivida e não lutada... Não vamos mudar nada, Paulo Soledade...

Seremos sempre um na eterna pelada que a vida é.

Passa a bola outra vez no jeito de um bate-pronto e você vai ver que nunca deixou de ser o King. Aquêle King simpático e amigo que ficava na escadaria da Urca pelo prazer de ser peru...

Um abraço grande e um 55 feliz são os votos que faço ao Soledade que será sempre Paulinho, aquêle que no meu ponto de vista nunca deixou nem deixará de ser o King.

Do amigo certo mas que pode pouco sinceramente

GRANDE OTELO

BOAS FESTAS

A todos que nos enviaram Boas-Festas, juntamente com Olga daqui retribuímos a sinceridade dos votos desejando também aos que nos esqueceram as boas messes que não quiseram ou não tiveram tempo prá nos desejar.

Fazemos votos de felicidade para o cinema brasileiro em geral e à Atlântida em particular, chorando com seu Ribeiro Júnior o incêndio do depósito da U.C.B., pedindo a Deus que descubra outros «Amei um bicheiro» para o bem da cinematografia nacional. A imprensa que tão bem nos tem acompanhado no «rush» em que vivemos, a sinceridade do nosso abraço e a pureza do voto que Olga faz de muitas felicidades no ano novo.

ALEGRIA

Somos daqueles que se alegram com pouco.

O motivo da nossa alegria no momento é muito!

Estamos felizes com a seção «Mesa de Pista» que o Antônio Maria assina em «O Globo». Informativa cem por cento e duzentos por cento associativa até agora.

Bota a gente na intimidade dos figurões da sociedade sem nos ferir porque é escrita na linguagem que falamos e sem os ferir temos a certeza. Por isso que quem escreve é o Antônio Maria e tôda gente (menos um) gosta do Antônio Maria.

Parabéns a «O Globo» e ao Antônio Maria por tão feliz união. Que o Ano Novo seja próspero são os nossos desejos, moço Maria.

ÁGUA PARADA

Fico triste.

Foi um grande programa êsse que se chama «Balança mas não cai». Foi...

No dia 31 — era o último 31 do ano — o papai ouviu o balança. Que pena...

Êste que foi um programa pioneiro de realizações humorísticas no nosso rádio, não soube, não quis ou não pôde acompanhar a evolução...

Quando quiz talvez já estava em cima do desagrado e está sendo aquilo que o papai ouviu naquele 31 último do ano.

É pena porque o «seu» Pelópidas Gracindo tem valor e boa vontade que espalha por aí...

Daqui da «Canção do Asfalto, com os votos de um melhor ano de 1955 mando o estribilho de uma outra canção:

— Entrega o estandarte pra Conceição...

A JÔVITA ISCUITÔ

Iscuitô e se apavorô côa Ruth de Barros (?) cantano lá no pograma do brahma choppe... ninguém se intendêro!...

A moça tava na segunda, o côro na primera. No fim, o trombone quiria acabá antes o diabo da música. Parecia até briga de marido e muié... Dispois a Jovita iscuitô a Gilda Barros cantano um samba do Raul junto com o Zequeti... sinceramente a Jovita ficou triste. A Gilda cantano aquêles melódicos durante o ano é um espetaco (é espetaco mesmo, tá?) Mas no Carnavá é um espetaco à parte. Assim também não Gilda! Tu vai, perdê os fãs, tu vai vê. Para cum isso.

A Jovita continuô iscuitano o tá de brahma choppe. O brahma choppe é bam mas no carnavá é muito ruim. Tudo é im ritmo de carnavá dispois que tá todo mundo bêbo. Não se salvou nem o Trio de Ouro no samba do presidente não morreu... O trombone danado, as pele do tamborim isticada prá tocá na rua. Horrível! Só iscapô mesmo uma marcha qui uma moça cantô, assim mesmo pruquê é bunita de mais a tal marcha e num ôve jeito!

Vá lá qui nas irradiação isterna o negoço vá da varsa más quando é na rádio mesmo, num custava miorá um bucadinho! Vamos miorá minha gente. Sem bronca tá?

NOTICIÁRIO

- E veio na madrugada o Sachas. O Machado está feliz, o Luís eufórico e nós os contratados respiramos...

- O Chico Anísio não sei, mas parece que está mesmo precisando ir aos barbadinhos...

- Se não chegasse uma sinusite (?) braba que o brôto arranjou no fim do ano, teve ainda um jeito de entrar o 1955 com uma operação de apêndice. É de morte o «brôto»!

- E foi o aniversário do Vítor Costa e a gente ofereceu uma lembrança. A gente, sim. O papai aqui entrou com duzentos cruzeiros prá você.

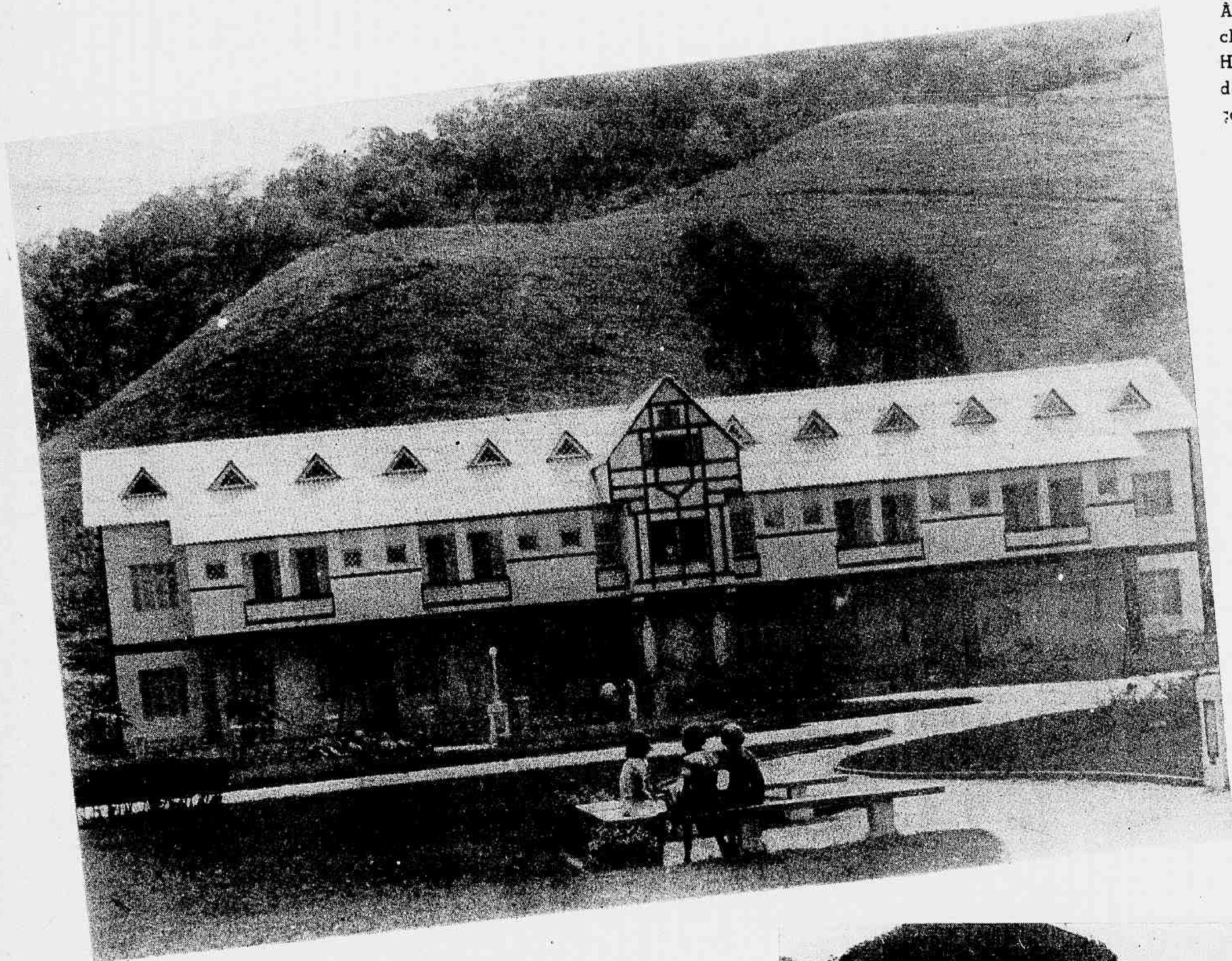
- A Colúmbia — gravações, essa que surgiu com o Cauby Peixoto e Sílvio Caldas como bandeira de luta, é de morte também...
Se não acreditam, procurem tomar conhecimento do contrato que fizeram com a cantora Ruth de Barros...

- Muito interessante o trabalho da crônica em geral nêste fim de ano. Resolveram fazer um retrospecto das diversas atividades da vida brasileira. Ouvi o retrospecto da crônica cinematográfica da Rádio Continental e mando daqui com os votos de Feliz Ano Novo os parabéns à cem por cento informativa. Está de parabéns Manoel Jorge pelo «big broadcasting» que soube organizar.

A FRASE DA JOVITA

O mal do rádio é que gente do rádio não ouve rádio...

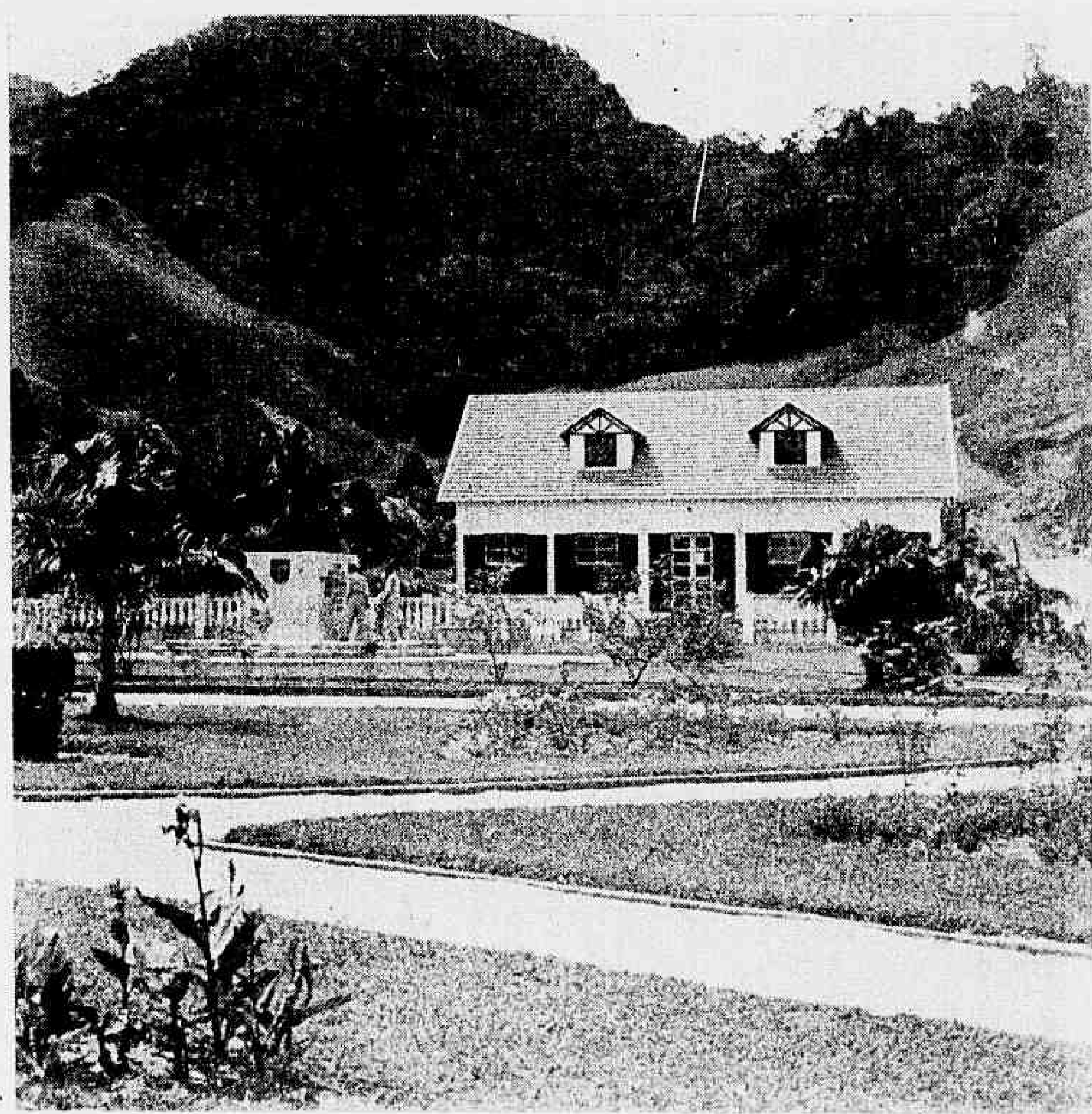
NO MELHOR CLIMA DAS MONTANHAS



À esquerda — Fachada principal do Hotel Imperador, defrontando a praça central de Domingos Martins (Campinho)

EM DOMINGOS MARTINS (Campinho)
A pitoresca cidade serrana





A festiva inauguração do Hotel Imperador reuniu número considedável de convidados vindos de vários pontos do Espírito Santo. A gravura mostra parte dêsses convidados no refeitório do hotel.

À esquerda — Vista parcial da aprazível cidade de Domingos Martins (Campinho) onde está localizado o Hotel Imperador.

O MELHOR HOTEL DO ESPÍRITO SANTO

FOI inaugurado no dia 6 dêste mês o **Hotel Imperador**, edificado na principal praça de Domingos Martins (Campinho), aprazível cidade do interior do Es'ado do Espírito Santo. Obra idealizada e construída pelo deputado Jefferson de Aguiar, o hotel inaugurado constitui um magnífico marco do progresso fantástico que atravessa aquela unidade da federação brasileira.

O Hotel Imperador está dotado de todos os requisitos do confôrto moderno, tendo salões, varanda e salas, além de 11 apartamentos e 28 quartos, água corrente em todos os cômodos, chuveiros elétricos, jardins, ótima cozinha e serviços incomparàvelmente perfeitos. Com o intuito de bem atender aos seus hóspedes, o proprietário do hotel contratou os serviços especializados do casal Kurt Lewin-d. Santa Lewin, que, pela apresentação que deram do hotel na sua inauguração, já demonstraram esfôrço e competência inexcedíveis.

O mobiliário do **Hotel Imperador** foi fornecido pela firma Kastrupe & Cia., do Rio de Janeiro, os colchões pela firma Orlando Antenor Guimarães & Cia., de Vitória, representantes da afamada marca Divino, a rouparia foi atendida pela firma José Silva Tecidos S.A., e o material de cutelaria, cristais, etc., foi fornecido pela firma Rodrigues d'Almeida Comércio e Indústria, ambas do Rio.

A cidade de Domingos Martins (Campinho) está situada na zona montanhesa do Espírito Santo, onde o clima frio — o saudável frio sêco — e a tranqüilidade ambiente asseguram estação de repouso salutar. A água cristalina que a abastece, é um penhor para a saúde daqueles que a visitam.

Os aspectos que ilustram estas páginas mostram a perfeição da obra, o bom gôsto e o cuidado que presidiram a sua construção, orientada com o superior interêsse de bem servir aos hóspedes do notável estabelecimento hoteleiro.



Salão



Refeitório



Corredor

Apartamento



HOTEL IMPERADOR

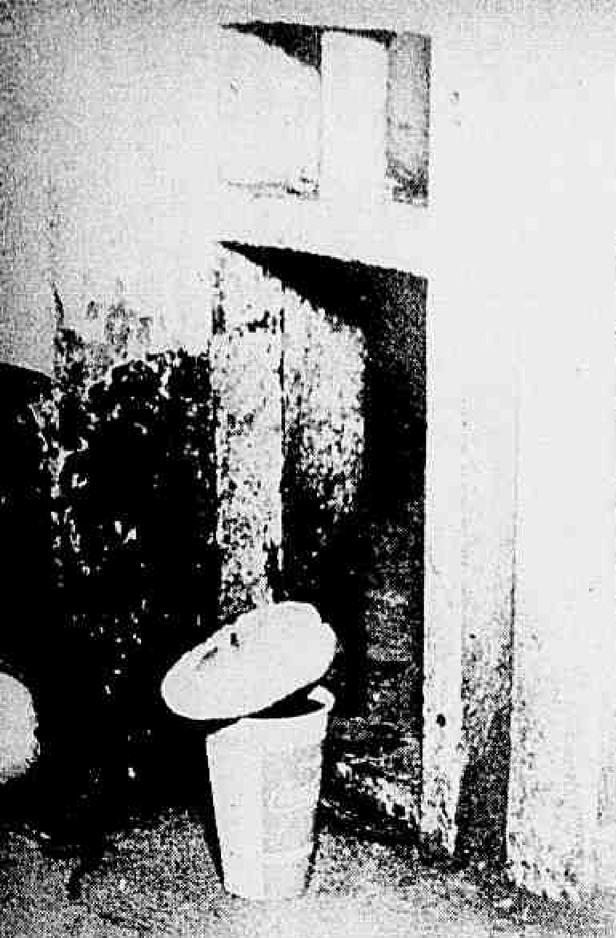
Uma casa ideal para o seu repouso

DOMINGOS MARTINS

(Campinho)

Um clima ideal para as suas férias.

ESTA É A VERDADE S



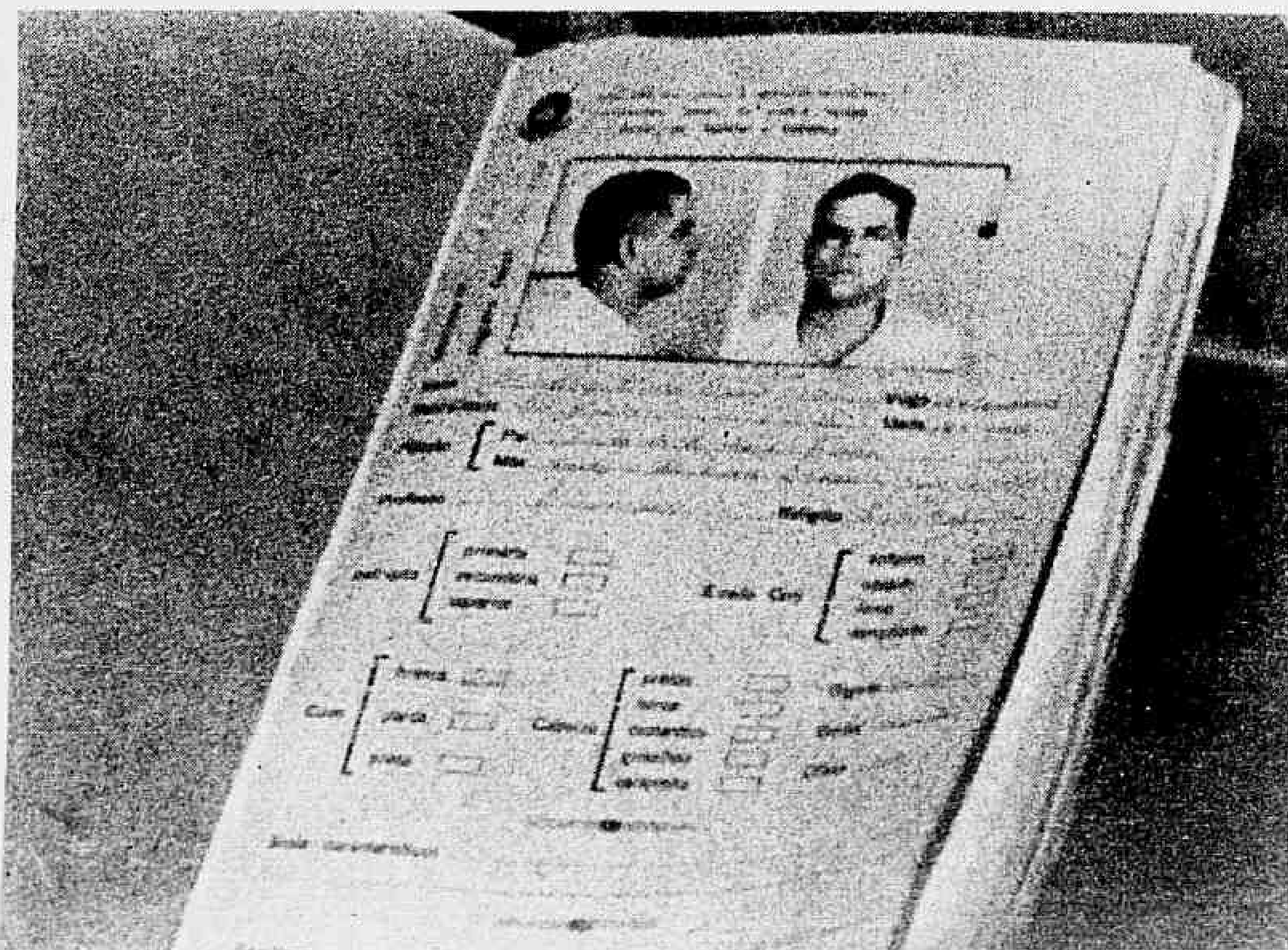
«Sete Dedos» faz a greve da fome rejeitando os alimentos que lhe servem.



Pelas grades desta cela onde Menegueti passou vinte anos, os sete dedos de Benedito Lima César aparecem ávidos de liberdade e crispados de ódio

UMA ENTREVISTA COM A FAMÍLIA DO BANDIDO

A fôlha criminal de «Sete Dedos» registra um rosário de crimes. Já infringiu quase todos os artigos prescritos no Código Penal Brasileiro.



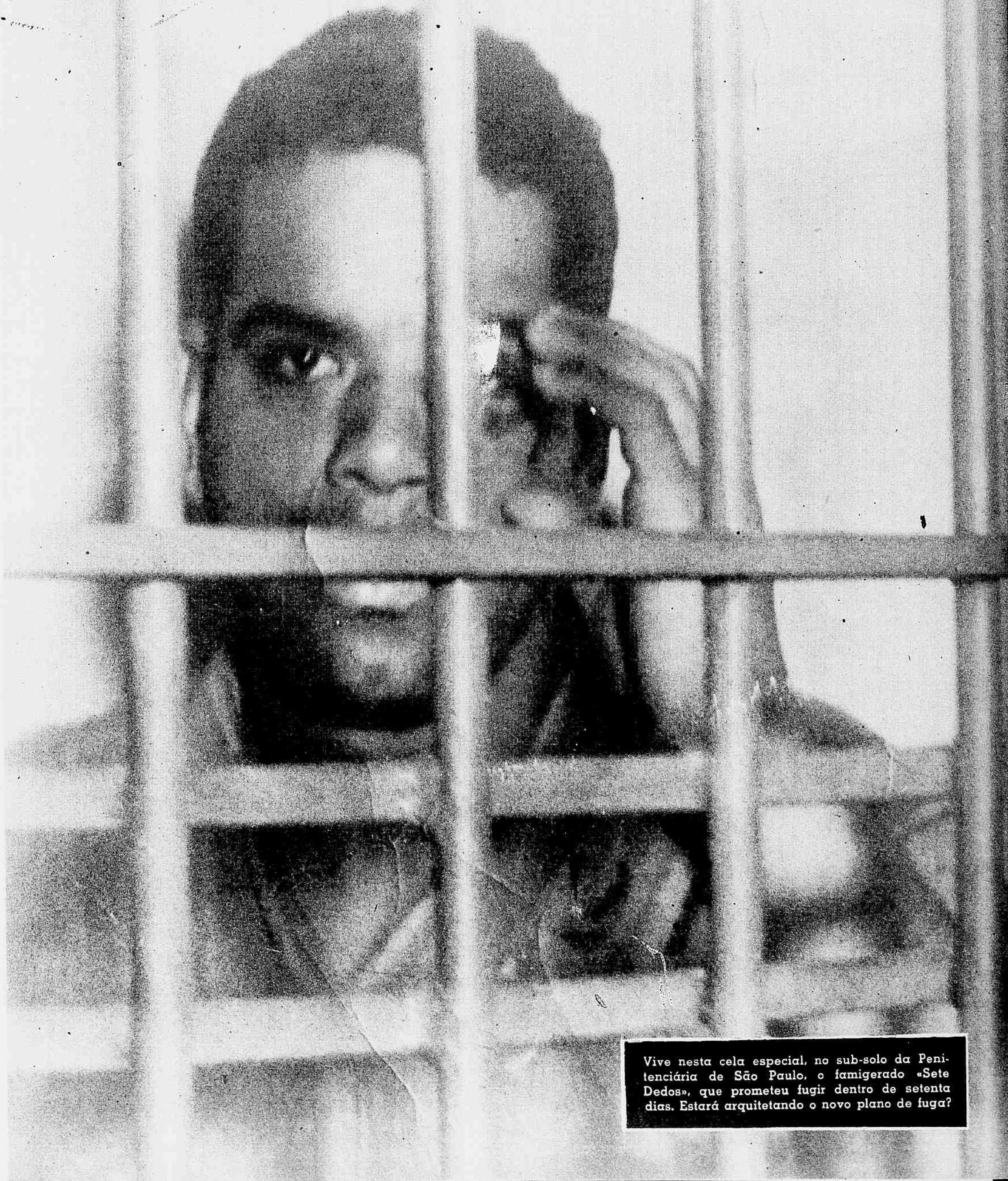
RECADO DO FACÍNORA AOS PARENTES, ENVIADO PELO REPÓRTER DA «REVISTA DA SEMANA»: «DIGA P'RA MAMÃE QUE MANDE MINHA IRMÃ ME VISITAR, EU GOSTARIA MUITO DE VÊ-LA ★ AO SABER DA PRISÃO DO FILHO, O PAI DE «SETE DEDOS» ENLOUQUECEU ★ AGREDIDO PELO IRMÃO DO CRIMINOSO, O REPÓRTER QUE ENTREVISTAVA SUA MÃE ★ CENAS PUNGENTES DENTRO DE UMA CASA, NO INTERIOR DE SÃO PAULO

Reportagem de VINÍCIUS LIMA
(Primeira de uma série)

DO
A»:
MÃ
ÃO
TE
LO
RE-
N-
LO
A

SÔBRE "7 DEDOS"





Vive nesta cela especial, no sub-solo da Penitenciária de São Paulo, o famigerado «Sete Dedos», que prometeu fugir dentro de setenta dias. Estará arquitetando o novo plano de fuga?



Os pais de «Sete Dedos», sr. Joaquim César, que enlouqueceu quando o filho foi prêso, e d. Florência, que reviveu a história acidentada do filho.

UMA ENTREVISTA COM A FAMÍLIA DO BANDIDO

DESDE a inauguração da Penitenciária de São Paulo, há 40 anos, «Sete Dedos» foi o único detento que conseguiu fugir (cavando um tunel de 11 metros) e ainda levou em sua companhia 7 outros condenados, inclusive o famoso Álvaro Carvalho da Conceição Fartto, vulgo «Portuga», morto durante a fuga em massa da prisão da ilha de Anchieta em 1953. Também fugiu nesse dia (29 de outubro de 1951) o tristemente famoso «Diabo Louro» que morreu recentemente na cela número 504, a mesma em que Meneguetti passou 20 anos de sua vida e onde foi agora encarcerado «Sete Dedos».

Disse o famoso bandido que fugirá dentro de 70 dias. Benedito Lima César é macumbeiro (Quimbanda) respeitado, já realizou fugas inacreditáveis, porém, no local em que se encontra atualmente, no sub-solo da mais sólida prisão brasileira... é muito difícil. Mas para «Sete Dedos» nada é impossível, se querem ter uma idéia de como não se pode afirmar nada nêsse particular a respeito do famoso facínora, eis o que dizia a «Fôlha da Tarde» de São Paulo, à 30 de novembro de 1949: «Estas serão as últimas fotografias batidas de «Sete Dedos». Condenado que será, a penas que, somadas, darão mais de 100 anos, por certo morrerá atrás das grades de Caranderu, de onde, desde a sua fundação, ninguém jamais escapou».

Dois anos mais tarde «Sete Dedos» quebrava o tabu da famosa cadeia e fugia espetacularmente, provando que para um homem desesperado não existe prisão suficientemente forte.

CARA A CARA COM O BANDIDO

REVISTA DA SEMANA, procurando dar aos seus leitores uma cobertura honesta sôbre o mais famoso e cruel bandido paulista, enviou um de seus repórteres a São Paulo com o objetivo de quebrar a incomunicabilidade do bandido, e descobrir também sua família para, dessa forma, apresentar a verdadeira história de um homem que durante muitos anos foi o terror da polícia brasileira porque atira para matar, e principalmente em policiais, já tendo a seu crédito a morte de dois policiais militares mineiros (Uberlândia-Triângulo) e mais dois investigadores da polícia civil de São Paulo.

Pensando em tudo isso, no dia 6 de janeiro do corrente, o repórter desta revista, em companhia de Mário de Oliveira, repórter policial de S. Paulo, dirigiu-se à Penitenciária do Estado, no subúrbio de Caranderu, a pretexto de reportar os festejos do dia de Reis ali levados a efeito. Depois de uma série de dificuldades, das quais a mais difícil foi passar pelo carcereiro de «Sete Dedos», sr. Antônio Porfírio da Silva, atingimos a cela 504, no 1º Raio do 2º Pavilhão — Sub-solo.

Enquanto a direção da Penitenciária distribuía cigarros aos detentos, o repórter da REVISTA DA SEMANA através das grades fêz perguntas e fotos do bandido que tem no rosto as marcas de sôcos e ponta-pés, resultado da luta que mantêve com os policiais do Rio que o prenderam na praça Saens Penna.

— Você está bem, Benedito? (Êle detesta a alcunha)

Sete Dedos olhou de soslaio. Parecia uma fera acuada. Escondeu a mão aleijada (cuja história autêntica contaremos em outra reportagem) e segurou as grades com aquelas mãos possantes que já estrangularam. Insistimos:

— Benedito, através de um companheiro, um antigo companheiro seu já consegui descobrir seu endereço...

— Quem foi?...

— Não posso dizer.

— Qual é o enderêço?...

— É em Vila Matilde, no interior. O nome da rua é Carlota, número 8. Pelo menos mande dizer algo à sua mãe, pois pretendo entrevistá-la.

«Sete Dedos» pensou alguns segundos. Sua fisionomia transmuda-se um pouco. Parecia suplicar quando disse ao repórter:

— «Diga p'ra mamãe que mande minha irmã me visitar, eu queria mesmomesmo que ela viesse aqui.»

A casa da família do terrível facínora «Sete Dedos», situada numa rua silenciosa e tranqüila de Vila Matilde, no interior de São Paulo.



No quintal da residência, os pais de «Sete Dedos» procuram refugiar-se das amarguras da vida e da objetiva do repórter, examinando as plantas...



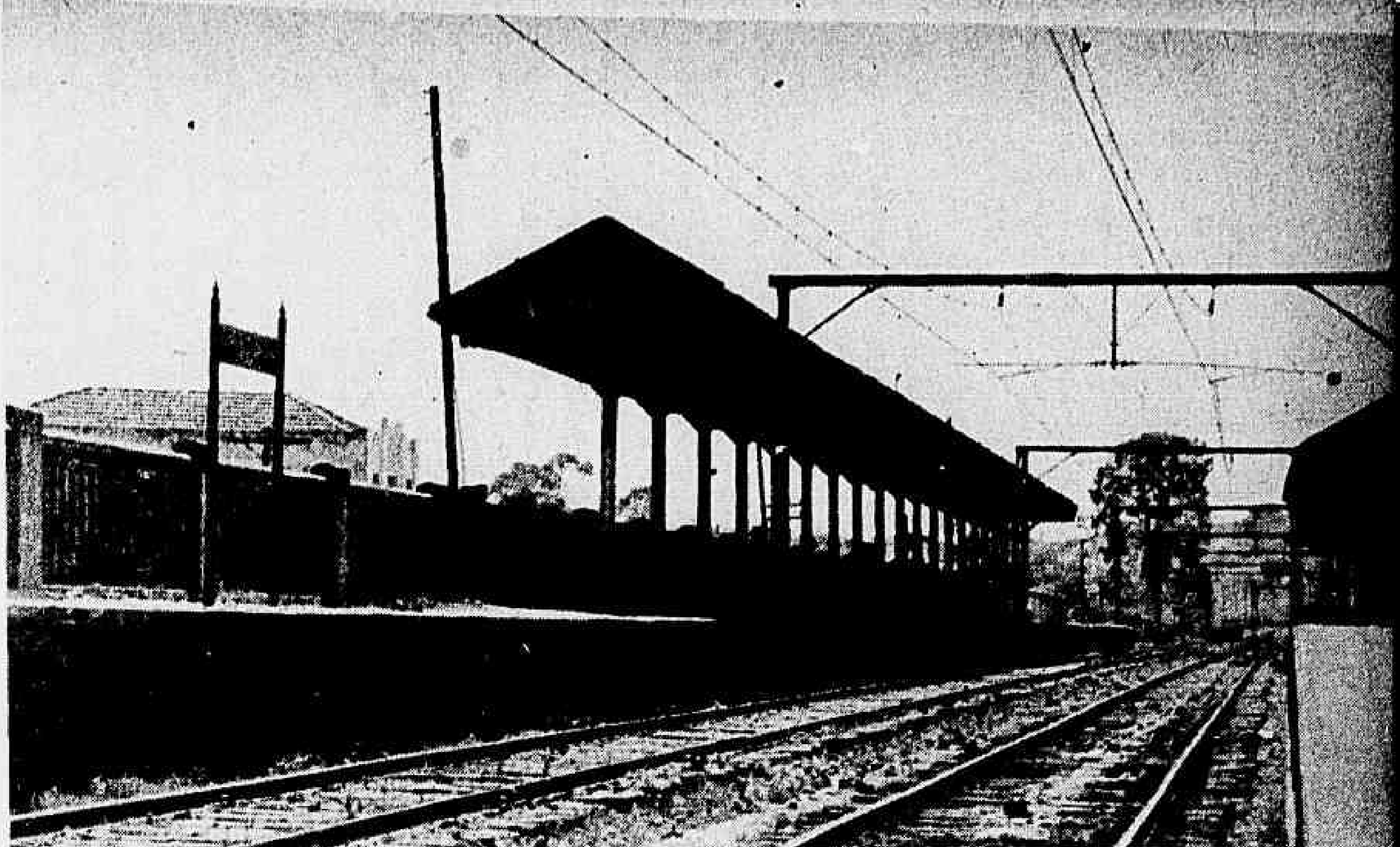
— Você gosta muito de sua irmã?... É culpado? Foi maltratado? Vai mesmo fugir?...

A esta série de perguntas e outras mais, «Sete Dedos» sòmente deu resposta a uma: confirmou que ia fugir. Conseguirá?...

Um dos inúmeros guardas que vigiam a cela e suas proximidades apareceu e tivemos que nos afastar, mesmo porque recebemos ordem de regressar ao salão dos festejos, pois «Sete Dedos» está incomunicável de ordem do Corregedor da Justiça de São Paulo.

ENLOUQUECEU O PAI DO BANDIDO

Quando o pai de «Sete Dedos» sr. João César, soube da fuga do filho, enlouqueceu, tendo sido internado no sanatório de Juquiri, onde passou dois meses. Agora fomos encontrá-lo novamente alucinado: soubera da prisão acidentada do filho.



A estação de Vila Matilde, bem distante da capital paulista, onde a reportagem conseguiu localizar a família do terrível e temido criminoso.

Após a captura, de mãos algemadas, em poder da polícia, o terrível bandido «Sete Dedos» vê-se obrigado a conter sua cólera de fera acuada.



Entramos na casa de «Sete Dedos» cujo portão é munido de alarme. Sua mãe tinha na mão um belo repôlho, e uma faca de cozinha. D. Florência (A crônica disse sempre que seu nome era Olga, o que não é verdade), embora surpreendida pela presença do repórter, mostrou-se muito amável, demonstrando ser mulher de extrema bondade e de bôa educação. Inicialmente pediu ao jornalista que mandasse retirar o carro (táxi 10-40-62 — motorista Antônio Leite, baixo, louro, nascido em Belém do Pará) das proximidades, o que foi feito. Retomado o fio da meada que então se iniciara, d. Florência falou, antes mesmo que o repórter a interrogasse: «Sou religiosa, sou evangélica, me deixe em paz que eu não tenho culpa... O sr. é polícia, não é? Pois êle já não está prêso? Que é que vocês querem mais?

— Não, não sou polícia, — disse — sou repórter.

— É a mesma coisa...

A pobre mulher tremia, tinha mêdo. Lágrimas rolavam-lhe da face dando vontade ao repórter de desaparecer dali, pois, afinal de contas, d. Florência tinha tôda a razão. E prosseguiu:

— É um inferno. Sei que o sr. está dentro de sua profissão, mas o meu marido está louco por causa dêsse filho. É a segunda vez, a primeira foi

Neste velho casarão funciona a Penitenciária de Caranderu, em cuja cela 504 está «Sete Dedos» trancado a sete chaves.



UMA ENTREVISTA COM A FAMÍLIA DO BANDIDO



Nossa objetiva conseguiu captar esta expressão de ódio contra o repórter que hàbilmente transpôs a cortina de ferro da velha Penitenciária.

quando êle fugiu. Desde os doze anos que êsse menino não me dá sossêgo. E se o senhor está pensando que esta casa foi comprada com o dinheiro de Benedito, está enganado. Meu marido é aposentado dos Correios e Telégrafos, nós somos do trabalho, mas tudo que o Salomon ganha (referia-se ao filho mais moço) é para a farmácia. (mostrou depois ao repórter cêrca de 200 receitas) O rapaz está noivo e não pode casar... A irmã não namora porque tem vergonha do irmão. Era só o que eu queria, que ela casasse para eu morrer, pois isto não é vida...»

A pobre senhora não parava de falar. Surgiu seu marido, oportunidade que o repórter aproveitou para fazer algumas fotos sob protesto. Havia pelas parêdes fotografias outras que, com lente de aproximação, reproduzimos. Enquanto isso, d. Florência permanecia sempre falando:

— Se é a vida dêle que o sr. quer saber, eu vou lhe contar e o sr. vai depois embora. Olhe, olhe o meu marido em que estado se encontra...

AGRESSÃO AO REPÓRTER

Surgiu de repente na sala um homem forte, de chapéu de carnaúba e camisa de mangas arregaçadas. Tinha na mão um martelo e suava muito. Era «Sete Dedos». Até o sinal no queixo. Era o «Sete Dedos» com quem o jornalista conversara na véspera. Teria fugido?...

O rapaz avançou para o repórter, falando: «Miserável, deixa minha mãe em paz!...»

Houve um princípio de luta, mas o jovem acalmou-se porque sua mãe exigiu que parasse:

— Salomon, peça desculpas ao rapaz. Não faça uma coisa dessas! Você quer ter o fim do seu irmão?...

Compreendi que se tratava do irmão mais jovem de «Sete Dedos» cuja semelhança com o bandido é espantosa.

Salomon, obstado pela mãe, deixou a sala mas logo voltou armado de enxada, permanecendo com a «arma» nas mãos, na porta dos fundos, durante as duas horas que o repórter ainda se deteve na casa.

Com a confusão, gritos e discussão havida, centenas de pessoas (que ignoram ser ali a casa da família de «Sete Dedos») das redondezas, aglomeraram-se na porta principal, procurando saber o que havia, mas não tardou que os ânimos se acalmassem e que o próprio Salomon Lima César contasse alguma coisa do irmão ao jornalista:

— De vez em quando chegava uma queixa em casa. O Benedito, desde os 12 anos que quase ninguém sabe dêle. Agora, retire-se porque minha mãe está doente...

A mãe do rapaz interveio:

— Que falta de educação. O sr. perdoe o rapaz. Não quero que o sr saia daqui pensando mal de meu filho, nem que dê queixa dêle. Seria uma desgraça. Êle é meu arrimo. Êle me sustenta, é um bom rapaz. Está exaltado por minha causa, mas é um bom homem, não faz mal a ninguém...

— Mas quase me abre a cabeça com o martelo...

— Êle está doente, não pode suportar ver o pai sofrer como sofre. Benedito não é mais meu filho...

Interrompemos para dar o recado: Êle pediu para a irmã ir visitá-lo

— Não, não deixo porque êle iria sofrer mais vendo a irmã de que êle tanto gosta, e ela também iria sofrer com isso. De minha parte, só se êle estiver à morte num hospital, não quero mais saber de um filho que só faz mal ao seu próximo, coisa que a minha religião condena. Matando, matando... Eu posso viver assim, sabendo que meu filho é um assassino?... Como é que pode, meu Deus? Eu na igreja e meu filho tirando a vida dos outros e roubando... Cada vez que eu leio os jornais, o sr. não magina o que é ler num jornal que o filho da gente matou e roubou... Não, êle não é mais meu filho, e o sr. me censura por isso? E o sr. sabe? o nome do meu marido é João, o pobre mudou tanto que nós já o chamamos como êle quer...

Mas o que importa? O outro irmão que é condutor de bonde também está doente. Êste aqui — disse apontando para o filho presente — o Salomon, coitado, nem casar pode comprando remédios p'ra mim. Mas o Benedito, não sei porque Deus fêz isso comigo...

A infeliz senhora não dava ao repórter uma oportunidade de fazer perguntas. Falava, falava, cortando sempre o belo repôlho, enquanto o marido, meio abobalhado, a tudo assistia, perguntando apenas:

— Que foi, que foi, hein?...

A cena era demasiado triste. O repórter prometendo que não levaria a sério a agressão de Salomon e que até lhe dava razão, pois era natural seu desespêro, e d. Florência (que a imprensa julga chamar-se Olga) insistindo:

— Meu filho, meu filho. Eu fiz tudo para educá-lo, mas as queixas chegavam de hora em hora. Era o Benedito brigando, era o Benedito tirando as coisas, até que nós fomos obrigados a mandá-lo para o reformatório. Houve um tempo, uma mulher. O sr. sabe, êle gostou e gosta dessa mulher e veio da Venezuela, não porque sentisse saudades de São Paulo, do Brasil ou da praça Saens Penna, mas porque foi ali que êle a viu pela última vez. E espera voltar a reencontrar-se com ela, uma mulher feia, uma mulher feia, e antes fôsse essa mulher, antes fôsse...

A VERDADEIRA HISTÓRIA DE «SETE DEDOS»

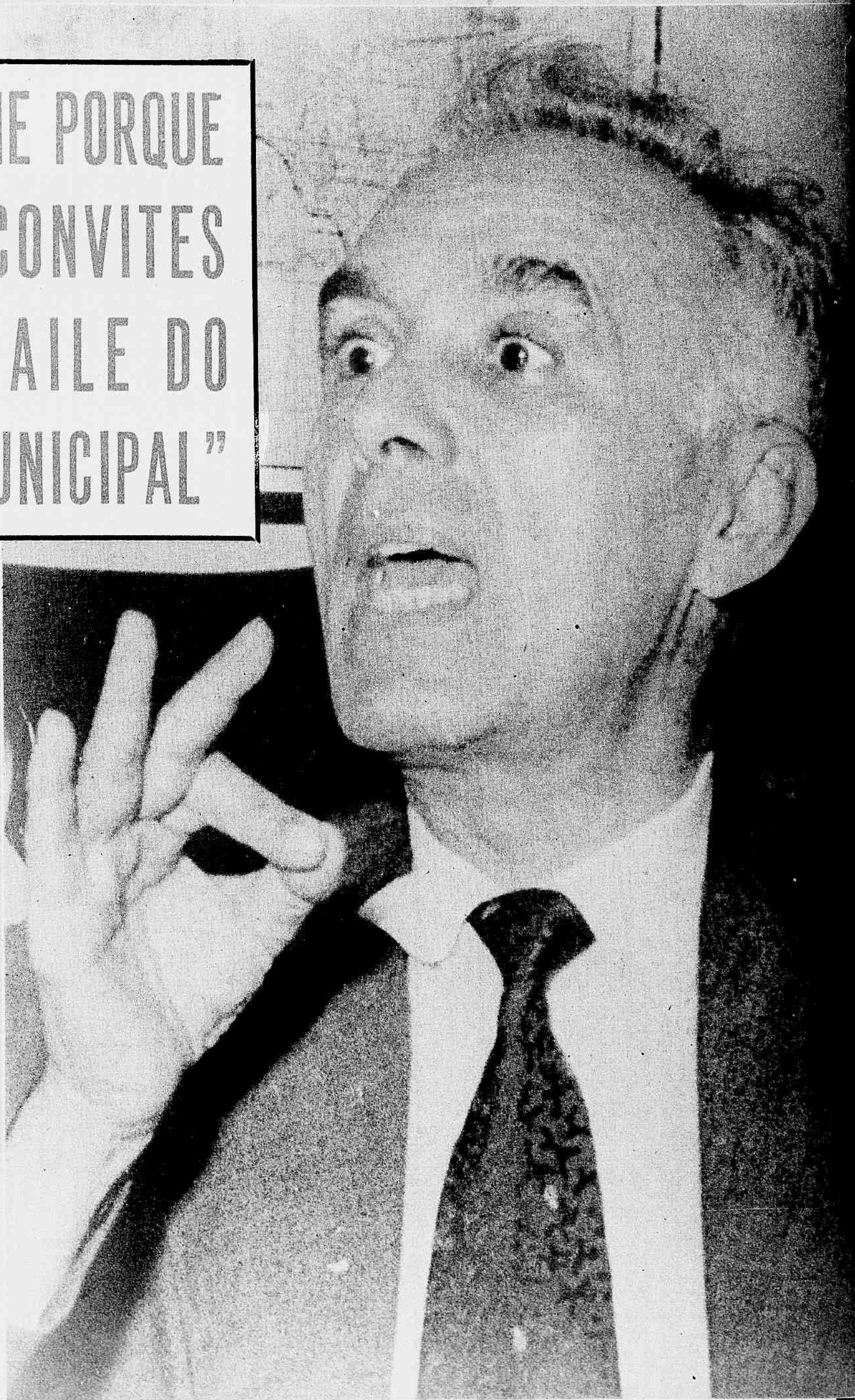
Infelizmente, não é possível à REVISTA DA SEMANA publicar tôdas as declarações de «Sete Dedos» e de sua família, em apenas uma reportagem, razão pela qual, na próxima semana, concluiremos esta reportagem, publicando a fotografia da mulher que apaixonou o bandido, e também a fotografia do seu irmão cuja semelhança com o criminoso é inacreditável. Por êsse motivo o jovem Salomon já foi prêso várias vêzes, salvando-o o fato de possuir todos os dedos das mãos, pois que até as impressões digitais de ambos são idênticas.

Um dos guardas responsáveis pela incomunicabilidade de «Sete Dedos». Teve sua vigilância burlada pelo repórter, que logrou chegar à cela 504.



FALA O AUTOR DA "FILA DA FOME"

"ATACAM-ME PORQUE NÃO DOU CONVITES PARA O BAILE DO TEATRO MUNICIPAL"



AS QUEIXAS DO SR. ALFREDO PESSOA ★ A "FILA DA FOME", O BAILE DE GALA E OS PROBLEMAS DO TURISMO ★ PEDIDOS SEM CONTA, DE EXONERAÇÃO ★ EM BUSCA DE UMA LEI FEDERAL PARA AMPARAR O TURISMO

Reportagem de
FRANKIE MILO

Fotos de
ARNALDO VIEIRA

— «O Baile do Municipal dá lucro, todos os anos!»

"PODEM ATACAR-ME COMO QUISEREM"

O cidadão Alfredo Pessoa, que está à testa do Departamento de Turismo e Certames da Prefeitura, têm recebido uma série de qualificativos antes de seu nome. Os que procuram diminuí-lo, chamam-no apenas de sr. Alfredo Pessoa. Os que querem bajulá-lo, chamam-no de **Doutor.** E, finalmente, os que o admiram, chamam-no de **Professor.** Isto foi o que verificamos durante a longa entrevista que com êle mantivemos no seu escritório simples e arejado apenas por um ventilador, na sôbre-loja do Departamento que dirige. Esta foi a primeira impressão que tivemos do nosso focalizado: simplicidade de hábitos. Logo êle, que pode ser considerado o segundo prefeito da cidade...

Como não podia deixar de ser, os temas de nossa entrevista diriam respeito ao Carnaval, ao movimento de turismo e a uma série de fatos controversos a respeito do austero sr. Pessoa. Talvez o seu maior orgulho, depois do Departamento que organizou, nos últimos quatro anos, seja o cartaz de homem severo e intransigente que granjeou, semelhantemente a tão poucos vultos da administração do país, que ainda sabem como rejeitar pedidos e oferendas desonestas. E eis o que disse o homem forte do turismo nacional, através da «REVISTA DA SEMANA», defendendo-se dos ataques que lhe têm sido dirigidos:

— O Carnaval tem sido o motivo de grande parte do meu trabalho, neste novo ano. Sôbre o concurso de músicas carnavalescas promovido anualmente pela Prefeitura, tomei a resolução de delegar poderes ao órgão de classe, o Sindicato de Compositores Musicais, para que execute o concurso, escolhendo as melhores «modinhas» de 1955, mediante condições mínimas que eu estabeleci, como representante da Municipalidade, dentre as quais, a de fazerem parte da comissão julgadora um crítico militante de música popular e um cronista de rádio militante. Esta iniciativa é minha e só minha. O Sindicato, como órgão de classe, deve entender-se melhor com os seus associados, do que a Prefeitura. Esta limitar-se-á a fornecer o dinheiro para pagamento dos prêmios. Trata-se de uma tarefa árdua, sem dúvida, onde não se pode contentar a todos. Imagine que, no ano de 1953, eram 244 as músicas concorrentes, das quais seriam selecionadas apenas 20, como as melhores.

— Quanto ao que se propala a respeito de eu estar me eximindo, assim, da responsabilidade de reclamações, tudo não passa de excesso de imaginação, por parte de certos elementos que gostam de criticar-me. Viso, aqui, proteger a integridade moral das pessoas que costumamos convidar para julgar as músicas. Anualmente, diz-se dêste ou daquele, que recebeu tantos cruzeiros para conceder o prêmio a esta ou aquela marchinha e, assim por diante. É curioso notar que as pessoas por nós convidadas nada têm a ver com o comércio de músicas carnavalescas, sendo apenas boas entendedoras de música popular e folclórica do nosso país.

— Quantas vêzes o senhor já pediu exoneração, desde que ocupa o cargo?

— Sou do tempo de Pedro Ernesto. Ocupei bons cargos e dêles fui afastado. Com a volta do país ao regime constitucional, meu nome foi novamente lembrado pelo govêrno. Assim, desde 9 de maio de 1951, ocupo o cargo atual. Naquela época, o Departamento de Turismo existia, pràticamente, apenas no papel. Com esfôrço e dedicação, fiz dêle o que hoje é, a ponto de ser criticado como sou, e tais críticas não afetarem os trabalhos por mim dirigidos. No entanto, durante êsse longo período, não tem mais conta o número de vêzes que pedi exoneração. O Prefeito anterior, Coronel Dulcídio Espírito Santo Cardoso chegou a prometer que eu seria substituído (isso, quando, pela quarta ou quinta vez, pedia exoneração). Mas depois, comunicou que não iria substituir-me. Quando chegou aos meus ouvidos a notícia de que êle iria deixar a administração da cidade, sem mesmo saber quem seria o novo Prefeito escrevi-lhe uma carta, rogando novamente a minha exoneração. Mas, como das vêzes anteriores, o Coronel Dulcídio recusou. Ao assumir a Prefeitura o sr. Alim Pedro, acedi em continuar no cargo, depois de ter pedido insistentemente a minha substituição.

— Que nos diz a respeito das estátuas com que a Avenida Rio Branco foi decorada, apenas por algumas horas, no Natal?

— Inicialmente, devo esclarecer que, antes de tomar qualquer resolução, a respeito de decoração ou preparação dêste ou daquele logradouro para alguma comemoração popular, penso no efeito que isto causaria no seio do povo. Sou um homem vivido e conheço bem os sentimentos da massa que compõe a classe média e a mais humilde. Viso, pois, grandemente em minhas providências, o fator social, deixando de lado os privilegiados, que constituem uma minoria. No Carnaval do ano passado, por exemplo, ao mandar construir a ponte em frente ao Teatro Municipal, fui criticado de tôdas as formas, **antes** e **depois** do sucesso de minha idéia, a qual levou cêrca de uma semana a girar em minha mente. Tive em vista a situação do povo que, de outra forma, ficaria privado de ver o desfile de fantasias e a embaixada de atores cinematográficos, na ocasião em que êstes se dirigissem ao Teatro.

Com as estátuas, que o carioca apelidou de «fila da fome», «fila da agonia» e outros têrmos jocosos, resolvi proporcionar a todos os habitantes da cidade Maravilhosa uma oportunidade de transportar-se ao passado, à época em que nasceu Jesus Cristo; com isto, podiam notar a reação daqueles que moquejavam da existência de um Deus e que blasfemavam contra os católicos, mal iniciados em sua crença. Com o aparecimen-

— «Desde 9 de maio de 1951, venho sendo atacado!»

— «Mais um telefonema, e um novo favor pedido e recusado».

to da estrêla anunciando o nascimento do menino Jesus, a expressão dos rostos daquela gente devia ser essa: uns, surpresos e sentindo ódio, outros, tranqüilos e confiantes; outros, ainda, advertindo o milagre que se realizava. E assim por diante. Prejuízo, não houve. Cada estátua custou **quatro mil cruzeiros**, quando me haviam pedido **onze mil** e, o efeito que deviam causar, seria à noite, com a cidade iluminada. Em suma, procurei interpretar as cenas que antecederam o nascimento do Senhor da cristandade.

Apesar das críticas de que sou alvo, desafio os meus detratores a falar mal do presépio ao vivo, que organizei para o Natal recém-passado, na Quinta da Boa Vista, ou das três missas que foram rezadas em São Cristóvão, onde se congregaram mais de vinte mil pessoas; aquêle foi um espetáculo majestoso, único no mundo, com duzentos seminaristas cantando e três sacerdotes dizendo a missa.

— E sôbre o famoso Baile do Municipal? Vai ou não vai realizar-se? Além disso, como pretende decorar a cidade para o Carnaval?

— Na minha opinião, não devia haver baile êste ano, se bem que o Prefeito já tenha resolvido realizá-lo. Na gestão do Prefeito João Carlos Vital, quando estêve em perigo a realização do baile, impedi que a Câmara votasse o projeto a respeito. Todos sabemos que o tradicional baile é o acontecimento mais alto do Carnaval, e algo de grande importância turística e social. Apesar do que dizem de mim, tenho realizado o baile com lucro. Em 1954, por exemplo, mandei para os cofres da Prefeitura mais de um milhão de cruzeiros — Cr$ 1.024.900,00 para ser exato. Mas, não sei porque, espalhou-se a notícia de que o baile é um sorvedouro de dinheiros públicos e não há, então, fôrça humana que consiga desfazer tal conceito, inteiramente errôneo. Para o povo, em geral, êsse que eu afirmo compreender, o baile de gala representa esbanjamento e, de certo modo, uma afronta aos que não podem. Eis porque o Prefeito Alim Pedro ficou em dúvida sôbre a realização da magna festa, quando atravessamos um período de crise financeira.

Sôbre a decoração do Rio, pretendo, aproveitando o material que nos tem valido para enfeitar a Avenida Rio Branco, nos últimos anos, iluminar convenientemente a cidade. **Sim, porque, para mim, carnaval de rua é luz e música!** Nada de enfeites exuberantes e desnecessários. A madeira está muito cara — o compensado, que, no ano passado comprávamos a onze cruzeiros, subiu para vinte e seis e, tão logo saibam que pretendo comprar, aumentarão para trinta, visando ganhar mais da Prefeitura. Embora o nosso almoxarifado seja muito bem organizado, aproveitando a menor peça que seja, pertencente aos haveres da Municipalidade, o mesmo não é suficiente para a decoração da cidade.

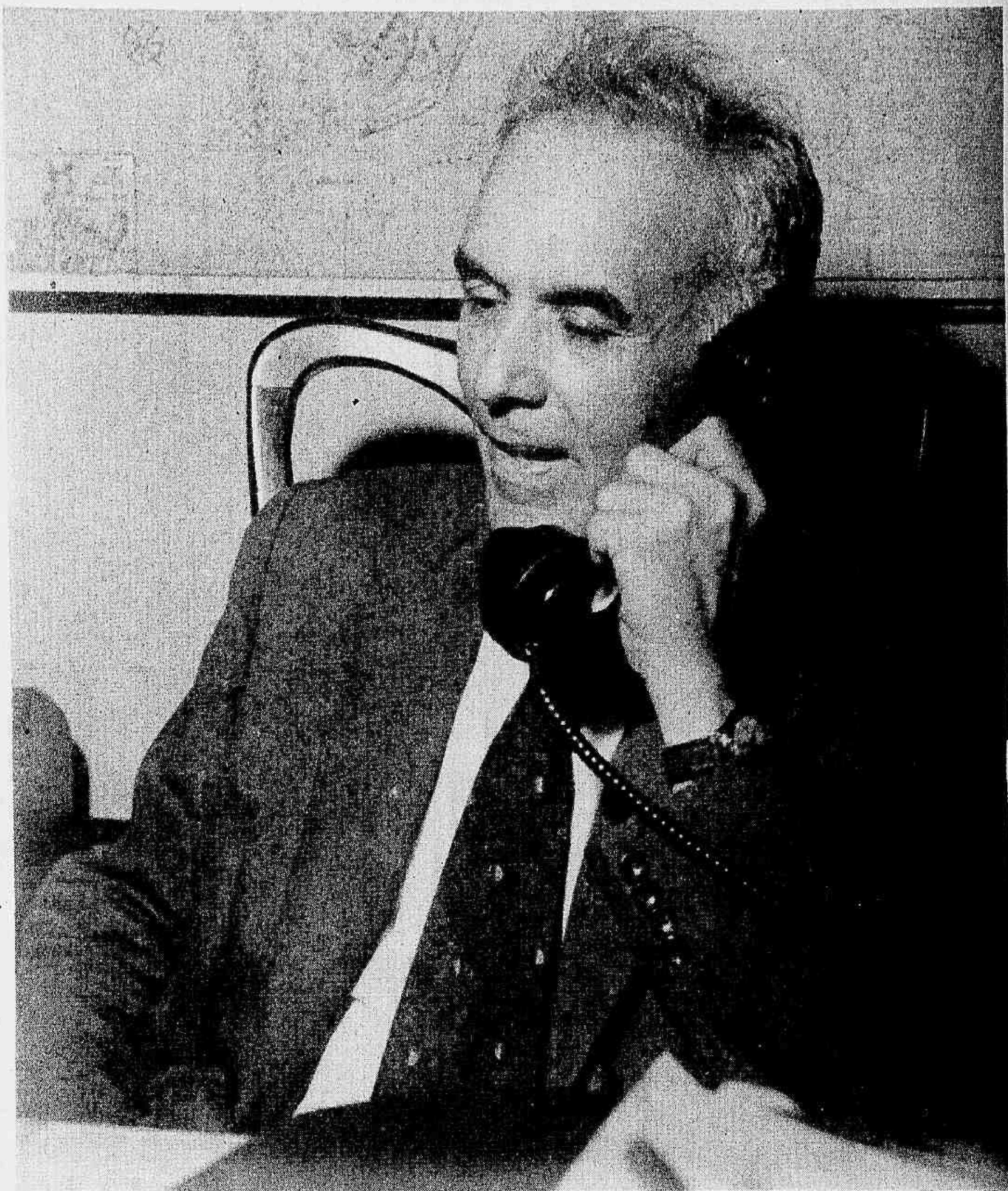
E sôbre a caça de convites para o Baile, justamente o que motiva a acerbas críticas contra o Diretor de Turismo?

— Vou explicar de uma vez: Cada convite distribuído custa aproximadamente **cento e sessenta cruzeiros à Prefeitura**, pois compreende o **bufê**. Portanto, se fôssemos atender a todos os pedidos de convites, estaríamos prejudicando a Munipalidade e o próprio povo, diminuindo o lucro do baile. Na época do sr. João Carlos Vital, certos jornalistas organizaram uma lista de 1.200 pessoas e, naturalmente, tive de insurgir-me contra uma distribuição em tão grande escala. Desde então, começaram os ataques. Atualmente, só concedo **«tickets»** para a imprensa especializada e o pessoal acreditado junto à Prefeitura. Podem atacar-me como quiserem; o fato é que, procedendo assim, estou protegendo a Municipalidade, o povo e o próprio Brasil!

— Que nos diz sôbre as acusações que lhe fazem, de ser ineficiente em promover a atração de visitantes estrangeiros? Quais os verdadeiros motivos pelos quais os turistas não visitam o Brasil?

— Não é verdade que não haja visitas de turistas estrangeiros ao Brasil. Por mais paradoxal que isto seja, o fato é que não temos capacidade de acomodação para atender — nas épocas próprias — maior número de visitantes que o que recebemos. A capacidade dos nossos hotéis de turismo é de cêrca de seis mil leitos. Pois bem, no período que se estende do mês de maio a fins de agôsto, não se encontra um lugar para quem quer que venha visitar-nos, além daqueles

— «Meu ideal é servir ao povo mesmo que às vêzes êle não me compreenda».





"ESTOU PROTEGENDO A MUNICIPALIDADE E O POVO CARIOCA"

que já conseguiram reservar suas acomodações. No Carnaval, também, deixa de vir muita gente ao Rio, porque não tenho podido reservar maior número de «tickets» para o baile de gala do Municipal, do que a percentagem que estabeleci como sendo o número exato para tal fim.

— E sôbre o projeto turístico com referência à Praia do Arpoador?

— O plano foi apresentado pelo Touring Club do Brasil. É uma realização oportuna, para o turismo brasileiro. Demos todo o nosso apoio a essa iniciativa e creio que menos de quatrocentos milhões de cruzeiros não darão para transformar o projeto em realidade.

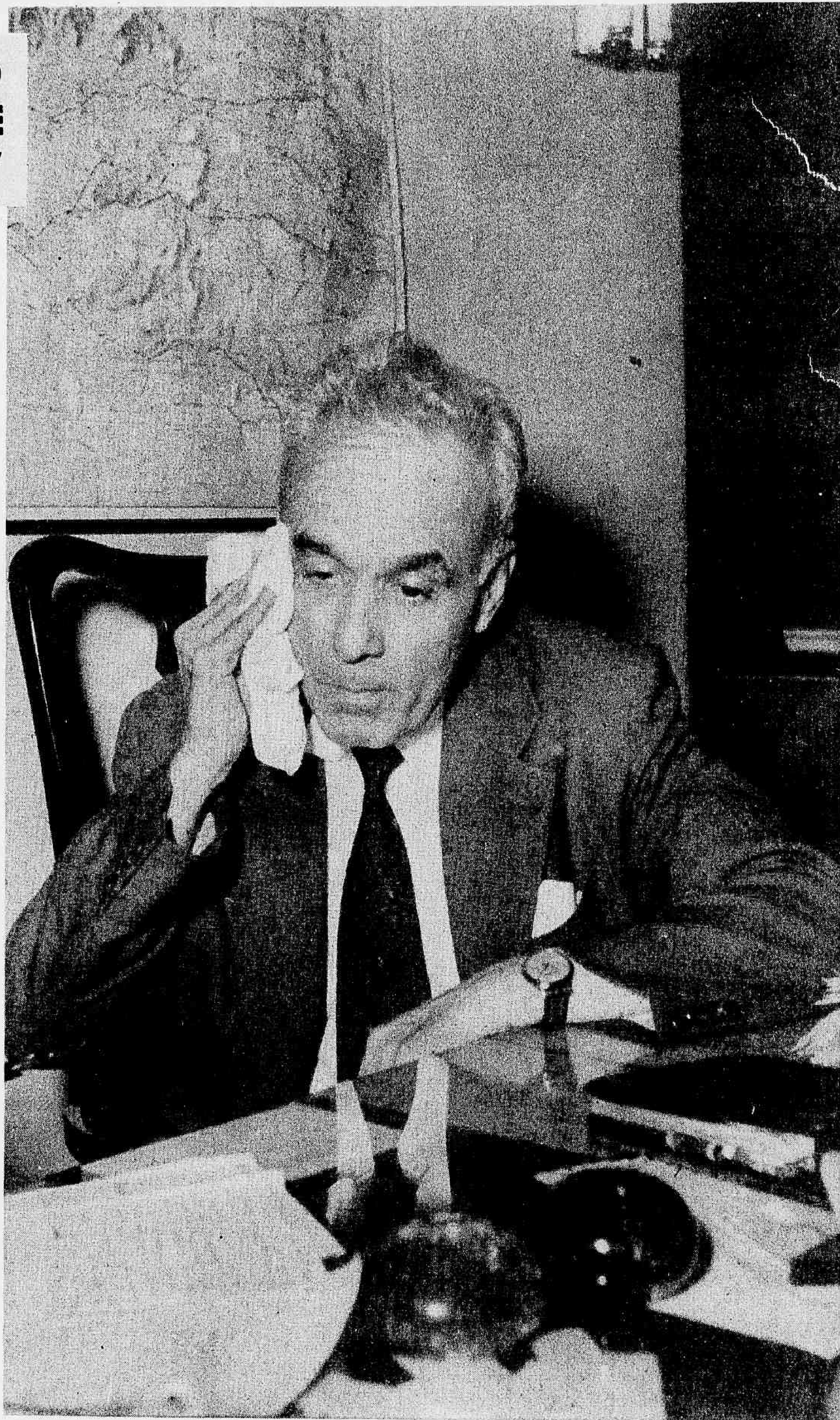
— Que achou da declaração do sr. Jacques Perrey, Vice-Presidente da Associação Brasileira de Turismo, a respeito dos cem milhões de dólares que o turismo pode dar anualmente ao Brasil?

— Isto é bem possível de se conseguir. Mas, para tudo, é preciso tempo. Veja, por exemplo, a questão dos hotéis, que citei acima. Precisamos construir novos hotéis, com acomodações suficientes. Antes, porém, necessitamos de uma lei federal, para o turismo. Tudo que diz respeito às realizações do Departamento a meu cargo tem sido estudado com carinho, e gradativamente. De há muito tempo vimos trabalhando, no sentido de pleitear o envio de uma longa mensagem ao Congresso, pedindo a criação do Departamento Nacional de Turismo. Existe já um projeto na Câmara, sob número 3.714, datado de 1953, sôbre o qual, até hoje, não houve um pronunciamento dos senhores deputados. Tenho ido com freqüência ao Palácio Tiradentes, procurando apressar o andamento do assunto, mas a burocracia é terrível, e até agora não colhi os resultados desejados. Que os brasileiros se tranqüilizem, no entanto. Tudo aquilo que depender do Departamento de Turismo, será realizado, pois nós trabalhamos sempre com afinco!

* * *

Assim se defendeu o Professor Alfredo Pessoa: apresentou os fatos e não fêz referência a nenhum de seus inimigos gratuitos. Pudemos notar que batalha, pràticamente sòzinho, contra um verdadeiro exército que procura destruí-lo. Mas êle persiste, na sua luta de moralização. Não sabemos se sairá vencedor.

É bem mais provável que, inesperadamente, venha publicada nos jornais a notícia do seu afastamento, como tantas vêzes tem ocorrido com outras figuras administrativas. Teremos, então, que torcer para que o seu substituto continue a batalhar nos mesmos moldes pois, do contrário, tudo o que já foi feito até agora, desmoronará fragorosamente, assentado que está nos ombros de um só homem, mal apoiado pelos seus superiores. E a vida continuará...



— «Estou cansado de exoneraçõ̃es».

REPRESENTANTES

Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires. Tem agentes em tôdas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO

Distribuição: A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569.

REVISTA DA SEMANA

ANO 55 — Nº 4 — RIO DE JANEIRO — 22-1-55

Propriedade da
Companhia Editôra Americana
Diretor-Presidente........................Gratuliano Brito
Diretor-Comercial........................Ivan Guimarães
Diretor-Gerente........................Wenceslau Quintais
Redatores e corretores... S. L. Guimarães, A. Mendes, S. Sant'Anna e A. Nóbrega
ENDERÊÇO E TELEFONES
Rua Visconde de Maranguape, 15
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

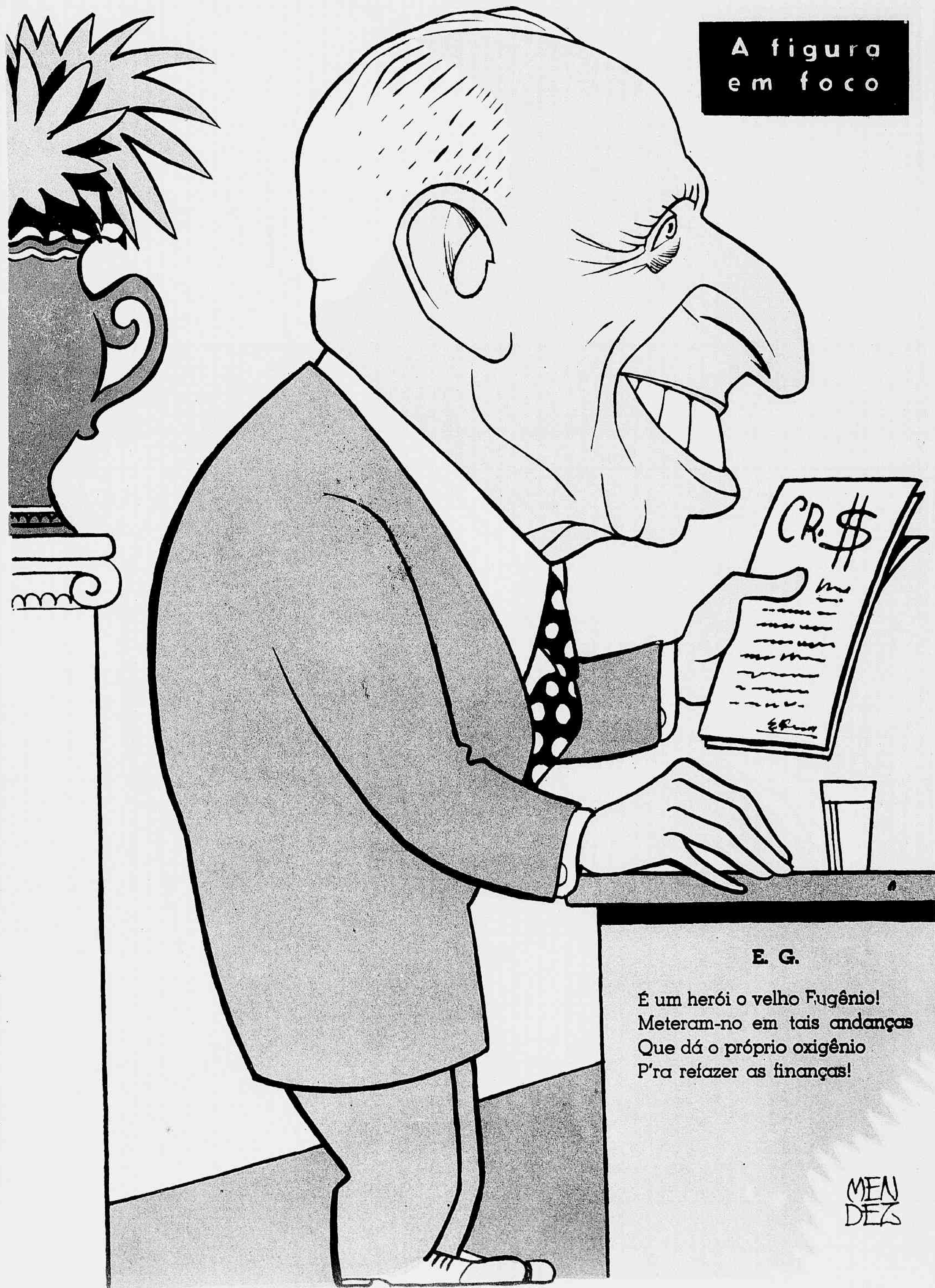
Porte simples — Um ano	Cr$ 250,00
Seis meses	Cr$ 125,00
Registrada — Um ano	Cr$ 280,00
Seis meses	Cr$ 140,00

ASSINATURA PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 400,00
Seis meses	Cr$ 200,00

O número avulso custa Cr$ 5,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 6,00.
Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

A figura em foco



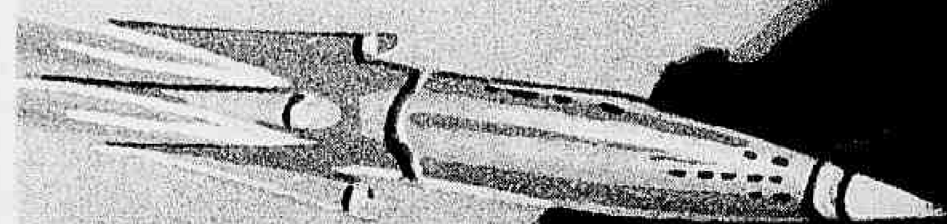
E. G.

É um herói o velho Eugênio!
Meteram-no em tais andanças
Que dá o próprio oxigênio
P'ra refazer as finanças!

SE O DISCO VOADOR VEM DE OUTRO PLANÊTA...

A TERRA MANDARÁ UMA RÉPLICA (AFIRMA A ASTRONÁUTICA)

A mais jovem ciência — a Astronáutica — tem como finalidade primordial, o estudo da possibilidade de travessias interastrais. Em edição anterior, publicamos, a êsse respeito, palpitante reportagem que inspirou ao artista Ramón, a ilustração desta página, mostrando como se daria a passagem de uma astronave tipo ultra-aperfeiçoada, expelida pelo nosso planêta, a um outro de onde ficasse provada a origem (e a procedência) dos discos voadores, hoje ainda misteriosos, mas a caminho de um esclarecimento científico absoluto. Que planêta será visitado pelo foguete-voador ou que outro melhor nome venha a ter? Qualquer um dêsses para onde, no espaço, convergem os olhos da Terra, abrindo um novo e prodigioso capítulo na história da eterna inquietação humana.



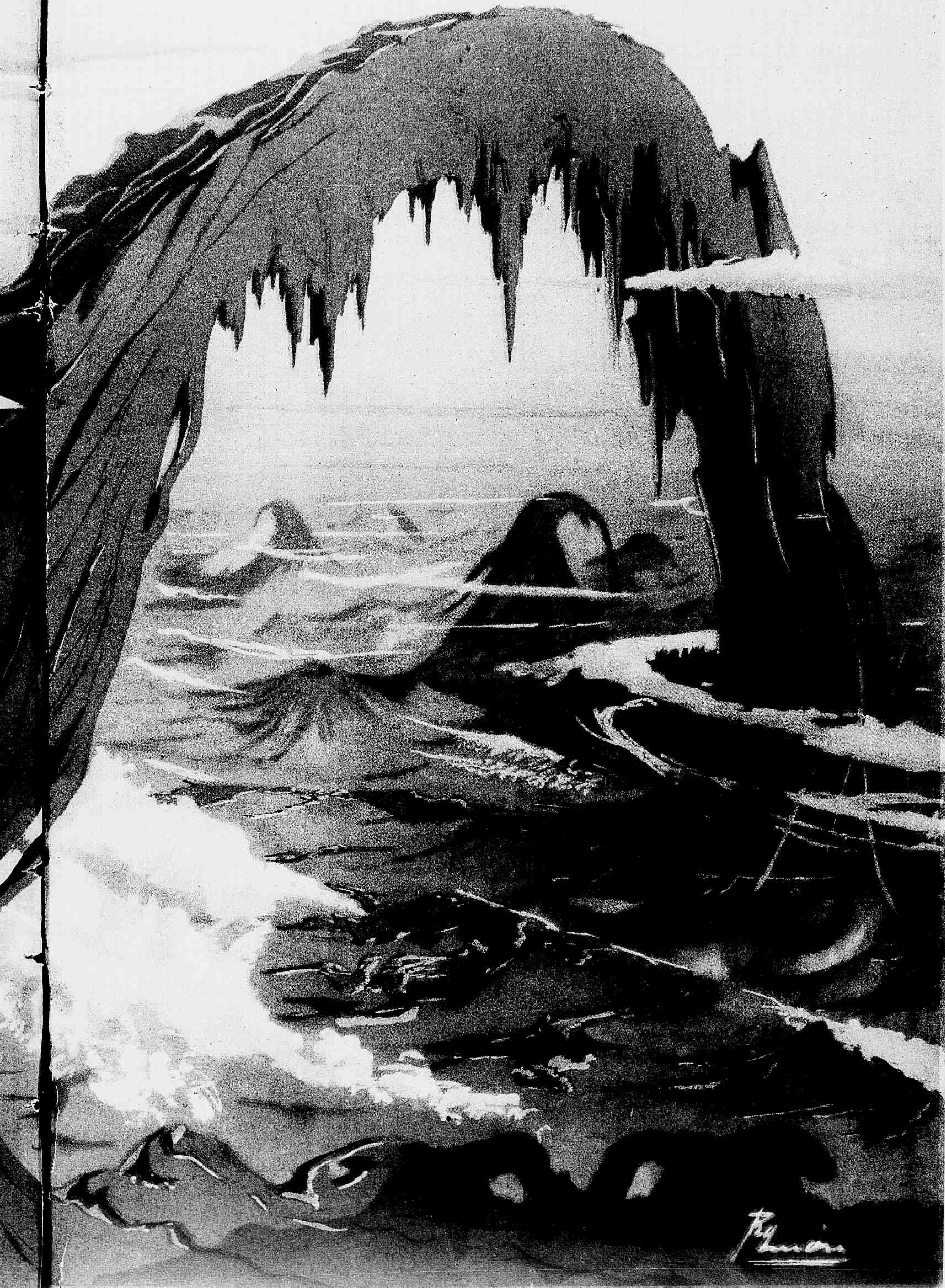
Na reportagem citada — «A propósito dos Discos Voadores» — desenvolvíamos a suposição de uma astronave, vencendo tôda a espécie de obstáculos, chegar aos planêtas do sistema solar. Que tipo de paisagem, que atmosfera encontrariam seus tripulantes?

Em Vênus, por exemplo, não existem vestígios de água, dizem os entendidos. As nuvens são constituídas pela poeira flutuante, destituída de qualquer umidade. A atmosfera dêsse astro não contém o menor traço de oxigênio, compondo-se à base do gás carbônico. Em Marte, a temperatura é sempre baixa, próxima aos 20 graus abaixo de zero. Admite-se a não existência de vida biológica em qualquer dêsses planêtas. Já em Mercúrio, a temperatura média é de 300 graus centígrados. Na Lua, a tripulação da astronave conheceria o próprio reino da morte, sem vida aparente, som, animal ou vegetal, sem água nem atmosfera. E encontraria um silêncio espetral por todo o satélite da Terra...

A Lua é, por enquanto, considerada a conquista mais fácil a ser promovida pela Terra. Distante do nosso planêta apenas 400 mil quilômetros em média, com uma velocidade astronômicamente modesta de dez quilômetros por segundo, a viagem seria feita em dez horas, tempo normal para uma travessia Recife-Lisboa. Mas, uma vez atingida a Lua, o homem teria de esperar bastante até conquistar o objetivo seguinte: À razão de mil quilômetros por hora, um avião voaria cêrca de 40.000 horas — mais de quatro anos — até chegar a Vênus, e pouco mais de seis para atingir Marte.

Para reduzir essa distância-tempo, cogitam os astronautas de alcançar uma velocidade de dez a vinte quilômetros por segundo. Só à mercê dessa vertiginosidade, um bólido, despachado da Terra, poderia chegar a Vênus ou Marte... em alguns meses. E olhe lá!

Se a imaginação não conhece limites, convidamos o leitor a dedicar alguns minutos ao exame desta página. Imagine-se um dos tripulantes do aparelho que vai contornando essas línguas de fogo, para além dos grandes espaços siderais, admitindo a possibilidade de estar vendo o que, antes, nenhum outro ser humano havia visto, e pode dar-se por satisfeito. Se é verdade que um dêsses planêtas do sistema solar, como se faz crer, anda pregando sustos aos habitantes da Terra com a presença meteórica de seus discos voadores, preparem-se êles para a revanche! A réplica do planêta Terra será mais ou menos igual à que sugere esta ilustração fantástica. Mas chegará mesmo o dia em que veremos êste sonho concretizado, nós ou nossos filhos? E haverá gente nesse planêta que mais parece um incêndio permanente?





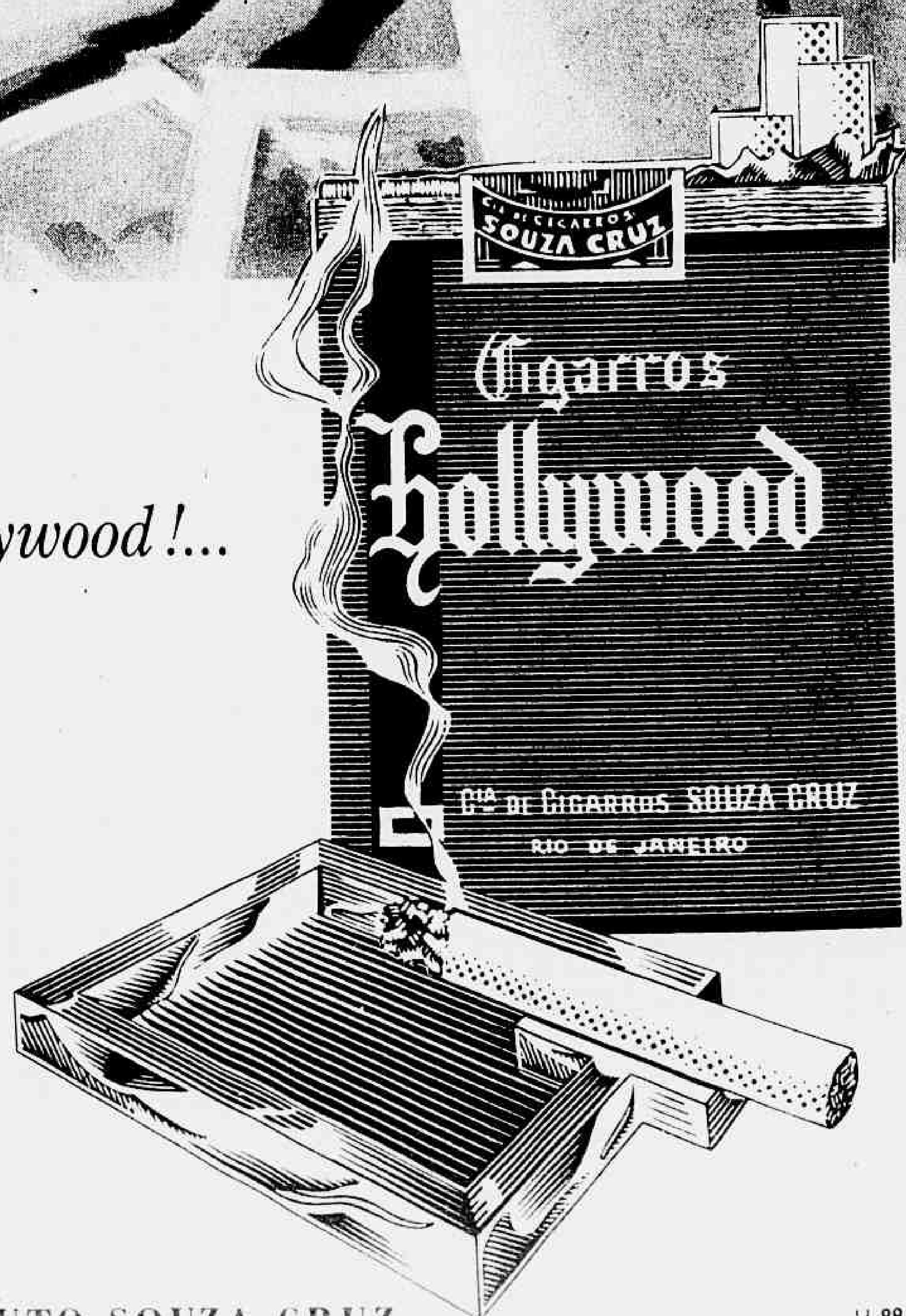
– *Tem razão...*

estou gostando muito mais de Hollywood!...

Cada vez mais pessoas estão mudando para

hollywood

uma tradição de bom gôsto



UM PRODUTO SOUZA CRUZ

H-88.287